



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EMLINGUÍSTICA

Marcelo Porto

Ações manuais em narrativas contadas por surdos em libras:
Problematizando a dicotomia “língua e gesto”

Florianópolis
2023

Marcelo Porto

Ações manuais em narrativas contadas por surdos em libras:
Problematizando a dicotomia “língua e gesto”

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa.Marianne Rossi Stumpf, Dra.
Coorientador: Prof.Tarcísio de Arantes Leite, Dr.

Florianópolis

2023

Porto, Marcelo

Ações manuais em narrativas contadas por surdos em libras: : Problematizando a dicotomia "língua e gesto" / Marcelo Porto ; orientadora, Marianne Rossi Stumpf, coorientador, Tarcísio de Arantes Leite, 2023.
148 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Libras. 3. Gesto. 4. Multimodalidade.
5. Ação manual. I. Stumpf, Marianne Rossi. II. Leite, Tarcísio de Arantes. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

Marcelo Porto

Ações manuais em narrativas contadas por surdos em libras:

Problematizando a dicotomia "língua e gesto"

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 01 de dezembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Presidência Profa. Aline Lemos Pizzio, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Evani de Carvalho Viotti, Dra.
Universidade de São Paulo

Prof. Nelson Pimenta de Castro, Dr.
Instituto Nacional de Educação de Surdos

Profa. Rachel Louise Sutton Spence, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Rodrigo Custódio da Silva, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Linguística

Prof. Valter Pereira Romano, Dr.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Profa. Marianne Rossi Stumpf, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2023

Dedico esse trabalho ao meu Deus de Luz
que me guiou à minha própria superação!

“O meio é a mensagem”
Herbert Marshall McLuhan

RESUMO

Esta tese tem como objeto investigar as ações manuais produzidas por surdos ao recontarem uma narrativa em língua brasileira de sinais (libras). O termo “ações manuais” foi adotado para se referir ao objeto da pesquisa porque os termos “sinais” e “gestos” são enviesados teoricamente devido à separação histórica entre “língua” e “gesto” no campo da linguística e áreas afins. Como objetivos específicos, buscamos descrever e comparar as ações manuais produzidas por surdos em narrativas, refletir sobre essas ações considerando o debate sobre “língua e gesto” e levantar questionamentos para o campo de estudos do gesto e da linguística das línguas de sinais a partir desses dados. A metodologia envolveu: a) gravação e coleta de “histórias da pêra” narradas por participantes surdos; b) seleção de contextos narrativos para serem analisados (i.e. ações manuais referentes à aparência do agricultor, às cestas, à bicicleta e às pêras); c) anotações dessas ações no ELAN; d) decupagem das ações anotadas em tabelas para visualização estática dos dados; e) levantamento de problematizações sobre “língua e gesto” para servirem de base à investigação. A análise foi dividida entre descrição e discussão dos dados: na seção descritiva, as ações manuais produzidas são descritas e apresentadas em figuras, primeiramente de modo isolado com exemplos representativos e depois em tabelas comparativas; em seguida, na discussão dos dados, a descrição serve de base para uma reflexão sobre quatro problematizações relativas ao debate sobre “língua e gesto”: i) a flexibilidade dos “sinais policomponenciais” ou “depictivos” (tradicionalmente chamados “classificadores”); ii) a criatividade no discurso em línguas de sinais; iii) a correlação entre os “sinais policomponenciais” e as palavras das línguas orais; e iv) o estatuto desses “sinais” enquanto “língua” ou “gesto”. Os resultados mostram que os narradores surdos produzem ações manuais bastante diversificadas entre si para se referir aos mesmos referentes (coisas e eventos) da história da pêra, demonstrando alto nível de criatividade e idiosincrasia em seus discursos. Além disso, ações manuais convencionais na libras são flexibilizadas de maneira local e ad-hoc para propósitos tais como estabelecimento de coesão no discurso e adoção de diferentes pontos de vista e perspectivas do narrador. Apesar dessa grande criatividade, idiosincrasia e flexibilidade, propriedades tradicionalmente atribuídas ao “gestual” ou “não verbal”, as ações manuais analisadas também apresentam articulação, produtividade e convencionalidade em seus parâmetros componentes, propriedades tradicionalmente atribuídas ao “linguístico” ou “verbal”. Assim, os resultados apontam para uma dificuldade de categorizar essas ações de modo dicotômico, seja como “língua/sinal” ou “gesto”. Ao invés disso, propomos pensar nas ações manuais em termos de um contínuo gradiente envolvendo graus de opacidade da motivação, de convencionalidade/idiosincrasia, de tipificação/iconicidade/indicialidade, de articulação/configuração holística, de segmentação/gradiência e de produtividade/ação ad-hoc. Sugerimos que a dicotomia “língua e gesto” seja em grande parte um subproduto da dependência da linguística em relação à tecnologia escrita, concluindo que a linguística deveria rever seus pressupostos em relação à relevância da distinção entre “linguístico” e “não linguístico”, se abrindo para a natureza corporal e multimodal da comunicação humana e para o videoregistro como método de produção de conhecimento científico.

Palavras-chave: língua de sinais; língua brasileira de sinais; libras; gesto; multimodalidade; história da pêra; classificadores; sinais policomponenciais; videoregistro.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate manual actions produced by deaf people when retelling a narrative in Brazilian Sign Language (Libras). The term “manual actions” was adopted to refer to the research object because the terms “signs” and “gestures” are theoretically biased, due to the historical separation between “language” and “gesture” in the field of linguistics and related areas. As specific objectives, we seek to describe and compare the manual actions produced by deaf people in the narratives, to reflect on these actions considering the debate on “language and gesture” and to raise questions for the field of gesture studies and sign language linguistics based on this data. The methodology involved: a) recording and collecting “pear stories” narrated by deaf participants; b) selecting narrative contexts to be analyzed (i.e. manual actions referring to the farmer’s appearance, the baskets, the bicycle and the pears); c) annotating these actions in ELAN; d) arranging frame shots of the manual actions in tables for static data visualization; e) identifying problematizations about “language and gesture” to serve as a basis for the investigation. The analysis was divided between description and discussion of the data: in the description section, the manual actions produced are described and presented in figures, first in isolation with representative examples and then in comparative tables; then, in the discussion section, the data serves as the basis for a reflection on four problematizations related to the debate on language and gesture: i) the flexibility of “depictive” or “policomponential signs” (usually called “classifiers”); ii) creativity in sign language discourse; iii) the correlation between “depictive signs” and words in spoken languages; and iv) the status of these “signs” as “language” or “gesture”. The results show that deaf narrators produce very diversified manual actions to refer to the same referents (things and events) in the pear story, demonstrating a high level of creativity and idiosyncrasy in their discourses. Furthermore, conventional manual actions in Libras are flexibly manipulated in a local and ad-hoc manner for purposes such as establishing discourse cohesion and adopting narrator’s distinct points of view and perspectives. Despite the great creativity, idiosyncrasy and flexibility, properties traditionally attributed to “gestural” or “non-verbal”, the manual actions analyzed also reveal articulation, productivity and conventionality of their components, properties traditionally attributed to “linguistic” or “verbal”. Thus, the results point to a difficulty in categorizing these actions in a dichotomous way, whether as “language/sign” or “gesture”. Instead, we propose thinking about manual actions in terms of a gradient continuum involving degrees of opacity of motivation, of conventionality/idiosyncrasy, of typification/iconicity/indexicality, of articulation/holistic configuration, of segmentation/gradience, and of productivity/ad-hoc action. We suggest that the “language and gesture” dichotomy is largely a by-product of linguistics’ dependence on written technology, concluding that linguistics should review its assumptions regarding the relevance of the “linguistic x non-linguistic” distinction, and should open its horizons to incorporate the embodied and multimodal nature of human communication, as well as video recordings as a method of producing scientific knowledge.

Keywords: sign language, Brazilian Sign Language; Libras; gesture; multimodality; pear story; classifiers; depictive signs; videorecording.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Slides da seção “Contexto e justificativa da tese videogravada em libras (1.1)”.....	6
. Figura 2. Slides da seção “Contexto e justificativa do debate sobre ‘língua e gesto’ (1.2)”.....	8
Figura 3. Slides da seção “Objetivo geral e específicos (1.3)”	10
Figura 4. Slides da seção “Apresentação da tese (1.4)”	12
Figura 5. Slides da seção “Introdução da fundamentação teórica (2.1)”	16
Figura 6. Slides da seção “A natureza multimodal da comunicação humana (2.2.1)”	18
Figura 7. Slides da seção “A exclusão do ‘gesto’ como objeto dos estudos linguísticos (2.2.2)”	21
Figura 8. Slides da seção “O tabu do ‘gesto’ na linguística das línguas de sinais (2.2.3)”	24
Figura 9. Slides da seção “Tipos e funções de ‘gestos’ (2.3)”	27
Figura 10. Slides da seção “Tipos e funções de ‘sinais’ (2.4)”	30
Figura 11. Slides da seção “Problematizações de McCleary e Viotti (2011) (2.5)”	33
Figura 12. Slides da seção “Introdução da metodologia (3.1)”	36
Figura 13. Slides da seção “Definição do objeto de pesquisa (3.2)”	38
Figura 14. Slides da seção “Geração de Dados (3.3)”	40
Figura 15. Slides da seção “Metodologia de análise (3.4)”	42
Figura 16. Slides da seção “Construção da tese videogravada em libras (3.5)”	44
Figura 17. Slides da seção “Importância dos gêneros acadêmicos videogravados em libras (3.5.1)”	46
Figura 18. Slides da seção “Primeiros autores de textos acadêmicos videogravados em libras (3.5.2)”	48
Figura 19. Slides da seção “Reflexões sobre um gênero de discurso emergente (3.5.3)”	52
Figura 20. Slides da seção “Proposta para esta tese (3.5.4)”	55
Figura 21. Slides da seção “Introdução da análise (4.1)”	58
Figura 22. Slides da seção “Ações manuais em referência à aparência do agricultor (4.2.1)”	60

Figura 23. Slides da seção “Ações manuais em referência às cestas (4.2.2)”	63
Figura 24. Slides da seção “Ações manuais em referência à bicicleta (4.2.3)”	66
Figura 25. Slides da seção “Ações manuais em referência às pêras (4.2.4)”	69
Figura 26. Slides da seção “Problematizações sobre as ações manuais em referência à aparência do agricultor (4.3.1)”	73
Figura 27. Slides da seção “Problematizações sobre as ações manuais em referência às cestas (4.3.2)”	75
Figura 28. Slides da seção “Problematizações sobre as ações manuais em referência à bicicleta (4.3.3)”	78
Figura 29. Slides da seção “Problematizações sobre as ações manuais em referência às pêras (4.3.4)”	80
Figura 30. Slides da seção “Conclusões parciais: Problematizações de McCleary e Viotti (2011) (4.4)”	83
Figura 31. Slides da seção “Síntese da tese e resultados (5.1)”	85
Figura 32. Slides da seção “Reflexões sobre a área de “estudos do gesto (5.2)”	87
Figura 33. Slides da seção “Reflexões sobre a área de “linguística das LSs (5.3)” ..	89
Figura 34. Slides da seção “Observações sobre a produção de teses videogravadas em libras (5.4)”	91
Figura 35. Slides da seção “Contribuições da pesquisa, limitações e questões futuras (5.5)”	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLs	Classificadores
CM	Configuração de mão
DIs	Descrições Imagéticas
ELIS	Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
INES	Instituto Nacional de Educação dos Surdos
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LOC	Locação
LOs	Línguas Orais
LSs	Línguas de Sinais
MOV	Movimento
OP	Orientação de mão
PGET	Pós Graduação em Estudos da Tradução
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Linguística
SW	Escrita de Sinais
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
USP	Universidade de São Paulo

Sumário

NOTA DE APRESENTAÇÃO DA TESE VIDEOGRAVADA EM LIBRAS	3
1 INTRODUÇÃO	5
1.1 Contexto e justificativa da tese videogravada em libras.....	5
1.2 Contexto e justificativa do debate sobre “língua e gesto”	7
1.3 Objetivo geral e específicos	9
1.4 Apresentação da tese	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Introdução da fundamentação teórica	15
2.2 Porque “gestos” e “sinais” têm sido historicamente distintos	17
2.2.1 A natureza multimodal da comunicação humana.....	17
2.2.2 A exclusão do “gesto” como objeto dos estudos linguísticos	20
2.2.3 O tabu do “gesto” na linguística das línguas de sinais	23
2.3 Tipos e funções de “gestos”	26
2.4 Tipos e funções de “sinais”	29
2.5 Problematizações de McCleary e Viotti (2011)	32
3 METODOLOGIA	35
3.1 Introdução da metodologia.....	35
3.2 Definição do objeto de pesquisa	37
3.3 Geração de Dados	39
3.4 Metodologia de Análise	41
3.5 Construção da tese videogravada em libras	43
3.5.1 Importância dos gêneros acadêmicos videogravados em libras	45
3.5.2 Primeiros autores de textos acadêmicos videogravados em libras.....	47
3.5.3 Reflexões sobre um gênero de discurso emergente	51
3.5.4 Proposta para esta tese	54
4 ANÁLISE	57
4.1 Introdução da análise	57
4.2 descrição dos dados	59
4.2.1 Ações manuais em referência à aparência do agricultor	59
4.2.2 Ações manuais em referência às cestas.....	62
4.2.3 Ações manuais em referência à bicicleta.....	65
4.2.4 Ações manuais em referência às pêras	68

4.3	discussão dos dados.....	72
4.3.1	Problematizações sobre as ações manuais em referência à aparência do agricultor.....	72
4.3.2	Problematizações sobre as ações manuais em referência às cestas	74
4.3.3	Problematizações sobre as ações manuais em referência à bicicleta	77
4.3.4	Problematizações sobre as ações manuais em referência às pêras	79
4.4	Conclusões parciais: Problematizações de McCleary e Viotti (2011)	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
5.1	Síntese da tese e resultados.....	84
5.2	Reflexões sobre a área de “estudos do gesto”.....	86
5.3	Reflexões sobre a área de “linguística das LSs”	88
5.4	Observações sobre a produção de teses videogravadas em libras	90
5.5	Contribuições da pesquisa, limitações e questões futuras.....	92

NOTA DE APRESENTAÇÃO DA TESE VIDEOGRAVADA EM LIBRAS

Esta tese de doutorado tem como proposta fazer uma investigação de ações manuais em narrativas de surdos em libras contando a história da pêra. A tese foi produzida na modalidade videogravada em libras, de forma articulada com a modalidade escrita em português tanto por meio de slides que acompanharam o discurso em libras quanto por meio deste documento PDF. Por esse motivo, nesta nota de apresentação da tese videogravada em libras pretendemos explicitar como fizemos a articulação entre este documento e o texto videogravado em libras.

Ao produzir esta tese, refletimos que nosso foco na libras como principal meio de veiculação do relatório do doutorado não precisaria excluir, mas pelo contrário, poderia se beneficiar, da articulação com o documento em versão PDF escrito em português. Ao nosso ver, essa articulação pode se beneficiar em três aspectos: i) na ampliação da segmentação do texto videogravado por meio de sumário e figuras; ii) na facilitação do acesso às seções segmentadas do texto videogravado também por meio de sumários e figuras; e iii) na opcionalidade de visualização dos dados de análise de modo estático e de forma ampliada (Apêndice A).

Em relação aos itens (i) e (ii), o sumário da tese que antecede esta seção é criado automaticamente a partir dos títulos numerados, de modo que seus hiperlinks remetem internamente a este próprio documento. Aqui, as seções às quais o sumário acima remete trazem uma síntese dos conteúdos abordados no texto videogravado e figuras contendo os slides que acompanharam o discurso em libras. Cada slide que acompanha o texto videogravado pode ser considerado como uma unidade funcional de segmentação – equivalente a um “parágrafo” ou a uma “página”. Por isso, ao clicar em cima de qualquer imagem dos slides das figuras (número de forma abreviada como S1, S2, etc), o leitor é remetido ao texto videogravado no ponto em que corresponde a esses slides. De modo adicional, produzimos um segundo sumário da tese (Apêndice B) em que cada item do sumário da tese é um hiperlink para as seções do texto videogravado externos a esse documento.

Em relação ao item (iii), optamos por trazer os dados de análise em formato ampliado neste documento pela vantagem de visualização dos dados de maneira estática e independente do vídeo que o suporte em PDF possibilita. Embora os

slides apresentem os dados no texto videogravado também de modo estático, pode ser vantajoso para o leitor acompanhar a tese também em versão impressa de modo a melhor visualizar os dados analisados.

Por fim, incluímos também no PDF as referências bibliográficas da tese e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (Anexo A).

Como será discutido na tese, os textos acadêmicos videogravados em libras são um gênero emergente sem normas e critérios consolidados e consideramos este momento histórico importante para experimentações, desde que feitas de maneira criteriosa. Assim, esperamos que a proposta aqui apresentada seja tomada como mais um passo que deverá continuar a ser objeto de reflexão e futuras modificações por parte de outros pesquisadores, até que possamos estabelecer normas adequadas e factíveis para trabalhos acadêmicos videogravados em libras, particularmente dissertações e teses. Consideramos esse trabalho fundamental para um efetivo engajamento das pessoas surdas falantes de libras nos programas de mestrado e doutorado, garantindo assim o exercício de seu direito linguístico de desenvolver-se academicamente em sua língua de conforto.

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO E JUSTIFICATIVA DA TESE VIDEOGRAVADA EM LIBRAS

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- quatro grandes marcos no desenvolvimento educacional dos surdos no Brasil (S4) – [Entrevista com profª Ana Regina e Souza Campello](#)
- a difusão de textos videogravados em libras a partir do curso de Letras-Libras EaD de 2006 e 2008 (S5)
- desafios dos estudos da libras na área da Letras (S6).

Figura 1. Slides da seção “Contexto e justificativa da tese videogravada em libras (1.1)”.

<p>S 1</p> <p>Capítulo 1</p> <p>Introdução</p>	<p>S 2</p> <p>Introdução</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 1.1 Contexto e justificativa da tese videogravada em libras 1.2 Contexto e justificativa do debate sobre “língua e gesto” 1.3 Objetivos geral e específicos 1.4 Apresentação da tese 	<p>S 3</p> <p>1.1 Contexto e justificativa da tese videogravada em libras</p>
<p>S 4</p> <p>1.1</p> <p>Introdução</p> <p>Contexto socio-histórico</p> <ul style="list-style-type: none"> Marcos importantes que impactaram a vida acadêmica das pessoas surdas falantes de libras no Brasil  <p>Fundação do INES 1856</p> <p>Fundação da FENEIS 1987</p> <p>Lei de Libras e Decreto 2002/2005</p> <p>Letras Libras EaD/UFSC 2006</p> <p>QrCode</p>	<p>S 5</p> <p>1.1</p> <p>Introdução</p> <p>Letras Libras EaD</p> <ul style="list-style-type: none"> Em 2006, o Curso de Letras-Libras EaD da UFSC passa a produzir traduções em libras videogravada, bem como DVDs com diferentes linguagens e recursos multimodais, incentivando a libras como língua de instrução (Quadros, 2015) A libras passa a circular no âmbito acadêmico da Letras no Brasil e cresce o número de surdos como graduandos, pós-graduandos e professores Foi no Curso de Letras-Libras EaD que dei início à minha trajetória acadêmica no campo da linguística das línguas de sinais (LSs)  <p>Tradução de texto para a libras</p>  <p>DVD do curso</p>	<p>S 6</p> <p>1.1</p> <p>A Letras e a Libras</p> <ul style="list-style-type: none"> A “Letras” tradicionalmente toma a escrita como ferramenta de pesquisa, produção e circulação do conhecimento científico No campo do Letras-Libras, no entanto, a necessidade de exploração do videoregistro predomina sobre a escrita O desenvolvimento de gêneros acadêmicos videogravados é recente e o português escrito ainda é hegemônico na vida dos surdos Esta tese reflete a vontade de produzir um trabalho acadêmico em minha língua de conforto e o desejo de colaborar para o desenvolvimento do letramento acadêmico dos surdos em libras na pós-graduação 

1.2 CONTEXTO E JUSTIFICATIVA DO DEBATE SOBRE “LÍNGUA E GESTO”

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- O meu estranhamento pessoal sobre a dicotomia “língua e gesto” (S10)
- A invisibilidade das LSs na linguística (S11)
- A invisibilidade do corpo na linguística (S12)
- A proposta desta pesquisa (S13)
- Questões de pesquisa extraídas de McCleary e Viotti (2011) (S14)
- Problema da pesquisa (S15)

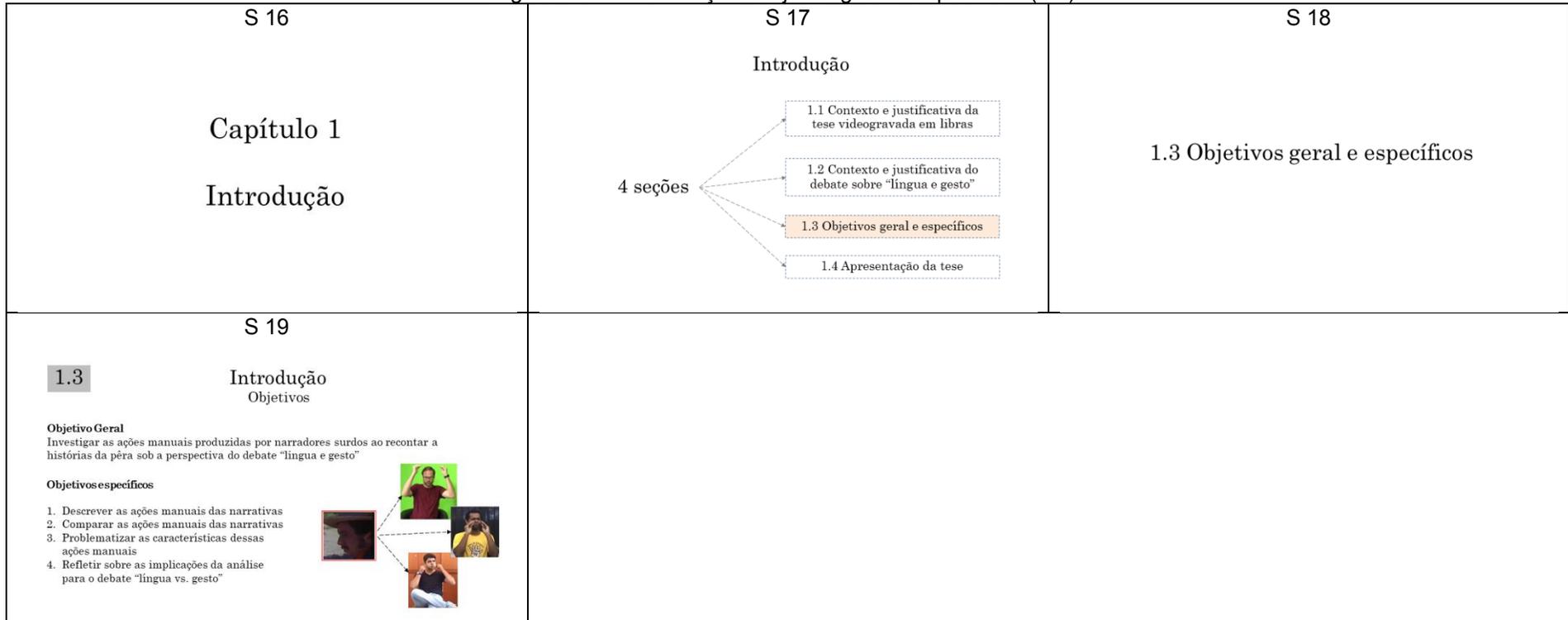
. Figura 2. Slides da seção “Contexto e justificativa do debate sobre ‘língua e gesto’ (1.2)”.

<p>S 7</p> <p>Capítulo 1</p> <p>Introdução</p>	<p>S 8</p> <p>Introdução</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 1.1 Contexto e justificativa da tese videogravada em libras 1.2 Contexto e justificativa do debate sobre “língua e gesto” 1.3 Objetivos geral e específicos 1.4 Apresentação da tese 	<p>S 9</p> <p>1.2 Contexto e justificativa do debate sobre “língua e gesto”</p>
<p>S 10</p> <p>1.2</p> <p>Introdução “Não sou dois, sou um”</p> <ul style="list-style-type: none"> Ao longo de meus estudos, foi aumentando o meu estranhamento enquanto pessoa surda sobre a divisão entre “sinal” (língua) e “gesto”  <p>Ações manuais na comunicação humana</p>	<p>S 11</p> <p>1.2</p> <p>A invisibilidade das LSs na linguística</p> <ul style="list-style-type: none"> Até os anos 1960, tanto o senso comum quanto os linguistas julgavam que as línguas naturais humanas estariam atreladas à voz e ao som, não aos “gestos” Nossa evidente preferência filogenética por línguas vocais e a natureza fonocêntrica da escrita podem ter reforçado esse pressuposto As LSs passam a ser reconhecidas quando pesquisadores demonstram que essas línguas também possuem as propriedades linguísticas das línguas naturais apontadas nas teorias linguísticas (Stokoe, 1960; Klima e Bellugi, 1979) 	<p>S 12</p> <p>1.2</p> <p>A invisibilidade do corpo na linguística</p> <ul style="list-style-type: none"> Fora da linguística, o campo do “estudos do gesto” vem demonstrar interesse especificamente pela dimensão visual da corporalidade na fala-em-interação No entanto, a corporalidade nunca foi tomada como objeto de estudo na elaboração das teorias linguísticas (McCleary e Viotti, 2017) Ainda hoje, pouco sabemos sobre como a dimensão visual da corporalidade na comunicação em LOs se relaciona com a comunicação em LSs, embora seja crescente o diálogo entre os estudos do gesto e a linguística das LSs (ex. Goldin-Meadow e Brentari, 2017; Kendon, 2014; McCleary e Viotti, 2017; Muller, 2018) 
<p>S 13</p> <p>1.2</p> <p>Introdução A proposta da pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> A proposta inicial era a de comparar “ações manuais” de surdos e de ouvintes em três contextos de produção da história da péra: surdo-surdo (em libras); ouvinte-ouvinte (em português); e surdo-ouvinte (sem libras ou português) No entanto, a análise das narrativas em libras revelou uma grande riqueza de dados e nos motivou a focar o debate “língua e gesto” apenas nas ações manuais dos surdos McCleary e Viotti (2011) norteou esta investigação ao levantar pontos importantes sobre o debate “língua e gesto”, ao mesmo tempo em que também se apoiaram sobre dados da história da péra  <p>História da péra Chafe (1980)</p> 	<p>S 14</p> <p>1.2</p> <p>Introdução Questões de pesquisa</p> <p>Entre as questões que McCleary e Viotti (2011) levantam, destacamos como relevantes para esta pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> Quais são as características dos chamados “sinais policomponenciais” nas LSs? Esses sinais apresentam características similares às palavras e/ou às ações manuais que acompanham os enunciados em LOs? Qual é o papel da criatividade e da convencionalidade na produção dos “sinais policomponenciais”? Os “sinais policomponenciais” podem ser modificados de maneira ad-hoc para produzir efeitos de sentido específicos? Qual é o estatuto (linguístico vs. gestual) dos componentes significativos que constituem os “sinais policomponenciais”?   	<p>S 15</p> <p>1.2</p> <p>Introdução Problema da pesquisa</p> <p>Similares às palavras das LOs</p> <p>Similares aos “gestos” que co-ocorrem com as palavras</p> <p>Sinais policomponenciais</p> <p>?</p> <p>Convencionais Arbitrários Articulados</p> <p>Idiossincráticos Ad-hoc Holístico</p>

1.3 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

Nesta seção, abordamos o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa (S19).

Figura 3. Slides da seção “Objetivo geral e específicos (1.3)”



1.4 APRESENTAÇÃO DA TESE

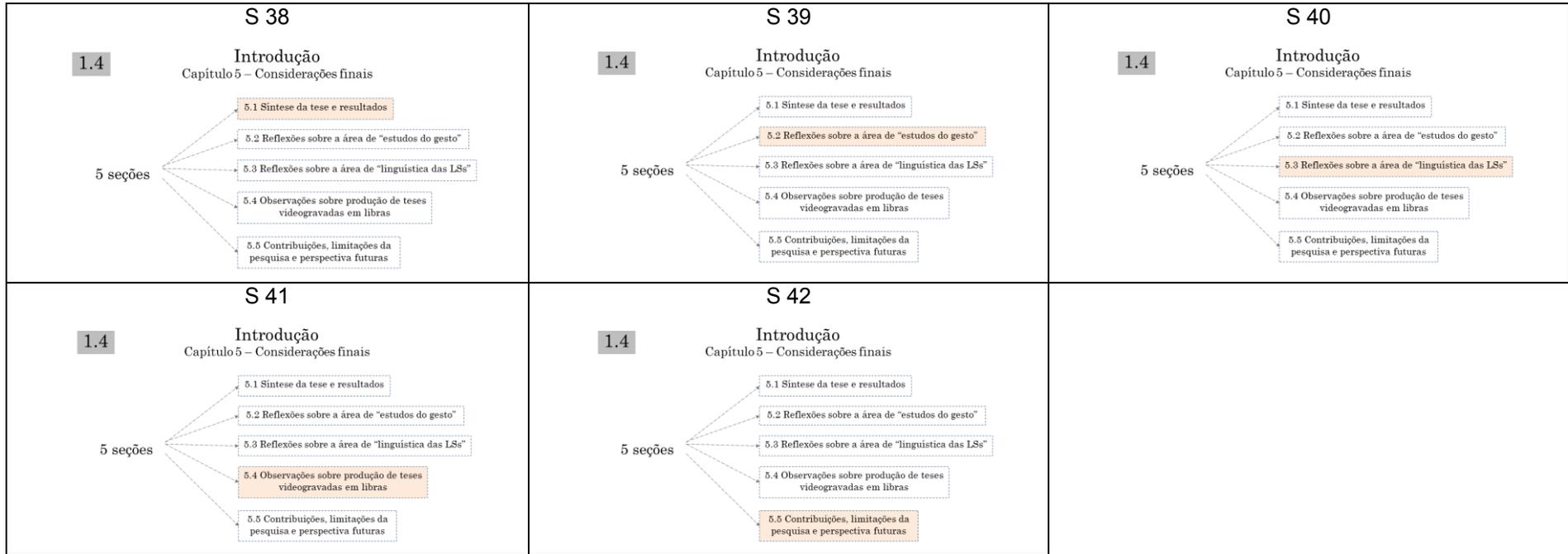
Nesta seção, resumimos o conteúdo de cada uma das seções da tese:

- Capítulo 2 – Fundamentação teórica: “Porque ‘gestos’ e ‘sinais’ tem sido historicamente distintos” (S25), “Tipos e funções de gestos” (S26); “Tipos e funções de sinais (S27); “Problematizações de McCleary e Viotti (2011)” (S28)
- Capítulo 3–Metodologia: “Definição do objeto de pesquisa” (S30); “Geração do corpus” (S31); “Metodologia de análise” (S32); “Construção da tese videogravada” (S33)
- Capítulo 4 – Análise: “Descrição dos dados” (S35) e “Discussão dos dados” (S36)
- Capítulo 5 – Considerações finais: “Síntese da tese e resultados” (S38); “Reflexões sobre a área de ‘estudos do gesto’” (S39); “Reflexões sobre a área de “linguística das LSs” (S40); “Observações sobre produção de teses videogravadas em libras (S41); “Contribuições, limitações da pesquisa e perspectiva futuras (S42)

Figura 4. Slides da seção “Apresentação da tese (1.4)”

<p>S 20</p> <p>Capítulo 1</p> <p>Introdução</p>	<p>S 21</p> <p>1.4</p> <p>Introdução</p> <p>A tese segue a estrutura clássica</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução 2. Fundamentação teórica 3. Metodologia 4. Análise 5. Considerações finais 	<p>S 22</p> <p>Introdução</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 1.1 Contexto e justificativa da tese videogravada em libras 1.2 Contexto e justificativa do debate sobre “língua e gesto” 1.3 Objetivos geral e específicos 1.4 Apresentação da tese
<p>S 23</p> <p>1.4 Apresentação da tese</p>	<p>S 24</p> <p>1.4</p> <p>Introdução</p> <p>Capítulo 2 - Fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematizações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs 	<p>S 25</p> <p>1.4</p> <p>Introdução</p> <p>Capítulo 2 - Fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematizações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs
<p>S 26</p> <p>1.4</p> <p>Introdução</p> <p>Capítulo 2 - Fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematizações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs 	<p>S 27</p> <p>1.4</p> <p>Introdução</p> <p>Capítulo 2 - Fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematizações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs 	<p>S 28</p> <p>1.4</p> <p>Introdução</p> <p>Capítulo 2 - Fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematizações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs

<p style="text-align: center;">S 29</p> <p>1.4 Introdução Capítulo 3 - Metodologia</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 3.2 Definição do objeto de pesquisa 3.3 Geração do corpus 3.4 Metodologia de análise 3.5 Construção da tese videogravada 	<p style="text-align: center;">S 30</p> <p>1.4 Introdução Capítulo 3 - Metodologia</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 3.2 Definição do objeto de pesquisa 3.3 Geração do corpus 3.4 Metodologia de análise 3.5 Construção da tese videogravada 	<p style="text-align: center;">S 31</p> <p>1.4 Introdução Capítulo 3 - Metodologia</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 3.2 Definição do objeto de pesquisa 3.3 Geração do corpus 3.4 Metodologia de análise 3.5 Construção da tese videogravada
<p style="text-align: center;">S 32</p> <p>1.4 Introdução Capítulo 3 - Metodologia</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 3.2 Definição do objeto de pesquisa 3.3 Geração do corpus 3.4 Metodologia de análise 3.5 Construção da tese videogravada 	<p style="text-align: center;">S 33</p> <p>1.4 Introdução Capítulo 3 - Metodologia</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 3.2 Definição do objeto de pesquisa 3.3 Geração do corpus 3.4 Metodologia de análise 3.5 Construção da tese videogravada 	<p style="text-align: center;">S 34</p> <p>1.4 Introdução Capítulo 4 - Análise</p> <p>2 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 4.2 Descrição dos dados 4.3 Discussão dos dados
<p style="text-align: center;">S 35</p> <p>1.4 Introdução Capítulo 4 - Análise</p> <p>Descrição dos dados (4.2)</p> <ul style="list-style-type: none"> Aparência do agricultor (4.2.1) Cestas (4.2.2) Bicicleta (4.2.3) Pêra (4.2.4) 	<p style="text-align: center;">S 36</p> <p>1.4 Introdução Capítulo 4 - Análise</p> <p>Discussão dos dados (4.3) Problematizações de McCleary e Viotti (2011)</p> <ul style="list-style-type: none"> • P1 Flexibilidade dos sinais • P2 Criatividade das LSs • P3 Correlatos LSs·LOs • P4 Estatuto dos sinais <ul style="list-style-type: none"> Aparência do agricultor (4.3.1) Cestas (4.3.2) Bicicleta (4.3.3) Pêra (4.3.4) 	<p style="text-align: center;">S 37</p> <p>1.4 Introdução Capítulo 5 - Considerações finais</p> <p>5 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 5.1 Síntese da tese e resultados 5.2 Reflexões sobre a área de "estudos do gesto" 5.3 Reflexões sobre a área de "linguística das LSs" 5.4 Observações sobre produção de teses videogravadas em libras 5.5 Contribuições, limitações da pesquisa e perspectiva futuras



2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 INTRODUÇÃO DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Objetivos do capítulo (S45)
- Porque 'gestos' e 'sinais' têm sido historicamente distintos (S47)
- Tipos e funções dos 'gestos' (S48)
- Tipos e funções de 'sinais' (S49)
- Problematizações de McCleary e Viotti (S50)

Figura 5. Slides da seção “Introdução da fundamentação teórica (2.1)”

<p>S 43</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação Teórica</p>	<p>S 44</p> <p>2.1. Introdução da fundamentação teórica</p>	<p>S 45</p> <p>2.1</p> <p>Introdução da fundamentação teórica</p>  <p>Objetivos do capítulo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Introduzir o debate “língua x gesto” como contexto teórico da pesquisa • Explicitar a perspectiva teórica sobre linguagem adotada na pesquisa • Contrastar o tratamento das ações manuais nos estudos do gesto e na linguística das línguas de sinais • Problematicar o tratamento do objeto de pesquisa da tese e suas implicações teóricas
<p>S 46</p> <p>2.1</p> <p>Introdução da fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematizações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs 	<p>S 47</p> <p>2.1</p> <p>Introdução da fundamentação teórica</p> <p>Porque “gestos” e “sinais” têm sido historicamente distintos (2.2)</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2.1 A natureza multimodal da comunicação humana 2.2.2 A exclusão dos “gestos” como objeto dos estudos linguísticos 2.2.3 O tabu do “gesto” na linguística das línguas de sinais 	<p>S 48</p> <p>2.1</p> <p>Introdução da fundamentação teórica</p> <p>Tipos e funções dos “gestos” (2.3)</p> <ul style="list-style-type: none"> A importância dos “gestos” manuais e suas definições Tipologia de “gestos” com função semiótica por Kendon e McNeill O contínuo de Kendon A hipótese da origem gestual da linguagem
<p>S 49</p> <p>2.1</p> <p>Introdução da fundamentação teórica</p> <p>Tipos e funções de “sinais” (2.4)</p> <ul style="list-style-type: none"> As propriedades linguísticas dos sinais convencionais Síntese de tipologia de “sinais” das LSs por Johnston & Schembri <ul style="list-style-type: none"> Sinais convencionais Sinais depictivos 	<p>S 50</p> <p>2.1</p> <p>Introdução da fundamentação teórica</p> <p>Problematizações de McCleary e Viotti (2.5)</p> <ul style="list-style-type: none"> P1 Flexibilidade dos sinais nas LSs P2 Criatividade nas LSs P3 Correlatos entre LSs e LOs P4 Estatuto dos sinais nas LSs 	

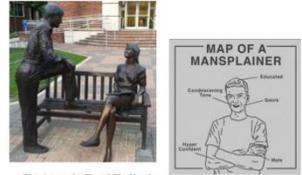
2.2 PORQUE “GESTOS” E “SINAIS” TÊM SIDO HISTORICAMENTE DISTINTOS

2.2.1 A natureza multimodal da comunicação humana

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- O reconhecimento da multimodalidade na comunicação do século XXI (S56)
- A natureza multimodal da comunicação humana (S57, S58, S59)
- Reflexão sobre a pouca atenção dada à chamada “linguagem não verbal” (S60)

Figura 6. Slides da seção “A natureza multimodal da comunicação humana (2.2.1)”

<p>S 51</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação Teórica</p>	<p>S 52</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematizações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs 	<p>S 53</p> <p>2.2. Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos</p>
<p>S 54</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação teórica</p> <p>Porque “gestos” e “sinais” têm sido historicamente distintos (2.2)</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2.1 A natureza multimodal da comunicação humana 2.2.2 A exclusão dos “gestos” como objeto dos estudos linguísticos 2.2.3 O tabu do “gesto” na linguística das línguas de sinais 	<p>S 55</p> <p>2.2.1 A natureza multimodal da comunicação humana</p>	<p>S 56</p> <p>2.2 A natureza multimodal da comunicação humana 2.2.1</p> <ul style="list-style-type: none"> A comunicação humana no século XXI torna evidente a necessidade de superar os vieses grafo-logocêntricos nos estudos da comunicação (Kress, 2010) Essa tendência tem sido acompanhada no âmbito educacional, com a ampliação da noção de “alfabetização” para a de “(multi)letramentos” (Kalanis e Cope, 2012)  <p>Página do Departamento de Libras da UFSC</p>
<p>S 57</p> <p>2.2 A natureza multimodal da comunicação humana 2.2.1</p> <ul style="list-style-type: none"> Mas a comunicação humana é por natureza multimodal, mesmo antes do surgimento das novas tecnologias da informação (McCleary e Viotti, 2017) A linguagem verbal em última instância é inseparável da linguagem não-verbal (Weil e Tompakow, 2015) 	<p>S 58</p> <p>2.2 A natureza multimodal da comunicação humana 2.2.1</p> <ul style="list-style-type: none"> Há múltiplas dimensões de significação na interação humana face-a-face, por exemplo <ul style="list-style-type: none"> ✓ Proximidade física ✓ Postura ✓ Expressão facial ✓ Olhar ✓ Orientação do corpo ✓ Ações manuais ✓ Voz  <p>Estátua de Jackie McKenna Dublin, Irlanda</p>	<p>S 59</p> <p>2.2 A natureza multimodal da comunicação humana 2.2.1</p> <ul style="list-style-type: none"> Há múltiplas dimensões de significação na interação humana face-a-face, por exemplo <ul style="list-style-type: none"> ✓ Proximidade física ✓ Postura ✓ Expressão facial ✓ Olhar ✓ Orientação do corpo ✓ Ações manuais ✓ Voz  <p>Estátua de Paul Tedlock, Texas, Estados Unidos</p>

S 60

2.2

A natureza multimodal
da comunicação humana

2.2.1



Exposição
"O fantástico
corpo humano",
2010, São Paulo

"Para a maioria das pessoas, a expressão comunicação não verbal refere-se à comunicação feita por meios diferentes das palavras (supondo as palavras como elemento "verbal"). Embora tal definição forneça uma perspectiva inicial útil, ela se torna menos adequada (e precisa) à medida que aprendemos mais sobre a complexidade da comunicação enquanto comportamento (...) Ray Birdwhistell, um pesquisador pioneiro, teria dito que estudar comunicação não verbal é como estudar fisiologia não-cardíaca." (Hall, 1999, p. 17).



Ray
Birdwhistell

2.2.2 A exclusão do “gesto” como objeto dos estudos linguísticos

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Importância da tecnologia escrita nos estudos linguísticos (S65)
- O filtro imposto pela tecnologia escrita à fala (S66)
- As características do signo linguístico segundo Saussure (S67)
- Viéses da tecnologia escrita sobre as propriedades linguísticas (S68)
- Questionamento sobre a noção de “gesto” como “linguagem não-verbal” (S69)
- Questionamento sobre a noção de “gesto” como carente de potencial metassígnico (S70)
- A marginalização da fala na linguística (S71)
- A necessidade de ampliação do objeto de estudo linguístico (S72)

Figura 7. Slides da seção “A exclusão do ‘gesto’ como objeto dos estudos linguísticos (2.2.2)”

<p>S 61</p> <p>Capítulo 2 Fundamentação Teórica</p>	<p>S 62</p> <p>Capítulo 2 Fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematisações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs 	<p>S 63</p> <p>Capítulo 2 Fundamentação teórica</p> <p>Porque “gestos” e “sinais” têm sido historicamente distintos (2.2)</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2.1 A natureza multimodal da comunicação humana 2.2.2 A exclusão dos “gestos” como objeto dos estudos linguísticos 2.2.3 O tabu do “gesto” na linguística das línguas de sinais 														
<p>S 64</p> <p>2.2.2 A exclusão do “gesto” como objeto dos estudos linguísticos</p>	<p>S 65</p> <p>2.2 Importância da tecnologia escrita nos estudos linguísticos 2.2.2</p> <ul style="list-style-type: none"> Línguas (orais) são estudadas há cerca de 5 mil anos Tecnologia escrita possibilitou fixar e objetificar a linguagem humana, tornando-a passível de análise (Ong, 1982)  <p>Estudos de Panini sobre gramática do sânscrito na Índia surgem em torno de 400 anos A.E.C.</p>	<p>S 66</p> <p>2.2 O filtro da tecnologia escrita 2.2.2</p>  <ul style="list-style-type: none"> Grafo-fono-logocentrismo na linguística <p>A escrita gráfica, o instrumento tecnológico por excelência para o estudo da linguagem, abstrai da língua viva na interação face-a-face essencialmente a dimensão segmental da vocalização a “palavra”, usualmente denominada de “linguagem verbal”</p>														
<p>S 67</p> <p>2.2 As características do signo linguístico 2.2.2</p> <ul style="list-style-type: none"> Na visão de Saussure, a palavra ou signo linguístico apresenta as seguintes propriedades <ul style="list-style-type: none"> é a união entre um significante (uma imagem acústica) e um significado (um conceito) é arbitrária no sentido de que a relação entre o significante e o significado é imotivada é convencional de cada comunidade de fala é estruturada e recombinada de modo linear tem seu valor emergente de redes de relações sintagmáticas e paradigmáticas sistêmicas  <p>Ferdinand de Saussure</p>	<p>S 68</p> <p>2.2 Viéses da tecnologia escrita 2.2.2</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Linguagem “verbal” (o “linguístico”)</th> <th>Linguagem “não verbal” (o “não-linguístico”)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>vocal</td> <td>não-vocal</td> </tr> <tr> <td>arbitrário ou imotivado</td> <td>motivado</td> </tr> <tr> <td>convencional e opaco</td> <td>icônico/indicial e transparente</td> </tr> <tr> <td>linear</td> <td>simultâneo</td> </tr> <tr> <td>segmental e articulado</td> <td>gradiente e holístico</td> </tr> <tr> <td>recombinatório e produtivo</td> <td>não-combinatório</td> </tr> </tbody> </table> <p>↓ propriedades visíveis na escrita</p>	Linguagem “verbal” (o “linguístico”)	Linguagem “não verbal” (o “não-linguístico”)	vocal	não-vocal	arbitrário ou imotivado	motivado	convencional e opaco	icônico/indicial e transparente	linear	simultâneo	segmental e articulado	gradiente e holístico	recombinatório e produtivo	não-combinatório	<p>S 69</p> <p>2.2 O “gesto” como “linguagem não-verbal” 2.2.2</p> <p>“Os sentidos [da linguagem] podem manifestar-se de diversas maneiras: por meio de sons, como no caso da linguagem verbal, por meio de imagens, como na pintura, por meio de gestos, como nas línguas de sinais utilizadas pelos surdos” (Florin, 2013, p. 14).</p>  <p>José Luis Florin</p> <p>↳ Seriam as línguas de sinais “não-verbais” apenas pelo fato de seu significante ser “gestual”?</p>
Linguagem “verbal” (o “linguístico”)	Linguagem “não verbal” (o “não-linguístico”)															
vocal	não-vocal															
arbitrário ou imotivado	motivado															
convencional e opaco	icônico/indicial e transparente															
linear	simultâneo															
segmental e articulado	gradiente e holístico															
recombinatório e produtivo	não-combinatório															

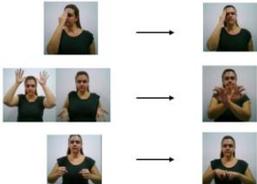
<p style="text-align: center;">S 70</p> <p style="text-align: center;">2.2 O “gesto” como “linguagem não-verbal” 2.2.2</p> <p><i>“(…) o potencial dos gestos, das imagens e dos signos não verbais, em geral, para servir de metassigno, é bastante rudimentar. Ele é insuficiente para construir uma semiótica dos signos não verbais por meio de signos também não verbais, tal como uma semiótica dos gestos ou uma semiótica das imagens.”</i> (Nöth e Santaella, 2017, p. 21)</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;">  <div style="text-align: center;"> <p>Lucia Santaella</p> </div> </div> <p style="margin-top: 10px;">↳ Os “gestos” não teriam o potencial verbal de remeter a outros “gestos” de modo sistêmico e metalinguístico?</p>	<p style="text-align: center;">S 71</p> <p style="text-align: center;">2.2 A marginalização da fala na linguística 2.2.2</p> <p>A constituição da linguística enquanto ciência se deu por meio da exclusão da “fala-em-interação” – e, conseqüentemente, da exclusão de todos os elementos corporais (ditos “não verbais”) que a contiuem (McCleary e Viotti, 2017)</p> <table style="width: 100%; text-align: center; border: none;"> <tr> <td style="width: 50%;"></td> <td style="width: 50%;"></td> </tr> <tr> <td>Língua</td> <td>Competência</td> </tr> <tr> <td>x</td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>Fala</td> <td>Performance</td> </tr> </table> <p>Saussure (2002 [1916]) Chomsky (1965)</p>			Língua	Competência	x	x	Fala	Performance	<p style="text-align: center;">S 72</p> <p style="text-align: center;">2.2 Considerações finais sobre a exclusão do “gesto” na linguística 2.2.2</p> <p><i>“(…) os falantes utilizam expressões vocais e cinésicas que não são compatíveis com os modelos linguísticos estruturais das línguas orais, como é o caso dos modos de expressão pictóricos e baseados em ações. Esses modos integram a forma como os enunciados na interação face-a-face são construídos e como eles funcionam. Assim, o objeto de investigação linguística deveria ser revisto, de modo que possa abranger não apenas uma explicação dos sistemas abstratos formais que integram os enunciados, mas também uma explicação de como os diversos recursos semióticos que os indivíduos utilizam são organizados uns em relação aos outros. Tanto a linguagem enquanto sistema abstrato quanto o ‘linguagem’ devem ser do interesse da linguística.”</i> (Kendon, 2012, p. 1)</p> <div style="text-align: right; margin-top: 10px;">  <p>Adam Kendon</p> </div>
										
Língua	Competência									
x	x									
Fala	Performance									

2.2.3 O tabu do “gesto” na linguística das línguas de sinais

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- O estatuto linguístico das línguas de sinais (S76, S77)
- Experimentos de Edward Klima e UrsulaBellugi (S78, S79)
- Pressões do sistema linguístico das LSs (S80, S81)
- Conclusões sobre as pesquisas das LSs (S82)
- Duas maneiras distintas de abordar o tabu do “gesto” na linguística das línguas de sinais (S83)

Figura 8. Slides da seção “O tabu do ‘gesto’ na linguística das línguas de sinais (2.2.3)”

<p>S 73</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação Teórica</p>	<p>S 74</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação teórica</p> <p>Porque “gestos” e “sinais” têm sido historicamente distintos (2.2)</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="border: 1px dashed gray; padding: 5px; width: 30%;">A natureza multimodal da comunicação humana</div> <div style="border: 1px dashed gray; padding: 5px; width: 30%;">A exclusão dos “gestos” como objeto dos estudos linguísticos</div> <div style="border: 1px dashed gray; padding: 5px; width: 30%;">O tabu do “gesto” na linguística das línguas de sinais</div> </div> <p>2.2.1 2.2.2 2.2.3</p>	<p>S 75</p> <p>2.2.3 O tabu do “gesto” na linguística das línguas de sinais</p>																							
<p>S 76</p> <p>2.2 O estatuto linguístico das línguas de sinais 2.2.3</p> <ul style="list-style-type: none"> Historicamente as línguas de sinais faladas pelas populações surdas eram consideradas como “mímica” ou “gestos” distintos das “línguas naturais” A partir do trabalho de Stokoe (1960), o estatuto linguístico das línguas de sinais passou a ser reconhecido por linguistas notórios (Hockett, 1978) Não por acaso, de modo a identificar o caráter duplamente articulado dos sinais dentro de um modelo estruturalista, Stokoe precisou desenvolver um sistema de notação  <p>William Stokoe</p>  <p>Hochgesang (2015, p. 4)</p>	<p>S 77</p> <p>2.2 O estatuto linguístico das línguas de sinais 2.2.3</p> <p>Onde deve ser localizada as línguas de sinais?</p> <table border="1" style="width: 100%; text-align: center;"> <tr> <td colspan="2">Língua “verbal” (o “linguístico”)?</td> <td colspan="2">Língua “não verbal” (o “não linguístico”)?</td> </tr> <tr> <td>verbal</td> <td>arbitrário ou motivado</td> <td>não-verbal</td> <td>motivado</td> </tr> <tr> <td>convencional e opaco</td> <td rowspan="2">?</td> <td>íctico/individual e transparente</td> <td></td> </tr> <tr> <td>linear</td> <td>simultâneo</td> <td></td> </tr> <tr> <td>articulado</td> <td>holístico</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>recombinatório e produtivo</td> <td>não-recombinatório</td> <td></td> <td></td> </tr> </table>  <p>Edward Klima e Ursula Bellugi (1979)</p> <ul style="list-style-type: none"> A linguística das LSs se constitui buscando demonstrar que as LSs apresentam as mesmas propriedades linguísticas das línguas naturais 	Língua “verbal” (o “linguístico”)?		Língua “não verbal” (o “não linguístico”)?		verbal	arbitrário ou motivado	não-verbal	motivado	convencional e opaco	?	íctico/individual e transparente		linear	simultâneo		articulado	holístico			recombinatório e produtivo	não-recombinatório			<p>S 78</p> <p>2.2 Experimentos de Klima e Bellugi 2.2.3</p> <ul style="list-style-type: none"> Comparação entre diferentes línguas de sinais Teste de compreensão do significado dos sinais por não-falantes de línguas de sinais Teste de criação de sinais inexistentes na língua de sinais americana  <p>Língua Brasileira de Sinais</p>  <p>Língua Gestual Portuguesa</p>  <p>Língua de Sinais Britânica</p>  <p>Língua de Sinais Sueca</p>
Língua “verbal” (o “linguístico”)?		Língua “não verbal” (o “não linguístico”)?																							
verbal	arbitrário ou motivado	não-verbal	motivado																						
convencional e opaco	?	íctico/individual e transparente																							
linear		simultâneo																							
articulado	holístico																								
recombinatório e produtivo	não-recombinatório																								
<p>S 79</p> <p>2.2 Produtividade Gramatical 2.2.3</p> <ul style="list-style-type: none"> Os elementos constitutivos dos sinais (configurações de mão, movimentos e localizações) são manipulados para produzir novos sentidos de modo regular e produtivo <ul style="list-style-type: none"> Processos de “flexão” Processos de “derivação” Processos de “composição”  <p>Flexão número e pessoa</p>  <p>Derivação Boião et al. (2022)</p>  <p>Composição</p>	<p>S 80</p> <p>2.2 Pressões do sistema linguístico 2.2.3</p> <p>Restrições quirêmicas (Battison, 1974)</p> <ul style="list-style-type: none"> Sinais sofrem pressão de restrições de natureza quirêmica (“fonológica”) <ul style="list-style-type: none"> ✓ Sinais de 1 mão ✓ Sinais de 2 mãos <ul style="list-style-type: none"> □ Condição de dominância □ Condição de simetria  <p>Dominância</p>  <p>Simetria</p>	<p>S 81</p> <p>2.2 Pressões do sistema linguístico 2.2.3</p> <p>Mudanças diacrônicas</p> <ul style="list-style-type: none"> Sinais apresentam tendências de mudança quirêmica ao longo do tempo (Diniz, 2010). <p>Por exemplo</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Deslocamento do significante para fora da face ✓ Redução do espaço de sinalização ✓ Deslocamento do significante do corpo como um todo para as mãos  <p>Iconografia dos Sinais</p>  <p>INES</p> 																							

S 82

2.2

Conclusões das pesquisas das LSs

2.2.3

- Uma linha de investigação tem sido a de demonstrar que os sinais das LSs tem o mesmo estatuto gramatical das "palavras" nas LOs: dupla articulação, arbitrariedade, convencionalidade, restrições quirêmicas, produtividade gramatical
- Os "sinais" das LSs não são meros "gestos" ou "mímicas" – entendendo por esses termos um modo de comunicação "não-linguístico"
- Outra linha de investigação seria enfrentar o tabu: em que aspectos os chamados "sinais" compartilhariam características dos "gestos" (e não das "palavras") que as pessoas ouvintes utilizam?



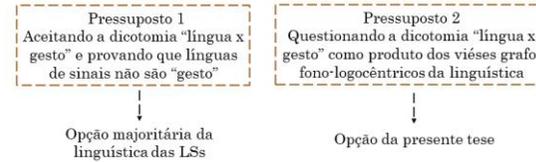
S 83

2.2

Considerações finais sobre o tabu do "gesto" nas LSs

2.2.3

Duas maneiras de questionar a estigmatização das línguas de sinais pela linguística geral



2.3 TIPOS E FUNÇÕES DE “GESTOS”

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- A importância dos “gestos” manuais (S88)
- Definições de “gesto” em diferentes autores (S89)
- Tipos e funções de “gestos” para David McNeill (S90)
- Gesticulações icônicas (S91)
- Gesticulações dêiticas (S92)
- Gesticulação rítmica (batida) e pantomima (S93)
- Emblemas e Sinais (S94)
- O “contínuo de Kendon” (S95)
- Funções epistêmica, ergótica e semiótica dos “gestos” manuais (S96)
- Lexicalização e gramaticalização de “gestos” manuais (S97)
- Hipótese da origem gestual da linguagem humana (S98)

Figura 9. Slides da seção “Tipos e funções de ‘gestos’ (2.3)”

<p>S 84</p> <p>Capítulo 2 Fundamentação Teórica</p>	<p>S 85</p> <p>Capítulo 2 Fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematisações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs 	<p>S 86</p> <p>Capítulo 2 Fundamentação teórica</p> <p>Tipos e funções dos “gestos” (2.3)</p> <ul style="list-style-type: none"> A importância dos “gestos” manuais e suas definições Tipologia de “gestos” com função semiótica por Kendon e McNeill O contínuo de Kendon A hipótese da origem gestual da linguagem
<p>S 87</p> <p>2.3 Tipos e funções dos “gestos”</p>	<p>S 88</p> <p>2.3 A importância dos “gestos” manuais</p> <ul style="list-style-type: none"> Estudos do gesto é um campo heterogêneo envolvendo psicologia, neurociência, antropologia, sociologia, entre diversas outras áreas (McCleary e Viotti, 2017) Homínculo: A mão humana têm uma representação cerebral ainda mais importante do que a boca e a língua (Peinfeld & Boldrey, 1937)  <p>Modelo Sensorial (esq.) e Modelo Motor (dir.) do homínculo no Museu de História Natural, Londres</p>	<p>S 89</p> <p>2.3 Definições de “gesto”</p> <p>Definições de “gesto” com diferentes graus de abrangência</p> <ul style="list-style-type: none"> McNeill (1992): Movimentos visíveis das mãos e braços enquanto falamos Kendon (2004): Qualquer ação corporal visível constituente de enunciados Armstrong, Stokoe e Wilcox (1995): conjunto de movimentos coordenados voltados a atingir um objetivo Cadoz (1994): um dos canais de comunicação (ao lado da voz, da visão, da audição, etc) Streck (2009): componentes de ações e contextos multimodais produzidos momento-a-momento ao longo da interação social 
<p>S 90</p> <p>2.3 Tipos e funções de “gestos” semióticos</p> <p>Principais tipos gestos com função semiótica (Kendon, 1998; McNeill, 1992)</p> <ul style="list-style-type: none"> Gesticulações: gestos espontâneos que acompanham a “fala” <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ícônicas → complementam ou suplementam a “fala” ✓ Déiticas → apontam para referentes concretos ou abstratos ✓ Rítmica (batidas) → envolvem movimentos rítmicos das mãos e braços Pantomima: encenações de ações de personagens Emblema: gestos convencionais de uma dada comunidade Sinais: “gestos” plenamente linguísticos das comunidades surdas  <p>David McNeill</p>	<p>S 91</p> <p>2.3 Tipos e funções de “gestos” semióticos</p> <ul style="list-style-type: none"> Gesticulações icônicas <ul style="list-style-type: none"> ✓ Complementando a “fala”:  <p>gesto demonstra como o casaco é amarrado</p> <p>“...então hoje em dia eu amarro um casaco na minha cabeça pra dormir no avião...”</p> ✓ Suplementando a “fala”:  <p>gesto demonstra que ele “viu” no celular</p> <p>“...Oi, ah...deixa eu ver... Não!”</p> 	<p>S 92</p> <p>2.3 Tipos e funções de “gestos” semióticos</p> <ul style="list-style-type: none"> Gesticulações déiticas <ul style="list-style-type: none"> ✓ Concreta:  <p>gesto aponta para cima representando local da numeração da poltrona</p> <p>“Não, [3F], tô no 3F.”</p> ✓ Abstrata:  <p>gesto aponta para trás representando tempo passado</p> <p>“...e encontrar a minha mochila na sala que eu tinha esquecido na véspera”</p>

S 93

2.3 Tipos e funções de “gestos” semióticos

- Gesticulação rítmica (batida)

“... Você esqueceu a carteira e o celular.”



gesto marca os acentos prosódicos

- Pantomima

“... uma vez tiraram uma foto minha, eu ‘ááá’ com a boca aberta.”



gesto encena um personagem

S 94

2.3 Tipos e funções de “gestos” semióticos

- Emblemas



- Sinais (exemplos da libras)



S 95

2.3 O “contínuo de Kendon”

Diferenças em termos de propriedades linguísticas (McNeill, 1992)

Gesticulação	Pantomima	Emblema	Sinais
- convencional	- convencional	+ convencional	+ convencional
- arbitrário	- arbitrário	+/- arbitrário	+ arbitrário
- boa formação	- boa formação	+ boa formação	+ boa formação
- articulado	- articulado	- articulado	+ articulado
- combinatório	- combinatório	- combinatório	+ combinatório
não-linguístico	parcialmente linguístico	linguístico	linguístico

S 96

2.3 Múltiplas funções dos “gestos” manuais

- Cadoz (1994) e Streek (2009)

“Gesto” manual é um canal privilegiado por apresentar múltiplas funções:

- ✓ Epistêmicas: obter informação sobre o mundo
- ✓ Ergóticas: agir sobre o mundo
- ✓ Semióticas: comunicar sobre o mundo



S 97

2.3 Lexicalização e gramaticalização de “gestos” manuais



Sherman Wilcox (2004)

S 98

2.3 Hipótese da origem gestual da linguagem humana

Corballis (2013)

- Há diversas evidências de que a linguagem emergiu de ações manuais e não vocais
 - ✓ As mãos são um modo mais natural de representação de coisas e eventos do que vocalizações
 - ✓ Primatas não-humanos são ensinados a se comunicar manualmente com mais facilidade do que vocalmente
 - ✓ A transição gradual das mãos para a boca pode ter sido uma vantagem adaptativa para liberar as mãos para outras funções
 - ✓ O fenômeno de línguas de sinais emergentes são uma evidência ontogênica da origem “gestual” da linguagem humana



Armstrong, Stokoe & Wilcox (1995)

S 99

2.3 Considerações finais sobre os estudos do “gesto”

- É irônico que a relevância dos “gestos” seja muito mais reconhecida fora do campo da linguística das LSs, onde esse tema permanece um tabu (McCleary e Viotti, 2011)
- Até que ponto podemos re-significar o termo “gesto”, desvinculando-o de sua conotação pejorativa?
- Até que ponto é relevante perpetuarmos distinções categóricas de “gesto vs. língua/sinal”, pressupondo que “gesto” seja algo pior ou inferior à “língua”?



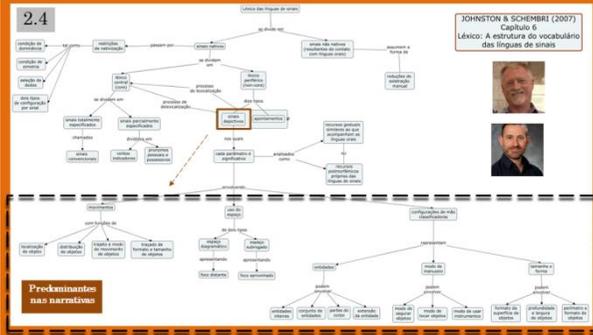
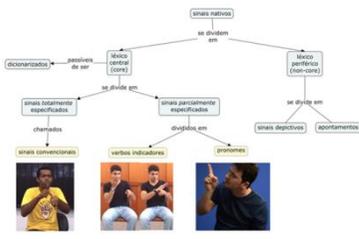
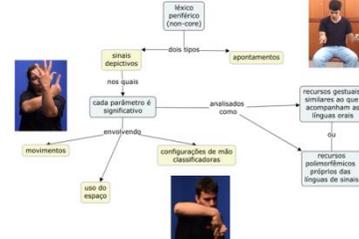
John Napier (1980) Estrutura da mão humana

2.4 TIPOS E FUNÇÕES DE “SINAIS”

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- A natureza dos sinais das LSs (S104)
- Tipologia do vocabulário das LSs por Johnston e Schembri (S105)
- Sinais nativos x Sinais não-nativos (S106)
- Sinais nativos: Léxico central (S107)
- Sinais nativos: Léxico periférico (S108)
- “Sinais depictivos”: Parâmetro do movimento (S109)
- “Sinais depictivos”: Parâmetro de localização (S110)
- “Sinais depictivos”: Parâmetro da configuração de mão (S121)
- “Sinais depictivos”: linguísticos ou gestuais? (S112)
- Tratamentos linguísticos para os “sinais depictivos” (Ted Supalla) (S113)
- Tratamentos linguísticos e gestuais “sinais depictivos” (Scott Liddell) (S114)
- Tratamentos não linguísticos “sinais depictivos” (Ana Regina Campello) (S115)
- Tratamento semiótico “sinais depictivos” (Adam Kendon) (S116)

Figura 10. Slides da seção “Tipos e funções de ‘sinais’ (2.4)”

<p>S 100</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação Teórica</p>	<p>S 101</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematisações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs 	<p>S 102</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação teórica</p> <p>Tipos e funções de “sinais” (2.4)</p> <ul style="list-style-type: none"> Tipologia de “sinais” das LSs por Johnston & Schembri “Sinais convencionais” e “sinais depictivos” Tratamentos linguísticos e/ou gestuais para os “sinais depictivos”
<p>S 103</p> <p>2.4 Tipos e funções de “sinais”</p>	<p>S 104</p> <p>2.4 A natureza dos sinais das LSs</p> <ul style="list-style-type: none"> Stokoe (1960), Klima e Bellugi (1979), Battison (1978), entre outros, possibilitaram estabelecer o estatuto linguístico das LSs além de qualquer dúvida Alguns fenômenos das LSs, contudo, continuam a desafiar as teorias linguísticas enfiadas por estudos de LOs mediados pela escrita Em particular, há ‘um tipo de ação manual’ nas LSs que tem recebido diversas designações e cujo estatuto enquanto “língua” ou “gesto” é bastante debatido <ul style="list-style-type: none"> ✓ Predicados classificadores (Supalla, 2003) ✓ Verbos depictivos (Liddell, 2003) ✓ Sinais policomponenciais (Quinto-Pozos, 2007) ✓ Verbos policomponenciais (Schembri, 2003) ✓ Descritores imagéticos (Campello, 2008) <p>O termo “ação manual” (Kendon, 2014) nos ajuda a pensar sobre esse fenômeno para além da dicotomia “língua vs. “gesto”</p> 	<p>S 105</p> <p>2.4</p> <p>JOHNSTON & SCHEMBRI (2007) Capítulo 6 Léxico: A estrutura do vocabulário das línguas de sinais</p>  <p>Precedentes nas narrativas</p>
<p>S 106</p> <p>2.4 Sinais nativos x Sinais não-nativos</p>  <ul style="list-style-type: none"> Sinais soletrados podem ou não passar por um processo de nativização 	<p>S 107</p> <p>2.4 Sinais nativos: Léxico central</p>  <ul style="list-style-type: none"> Sinais convencionais: “congelados”, monomorfêmicos Sinais parcialmente especificados: <ul style="list-style-type: none"> Sinais parcialmente especificados: <ul style="list-style-type: none"> charadas sinais convencionais verbo indicativos pronomes Sinais parcialmente especificados: <ul style="list-style-type: none"> sinais depictivos apontamentos 	<p>S 108</p> <p>2.4 Sinais nativos: Léxico periférico</p>  <ul style="list-style-type: none"> Sinais depictivos <ul style="list-style-type: none"> ✓ Criados a partir de usos de CMs, MOVs e LOCs significativos ✓ Combinações podem nunca ter sido produzidas previamente ✓ Algumas formas podem ser lexicalizadas

S 109

2.4 Sinais depictivos
Parâmetro do movimento

S 110

2.4 Sinais depictivos
Parâmetro de localização

S 111

2.4 Sinais depictivos
Parâmetro da configuração de mão

S 112

2.4 Sinais depictivos: linguísticos ou gestuais?

- “Sinais depictivos” tem sido um ponto de intenso debate na linguística das LSs
- As perspectivas dos pesquisadores diante desse fenômeno tem oscilado entre tratamentos “linguísticos” e/ou “gestuais”
- Chamaremos esse tipo de fenômeno de “ações manuais depictivas (i.e. que fazem algum tipo de retrato visual)

S 113

2.4 Tratamentos linguísticos

- Fim da década de 70 e início da década de 80: busca de correlatos gramaticais entre LSs e LOs
- Línguas de sinais são apresentadas como línguas de morfologia polisintética, capazes de agregar inúmeros morfemas em um único sinal
- Os “sinais depictivos” são tratados como complexos predicados classificadores em que CMs, MOVs e LOCs representam múltiplos morfemas (Supalla, 1978, 1982)

Ted Supalla

S 114

2.4 Tratamentos linguísticos e gestuais

- Scott Liddell é um linguista que continuamente revê a sua compreensão sobre as LSs desde a década de 70 até os dias atuais
- Nas décadas mais recentes, ele elabora a tese de que os sinais possuem propriedades “linguísticas” e “gestuais” (tal como os estudos do gesto demonstram para as LOs)
- Esses “sinais depictivos” são tratados como verbos depictivos que envolvem morfemas linguísticos (CMs) e componentes gestuais (MOV e LOC)
- Outros pesquisadores se aproximam dessa visão de cooperação “língua-gesto” em LSs e LOs e se referem a recursos “policompetenciais”

Scott Liddell

S 115

2.4 Tratamentos não linguísticos

- No Brasil, assim como em outros locais do mundo, a linguagem dos “classificadores” (CL) predomina entre a comunidade surda
- Em 2008, inspirada pelas pesquisas de Christian Cuxac, Campello (2008) questiona a contínua busca de categorizações gramaticais para descrever as LSs?
- A autora encontra no termo descrições imagéticas (DIs) de Cuxac uma designação que permite tratar das “estruturas visuais” das LSs sem necessidade de associar com teorias gramaticais

Ana Regina Campello

S 116

2.4 Tratamento semiótico

- As “gesticulações icônicas” que fazem parte dos enunciados em LOs são similares aos ODSs identificados nas LSs (Kendon, 2004)
- Nas LSs, porém, que não se apoiam no som e na vocalização, há um repertório muito maior de ações manuais propensas à estabilização e regularização
- ODSs podem ser compreendidos como elaborações de representações visuais utilizadas por qualquer ser humano

Adam Kendon

2.5 PROBLEMATIZAÇÕES DE MCCLEARY E VIOTTI (2011)

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- As 4 problematizações sobre “língua e gesto” que selecionamos a partir da leitura de McCleary e Viotti (S120)
- Pressupostos de McCleary e Viotti sobre “língua e gesto” (S121, S122)
- Fenômenos lexicais das LSs discutidos por McCleary e Viotti (S123)
- Exemplos de “sinais policomponenciais” (S124)
- Análise de McCleary e Viotti sobre o “verbo PEGAR e PÔR” na libras (S125, S126)
- Questões a serem cotejadas com os dados desta pesquisa (S127)

Figura 11. Slides da seção “Problematizações de McCleary e Viotti (2011)(2.5)”

<p>S 117</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação Teórica</p>	<p>S 118</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação teórica</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 2.2 Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos 2.3 Tipos e funções dos “gestos” 2.4 Tipos e funções dos “sinais” 2.5 Problematizações de McCleary e Viotti (2011) sobre “língua” e “gesto” nas LSs 	<p>S 119</p> <p>2.5 Problematizações de McCleary e Viotti (2011)</p>
<p>S 120</p> <p>2.5</p> <p>Capítulo 2</p> <p>Fundamentação teórica</p> <p>Problematizações de McCleary e Viotti (2.5)</p> <ul style="list-style-type: none"> P1 Flexibilidade dos sinais nas LSs P2 Criatividade nas LSs P3 Correlatos entre LSs e LOs P4 Estatuto dos sinais nas LSs 	<p>S 121</p> <p>2.5</p> <p>Pressupostos de McCleary e Viotti (2011)</p> <p>Pressupostos do artigo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Os ditos “gestos” são parte da (corp)oralidade visual que constitui toda comunicação humana, incluindo as LOs (McCleary, 2003; 2008) 2. A “linguística” precisa ser pensada de modo mais amplo como uma “semiótica de corpos em ação”, enfatizando a natureza dialógica e corporeada da linguagem (McCleary e Viotti, 2017) 3. “Língua” e “gesto” são tratados como categorias abstratas, modos de comunicação, e não estão atrelados a um canal de comunicação específico (“manual” ou “vocal”)  <p>Leland McCleary</p>  <p>Evani Viotti</p>	<p>S 122</p> <p>2.5</p> <p>Pressupostos de McCleary e Viotti (2011)</p> <p>Pressupostos do artigo</p> <ol style="list-style-type: none"> 5. O “linguístico/verbal” envolve as propriedades segmentais, convencionais, lineares, combinatórias da linguagem 6. O “gestual” envolve as propriedades gradientes, ad-hoc, espaciais, não-combinatórias da linguagem 7. Nas LOs, as propriedades “linguísticas” são mais estruturais do que as “gestuais” 8. Nas LSs, as propriedades “gestuais” são mais estruturais do que as “linguísticas”  <p>Gradiente adaptada de McCleary e Viotti (2009)</p>
<p>S 123</p> <p>2.5</p> <p>Fenômenos discutidos por McCleary e Viotti (2011)</p> <p>Alguns fenômenos identificados no léxico das LSs que, segundo McCleary e Viotti, desafiam os tratamentos estritamente “linguísticos”</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Objetificação de sinais 2. Bóias depictivas 3. Déiticos 4. Pronomes 5. Verbos indicadores 6. “Sinais policomponenciais” <p>Predominantes em nossos dados</p> 	<p>S 124</p> <p>2.5</p> <p>Exemplos de “sinais policomponenciais”</p> 	<p>S 125</p> <p>2.5</p> <p>Análise de um “sinal policomponencial”</p> <p>Buscando sustentar a tese da “centralidade do gesto” nas LSs, McCleary e Viotti analisam os “verbos PEGAR e POR”, um tipo de “sinal policomponencial”, argumentando que</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ a sua forma varia de acordo com o contexto discursivo e do objeto ao qual faz referência ✓ os seus componentes não tem significado fora do contexto em que são produzidos 

S 126

2.5

Análise de
McCleary e Viotti (2011)

Em termos das problematizações, a análise dos "verbos PEGAR e POR" apontaria para as seguintes conclusões

- nenhuma palavra das LOs parece apresentar um correlato com esse tipo de sinal
- esses verbos são altamente flexíveis e sensíveis ao contexto (ex. dependência do objeto "pêra" ou "cesta")
- esses verbos envolvem uma exploração criativa de ações manuais que depende da conceitualização que o narrador faz da história (ex. relação espacial entre objetos e personagens)
- esses verbos são modificados localmente para retratar a narrativa de modo mais específico (ex. formas de "pegar a pêra")
- tratamentos estritamente linguísticos (morfêmicos) não conseguem dar conta da versatilidade de uso desses verbos



S 127

2.5

Cotejando as problematizações
com os dados das nossas narrativas

Ações manuais da narrativa sob a ótica das problematizações

- é possível encontrar correlatos entre as ações manuais encontradas e o léxico das LOs?
- o quão flexíveis são as ações manuais encontradas nas narrativas?
- as ações manuais encontradas envolvem usos criativos da língua para produção de efeitos de sentido específicos?
- as ações manuais encontradas são modificadas para descrever objetos e eventos de modo mais preciso?
- os elementos que tornam as ações manuais significativas teriam estatuto morfêmico?

3 METODOLOGIA

3.1 INTRODUÇÃO DA METODOLOGIA

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- As “ações manuais” como objeto de estudo da pesquisa (S130)
- Apresentação da [história da pêra](#) (S131)
- Progressiva restrição do objeto de pesquisa (S133)
- Geração de dados (S134)
- Metodologia de análise (S135)
- Construção da tese videogravada (S136)

Figura 12. Slides da seção “Introdução da metodologia (3.1)”

<p>S 128</p> <p>Capítulo 3 Metodologia</p>	<p>S 129</p> <p>3.1. Introdução da metodologia</p>	<p>S 130</p> <p>3.1 Introdução da metodologia</p>  <p>Objeto de estudo inicial</p> <p>“Ações manuais” na comunicação humana</p> <p>Visão unificada sobre uso das mãos por surdos e ouvintes (Armstrong et al, 1995, Kendon, 2014)</p>
<p>S 131</p> <p>3.1 Introdução da metodologia</p>  <p>Estímulo para dados de análise: História da péra (Chafe, 1980)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Filme mudo • Objetivo de produzir pesquisas linguísticas comparativas <p>Acesso</p> <ul style="list-style-type: none"> • QrCode • Link no pdf 	<p>S 132</p> <p>3.1 Introdução da metodologia</p> <p>4 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 3.2 Definição do objeto de pesquisa 3.3 Geração do corpus 3.4 Metodologia de análise 3.5 Construção da tese em vídeo 	<p>S 133</p> <p>3.1 Introdução da metodologia</p> <p>Definição do Objeto de Pesquisa (3.2)</p> <p>Progressiva restrição e especificação do objeto de pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> Proposta 1 Proposta 2 Proposta 3
<p>S 134</p> <p>3.1 Introdução da metodologia</p> <p>Geração de Dados (3.3)</p> <p>Gerado nesta pesquisa</p>  <p>Quadros et al. (2020)</p> <p>McCleary e Viotti (2007)</p>	<p>S 135</p> <p>3.1 Introdução da metodologia</p> <p>Metodologia de Análise (3.4)</p> <ul style="list-style-type: none"> Seleção de objetos de referência Anotação no ELAN Fixação dos dados Diálogos com McCleary e Viotti (2011) 	<p>S 136</p> <p>3.1 Introdução da metodologia</p> <p>Construção da tese videogravada (3.5)</p> <ul style="list-style-type: none"> 3.5.1 Importância dos novos gêneros videogravados 3.5.2 Primeiros autores da área 3.5.3 Características de um gênero emergente 3.5.4 Proposta para esta tese

3.2 DEFINIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Progressiva restrição do objeto de pesquisa (S139)
- 1ª proposta: Comparar contextos em português, em libras e sem língua compartilhada (S140)
- 2ª proposta: Comparar contextos em português e em libras (S141)
- 3ª proposta: Comparar contextos em libras somente (S142)

Figura 13. Slides da seção “Definição do objeto de pesquisa (3.2)”

<p style="text-align: center;">S 137</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 3</p> <p style="text-align: center;">Metodologia</p>	<p style="text-align: center;">S 138</p> <p style="text-align: center;">3.2. Definição do objeto de pesquisa</p>	<p style="text-align: center;">S 139</p> <div style="text-align: center;"> <p>3.2</p> <div style="border: 1px solid gray; padding: 5px; display: inline-block;">Definição do Objeto de Pesquisa</div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center; margin-top: 20px;"> <div style="text-align: center;"> <p>Proposta 1</p> <p>Proposta 2</p> <p>Proposta 3</p> </div> <div style="text-align: right;"> <p><i>Progressiva restrição e especificação do objeto de pesquisa</i></p> </div> </div>
<p style="text-align: center;">S 140</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 30%;"> <p>3.2</p> <p style="text-align: center;">Proposta 1</p> <p style="text-align: center;">Comparar diferentes contextos de produção</p> <p>Narrativas em diferentes línguas/modalidades</p>  <p style="margin-left: 20px;">Libras</p> <p style="margin-left: 20px;">Português</p> <p style="margin-left: 20px;">Sem língua</p>  </div> <div style="width: 30%;"> <p>24 participantes com 3 diferentes perfis</p>  <p style="margin-left: 20px;">Surdos</p> <p style="margin-left: 20px;">Ouvintes</p> <p style="margin-left: 20px;">Ouvintes com experiência cênica</p> </div> </div>	<p style="text-align: center;">S 141</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 30%;"> <p>3.2</p> <p style="text-align: center;">Proposta 2 (Qualificação)</p> <p style="text-align: center;">Restringir participantes e variáveis</p> <p>24 participantes com 3 diferentes perfis</p>  <p style="margin-left: 20px;">Surdos</p> <p style="margin-left: 20px;">Ouvintes</p> <p style="margin-left: 20px;">Ouvintes com experiência cênica</p> </div> <div style="width: 30%;"> <p style="text-align: center;">Futuro...</p>  </div> </div> <div style="text-align: center; margin-top: 20px;"> <p>↓</p> <p>12 participantes com 2 diferentes perfis</p>  <p style="margin-left: 20px;">Surdos</p> <p style="margin-left: 20px;">Ouvintes</p> </div>	<p style="text-align: center;">S 142</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 30%;"> <p>3.2</p> <p style="text-align: center;">Proposta 3 (Início das análises)</p> <p style="text-align: center;">Riqueza de formas de narrar em libras</p> <p>24 participantes com 2 diferentes perfis</p>  <p style="margin-left: 20px;">Surdos</p> <p style="margin-left: 20px;">Ouvintes</p> <p style="margin-left: 20px;">Ouvintes com experiência cênica</p> </div> <div style="width: 30%;"> <p style="text-align: center;">Futuro...</p>  </div> </div> <div style="text-align: center; margin-top: 20px;"> <p>↓</p> <p>Participantes surdos + Ampliação do corpus</p>  <p style="margin-left: 20px;">Surdos</p>  </div>

3.3 GERAÇÃO DE DADOS

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Os 3 corpora explorados na pesquisa (S145)
- Os dados gerados nesta pesquisa (S146, S147)
- Ampliação do corpus com dados do corpus UFSC (S148)
- Ampliação do corpus com dados do corpus USP (S149)
- Perfis dos participantes (S150, S151)

Figura 14. Slides da seção “Geração de Dados (3.3)”

<p>S 143</p> <p>Capítulo 3</p> <p>Metodologia</p>	<p>S 144</p> <p>3.3. Geração de Dados</p>	<p>S 145</p> <p>3.3</p> <p>Geração de Dados</p> <p>Corpora utilizado</p> <p>Gerado nesta pesquisa</p> <p>CORPUS Libras Quadros et al. (2020)</p> <p>USP Universidade de São Paulo McCleary e Viotti (2007)</p>
<p>S 146</p> <p>3.3</p> <p>Corpus gerado nesta pesquisa 6 duplas – 12 pessoas (Surdos e (Ouvintes)</p>  <p>Libras Português Sem língua</p>	<p>S 147</p> <p>3.3</p> <p>Corpus gerado nesta pesquisa Narrativas em libras</p>  <ul style="list-style-type: none"> • Duas duplas de participantes surdos • Estúdio na UFPR • TCLEs apresentados e assinados • As duas narrativas em libras foram selecionadas 	<p>S 148</p> <p>3.3</p> <p>Ampliação do corpus</p>  <ul style="list-style-type: none"> • Sessões com histórias da péra • TCLEs assinados já previstos no corpus • Disponível online • Seleção de narrativas mais detalhadas e fiéis
<p>S 149</p> <p>3.3</p> <p>Ampliação do corpus</p>  <ul style="list-style-type: none"> • Formação de corpus em 2004 • Nova obtenção de TCLEs • Seleção de duas narrativas com novos elementos, uma delas já objeto de publicações (McCleary e Viotti, 2010, 2011, 2014) 	<p>S 150</p> <p>3.3</p> <p>Perfis dos participantes</p> 	<p>S 151</p> <p>3.3</p> <p>Perfil dos participantes</p> <p>Gerado nesta pesquisa</p>   <ol style="list-style-type: none"> Idade? A família tem surdos? Quantos anos de contato com libras? Como aprendeu a libras? Qual é a escolaridade? Frequentou escola de surdos ou ouvintes? Trabalha em que área?

3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Seleção de quatro objetos de referência na história (aparência do agricultor, bicicleta, cestas, pêra) (S155)
- Anotação de dados no ELAN (S156)
- Fixação dos dados com extração de imagens e produção de tabelas (S157, S158)
- Discussão dos dados sob a ótica de McCleary e Viotti (S159)

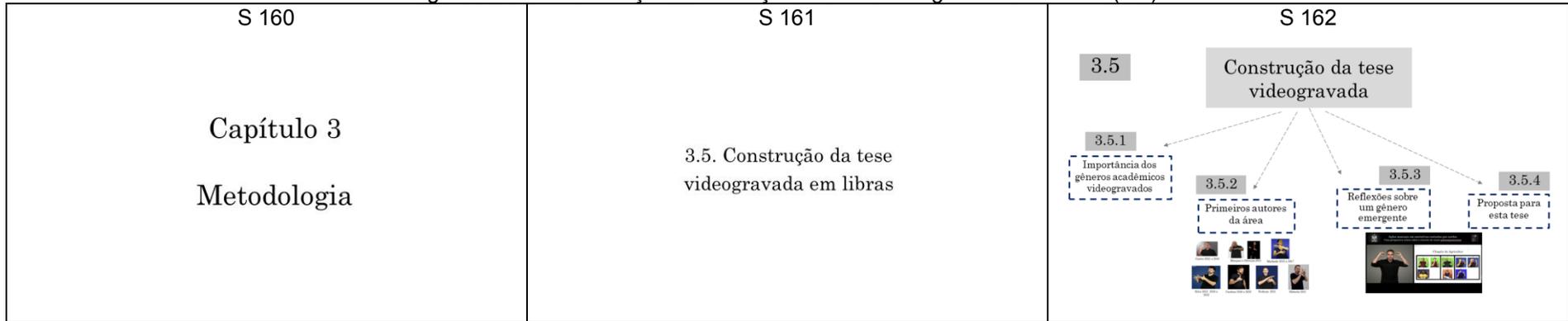
Figura 15. Slides da seção “Metodologia de análise (3.4)”

<p>S 152</p> <p>Capítulo 3 Metodologia</p>	<p>S 153</p> <p>3.4. Metodologia de Análise</p>	<p>S 154</p> <p>3.4 Metodologia de Análise</p>
<p>S 155</p> <p>3.4 Seleção de Quatro Objetos de Referência</p>	<p>S 156</p> <p>3.4 Anotação de dados</p>	<p>S 157</p> <p>3.4 Fixação dos dados Extração de imagens</p> <p>Recortar: Shift + S + [tecla] (Atalho do OneNote/Windows)</p> <p>Recortes tamanho exato</p> <p>Colar: Alt + Tab + Ctrl V</p>
<p>S 158</p> <p>3.4 Fixação dos dados Criação de tabelas descritivas e comparativas</p>	<p>S159</p> <p>3.4 Discussão dos dados</p> <p>“Língua e gesto nas línguas sinalizadas” Revista <i>Veredas</i>, v. 15, n.1, 2011</p> <p>Problematizações</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que desafios a descrição das línguas de sinais colocam para a teorização linguística? <ul style="list-style-type: none"> ✓ Características dos chamados “sinais policomponenciais” (tradicionalmente “CLs”) ✓ Pressuposto de distinção entre “língua” e “gesto” 	

3.5 CONSTRUÇÃO DA TESE VIDEOGRAVADA EM LIBRAS

Nesta seção, introduzimos os tópicos que serão discutidos nesta seção: a importância dos gêneros acadêmicos videogravados, os primeiros autores da área, reflexões sobre esse gênero emergente a nossa proposta de critérios metodológicos para produção desta tese.

Figura 16. Slides da seção “Construção da tese videogravada em libras (3.5)”



3.5.1 Importância dos gêneros acadêmicos videogravados em libras

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- A produção de gêneros acadêmicos videogravados em libras como exercício do direito linguístico dos surdos (S167)
- Importância de gêneros acadêmicos videogravados em libras ([S166](#), S167)
- Levantamento de gêneros feitos por Silva (2019) (S168)

Figura 17. Slides da seção “Importância dos gêneros acadêmicos videogravados em libras (3.5.1)”

<p>S 163</p> <p>Capítulo 3</p> <p>Metodologia</p>	<p>S 164</p> <p>3.5.1. Importância de gêneros acadêmicos videogravados em libras</p>	<p>S 165</p> <p>3.5 Importância de gêneros acadêmicos videogravados em libras 3.5.1</p>  <p>Silva (2023, p. 96)</p> <p><i>“Sobre a publicação de dissertações e teses em Libras, é possível refletir sobre (...) o direito de os surdos produzirem conhecimento diretamente em sua primeira língua (L1) e registrar seu pensamento original em seu idioma natural.</i></p>
<p>S 166</p> <p>3.5 Importância de gêneros acadêmicos videogravados em libras 3.5.1</p>  <p>Profa. Tania Ramos</p> <p>Defesa de tese de Fernanda Machado (2017)</p> 	<p>S 167</p> <p>3.5 Importância de gêneros acadêmicos videogravados em libras 3.5.1</p>  <p>Educação formal</p> <ul style="list-style-type: none"> • Importância de desenvolver a L1 e a L2 igualmente na educação bilíngue (Cummins, 2011) • Importância de multiletramentos na escolarização dos surdos incluindo novas tecnologias (Gee, 2011) <p>Pesquisas linguísticas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Crescimento de mídias eletrônicas como instrumento de pesquisa sobre a linguagem (Armstrong et al, 1995) 	<p>S 168</p> <p>3.5 Importância de gêneros acadêmicos videogravados em libras 3.5.1</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dicionários e glossários • Provas • Materiais didáticos • Monografias • Resumos de artigos • Teses e dissertações • Artigos científicos  <p>Foco de análise Silva (2019)</p> <p>Foco de análise nesta pesquisa</p>

3.5.2 Primeiros autores de textos acadêmicos videogravados em libras

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Criadores e pesquisadores de textos acadêmicos videogravados em libras (S171)
- Cronologia de textos acadêmicos videogravados em libras (S172)
- Textos acadêmicos videogravados de caráter exploratório e normatizado (S173)
- Durações de tempo nos trabalhos prévios (S174)
- Aparência geral nos trabalhos prévios (roupa, fundo, enquadre, luz, logotipo, legenda) (S175)
- Citação direta nos trabalhos prévios (S176)
- Citação indireta nos trabalhos prévios (S177)
- Notas de rodapé nos trabalhos prévios (S178)
- Referências Bibliográficas nos trabalhos prévios (S179)
- Como os dados são apresentados nos trabalhos prévios (S180, S181, S182, S183, S184, S185)
- Contribuição do PDF nos trabalhos prévios (S186)

Hospedagem do texto videogravado nos trabalhos prévios (S187)

Figura 18. Slides da seção “Primeiros autores de textos acadêmicos videogravados em libras (3.5.2)”

S 169

Capítulo 3

Metodologia

S 170

3.5.2. Primeiros autores e textos acadêmicos videogravados em libras

S 171

3.5 Criadores e pesquisadores de textos acadêmicos videogravados em libras 3.5.2

S 172

3.5 Cronologia de textos acadêmicos videogravados em libras 3.5.2

S 173

3.5 Características de textos acadêmicos videogravados em libras 3.5.2

Exploratórios Normatizados

S 174

3.5 Durações de tempo 3.5.2

Pimenta	Machado	Pedroni	Heberle	Videoregistro Ed. nº 005/2020
3h 51m 51s ¹	05h 09m	03h 01m	08h 35m 10s	21m 01s 24m 03s 29m 03s

- Impossibilidade de equiparar número de páginas com tempo de vídeo
- O mito da tese videogravada ser “longa demais”
- Importância da segmentação e acesso eficiente às seções

S 175

3.5 Aparência Geral (roupa, fundo, enquadre, luz, logotipo, legenda) 3.5.2

S 176

3.5 Citação Direta 3.5.2

S 177

3.5 Citação Indireta 3.5.2

S 178

3.5 Notas de rodapé **3.5.2**

Castro Machado

Videoregistro

S 179

3.5 Referências Bibliográficas **3.5.2**

Castro Machado Heberle

Videoregistro

S 180

3.5 Como os dados são apresentados (figura, tabela, links) **3.5.2**

Castro Machado Pedroni Heberle Videoregistro Ed. n° 005/2020

S 181

3.5 Como os dados são apresentados (figura, tabela, links) **3.5.2**

Castro Machado

S 182

3.5 Como os dados são apresentados (figura, tabela, links) **3.5.2**

Castro Machado

S 183

3.5 Como os dados são apresentados (figura, tabela, links) **3.5.2**

Pedroni Machado

S 184

3.5 Como os dados são apresentados (figura, tabela, links) **3.5.2**

Heberle Machado

S 185

3.5 Como os dados são apresentados (figura, tabela, links) **3.5.2**

Heberle Machado

Videoregistro

S 186

3.5 Contribuição do PDF **3.5.2**

- Submissão em pdf é obrigatória para documentação em repositório institucional
- Informações comuns
 - ✓ Informações institucionais
 - ✓ Informações preliminares à introdução
 - ✓ Informações de caráter altamente sintético

Castro	Machado	Pedroni	Heberle	Videoregistro Ed. n° 005/2020
PDF com síntese da dissertação, escrita por um tradutor	PDF Apenas remete à tese em vídeo	PDF Sumário com hiperlinks incluindo o tempo das seções	PDF Sumário com hiperlinks incluindo o tempo das seções	Não envolve PDF, apenas vídeo

S 187

3.5

Hospedagem do vídeo

3.5.2

- Avanço das tecnologias
- Hospedagens gratuitas e pagas
- Recursos de segmentação e navegação
- Durabilidade do registro
- Contexto visual do vídeo

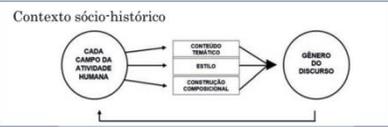
Castro	Machado	Pedroni	Heberle	Videoregistro Ed. n° 005/2020
DVD	SITE PRÓPRIO	YOUTUBE	YOUTUBE	SITE DA UFSC

3.5.3 Reflexões sobre um gênero de discurso emergente

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- O conceito de “gênero acadêmico videogravado em libras” (S190)
- O conceito de “gêneros do discurso” (S191, S192, S193, S194)
- Elementos dos gêneros do discurso (S195, S196)
- Condições de produção do discurso (corp)oral e escrito (S197)
- Condições de produção do discurso videogravado (S198)
- Etapas da produção de um texto acadêmico videogravado (S199)
- A videoaula como um gênero de discurso aproximado ao da presente tese (S200)

Figura 19. Slides da seção “Reflexões sobre um gênero de discurso emergente (3.5.3)”

<p style="text-align: center;">S 188</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 3</p> <p style="text-align: center;">Metodologia</p>	<p style="text-align: center;">S 189</p> <p style="text-align: center;">3.5.3. Reflexões sobre um gênero de discurso emergente</p>	<p style="text-align: center;">S 190</p> <p style="text-align: center;">3.5 O conceito de “gênero acadêmico videogravado em libras” 3.5.3</p> <p style="text-align: center;">Termos técnicos utilizados nesta tese</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> <p>Libras</p>  <p>Silva (2019)</p> <p>LIBRAS VIDEOSINALIZADA</p> </div> <div style="text-align: center;"> <p>Português</p> <p>“Texto videogravado em Libras”</p> <p>Exemplos: Texto videogravado em português Texto escrito em português Texto videogravado em libras Texto audiogravado em português Texto escrito em libras no sistema signwriting</p> </div> </div> <p style="text-align: center;">outra proposta</p>
<p style="text-align: center;">S 191</p> <p style="text-align: center;">3.5 O conceito de Gêneros do Discurso 3.5.3</p> <ul style="list-style-type: none"> Perspectiva de gêneros do discurso (Bakhtin, 1997)   <p>Florin (2016, p. 70-71)</p> <p><i>“Bakhtin não pretendia fazer um catálogo de gêneros, com a descrição de cada estilo, de cada estrutura composicional, de cada conteúdo temático (...) o que é preciso é entender por que o enunciado é assim construído, quais os elementos (condições específicas e finalidades) da esfera da atividade ... levam ao surgimento desse tipo de enunciado”</i></p>	<p style="text-align: center;">S 192</p> <p style="text-align: center;">3.5 O conceito de Gêneros do Discurso 3.5.3</p> <div style="text-align: center;"> <p>Contexto sócio-histórico</p>  <p>Adaptado de Silva (2019, p. 46)</p> </div>	<p style="text-align: center;">S 193</p> <p style="text-align: center;">3.5 O conceito de Gêneros do Discurso 3.5.3</p> <div style="text-align: center;"> <p>Contexto sócio-histórico</p>  <p>Gênero do discurso</p> <p>Enunciados concretos produzidos no contexto sócio-histórico de determinadas esferas da atividade humana que apresentam um dado conteúdo temático, um estilo e uma estrutura composicional, relativamente estáveis</p> </div>
<p style="text-align: center;">S 194</p> <p style="text-align: center;">3.5 O conceito de Gêneros do Discurso 3.5.3</p> <div style="display: flex; align-items: center;">  <div style="margin-left: 20px;"> <p>Tese videogravada em libras</p> <p>Esfera ou Campo: Atividade Acadêmica</p> <p>Finalidade: Produzir e veicular conhecimento científico</p> </div> </div>	<p style="text-align: center;">S 195</p> <p style="text-align: center;">3.5 Elementos dos Gêneros do Discurso 3.5.3</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 20px;">  </div> <ul style="list-style-type: none"> Conteúdo temático Pesquisa de doutorado <p>Texto voltado à elaboração teórica-metodológica e à análise linguística</p> </div>	<p style="text-align: center;">S 196</p> <p style="text-align: center;">3.5 Elementos dos Gêneros do Discurso 3.5.3</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 20px;">  </div> <div> <p>Novas Condições de Produção</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nova língua e modalidade - Novo público-alvo - Novo suporte de registro e veiculação </div> </div>

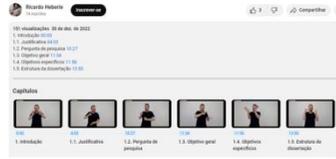
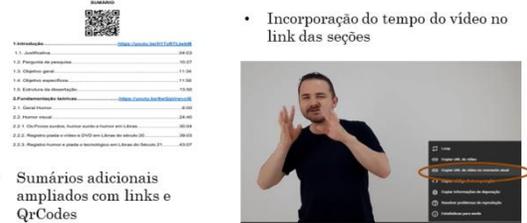
<p style="text-align: center;">S 197</p> <p>3.5 Condições de Produção 3.5.3</p> <p style="text-align: center;">Dicotomia Tradicional Kato (1985)</p> <table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 33%; vertical-align: top;"> <p>(Corp)oralidade McCleary (2003)</p> <p>Evanescente</p> <p>Corpo é visível</p> <p>Improvisada</p> <p>Compartilhamento de tempo e espaço</p> </td> <td style="width: 33%; text-align: center; vertical-align: middle;"> </td> <td style="width: 33%; vertical-align: top;"> <p>Escrita</p> <p>Fixada</p> <p>Corpo não é visível</p> <p>Planejada</p> <p>Separação em tempo e espaço</p> </td> </tr> </table>	<p>(Corp)oralidade McCleary (2003)</p> <p>Evanescente</p> <p>Corpo é visível</p> <p>Improvisada</p> <p>Compartilhamento de tempo e espaço</p>		<p>Escrita</p> <p>Fixada</p> <p>Corpo não é visível</p> <p>Planejada</p> <p>Separação em tempo e espaço</p>	<p style="text-align: center;">S 198</p> <p>3.5 Condições de Produção 3.5.3</p> <p style="text-align: center;">Suporte do videoregistro</p>  <ul style="list-style-type: none"> • Fixação de uma produção evanescente • (Corp)oralidade visível • Há planejamento e improvisação • Separação em tempo e espaço 	<p style="text-align: center;">S 199</p> <p>3.5 Etapas da Produção de um Texto Acadêmico Videogravado 3.5.3</p>  <p style="text-align: center;">Interface entre a Letras e a área do Cinema/Design</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pré-produção Leitura, anotações, slides, ensaios, agendamentos • Produção Preparação do setting, performance, (re)filmagem • Pós-produção Edição, postagem e articulação com PDF
<p>(Corp)oralidade McCleary (2003)</p> <p>Evanescente</p> <p>Corpo é visível</p> <p>Improvisada</p> <p>Compartilhamento de tempo e espaço</p>		<p>Escrita</p> <p>Fixada</p> <p>Corpo não é visível</p> <p>Planejada</p> <p>Separação em tempo e espaço</p>			
<p style="text-align: center;">S 200</p> <p>3.5 Um gênero de discurso aproximado 3.5.3</p>  <p style="text-align: center;">Videoaula Acadêmica</p> <p>Videoaula é similar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Esfera acadêmica • Estilo de um discurso (corp)oral com recursos multimodais <p>Videoaula é distinta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conteúdo temático: elaboração de um programa de ensino X relatório de uma pesquisa de tese realizada • Construção composicional: aula expositiva x seções de uma tese 					

3.5.4 Proposta para esta tese

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Rascunhos e experimentações da tese videogravada (S203)
- Configuração do setting de filmagem (S204)
- Proposta da tese (aparência geral) (S206)
- Proposta da tese (segmentação e sumários) (S207, S208)
- Proposta da tese (citação direta) (S209)
- Proposta da tese (citação indireta) (S210)
- Proposta da tese (notas de rodapé) (S211)
- Proposta da tese (referências bibliográficas) (S212)
- Proposta da tese (apresentação dos dados) (S213)
- A relação entre o discurso em libras e os slides (S214)

Figura 20. Slides da seção “Proposta para esta tese (3.5.4)”

<p>S 201</p> <p>Capítulo 3</p> <p>Metodologia</p>	<p>S 202</p> <p>3.5.4. Proposta para esta tese</p>	<p>S 203</p> <p>3.5 Rascunhos e experimentações da tese videogravada 3.5.4</p> 
<p>S 204</p> <p>3.5 Configuração do setting de filmagem 3.5.4</p>  <p>Responsáveis técnicos</p>   <p>Jimmy Free Aquino Leão Bruno Emanuel Frediani Oliveira</p>	<p>S 205</p> <p>3.5 Proposta de gênero textual para a presente tese 3.5.4</p> 	<p>S 206</p> <p>3.5 Aparência Geral do Vídeo (roupa, fundo, enquadre, luz, logotipo, legenda) 3.5.4</p>  <ul style="list-style-type: none"> • Fixação de título e logotipos institucionais • Divisão da tela entre pesquisador e slides de suporte • Fundo cinza com iluminação suave • Roupas pretas • Enquadre aproximado
<p>S 207</p> <p>3.5 Segmentação 3.5.4</p> <ul style="list-style-type: none"> • Segmentação de capítulos da tese em múltiplos vídeos de uma playlist do youtube • Segmentação de subseções em um vídeo 	<p>S 208</p> <p>3.5 Sumários e Modos de Acesso ao Conteúdo em Vídeo 3.5.4</p>  <ul style="list-style-type: none"> • Incorporação do tempo do vídeo no link das seções • Sumários adicionais ampliados com links e QrCodes 	<p>S 209</p> <p>3.5 Citação Direta 3.5.4</p>  <ul style="list-style-type: none"> • Mesmo formato de citações em português nos slides • Inclusão de texto escrito em português com aspas e itálico ou texto videogravado em libras • Citação referenciada pelo pesquisador na libras com soletração manual ou sinal do pesquisador (quando possível) • Inclusão de foto do pesquisador (quando possível)

<p style="text-align: center;">S 210</p> <p>3.5 3.5.4</p> <p style="text-align: center;">Citação Indireta</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 15%;"> <p>3.5 Criadores e pesquisadores de textos acadêmicos videogravados em libras</p>  </div> <div style="width: 70%;"> <ul style="list-style-type: none"> Mesmo formato de citações em português nos slides Citação referenciada pelo pesquisador na libras com soletração manual ou sinal do pesquisador (quando possível) Inclusão de foto do pesquisador (quando possível) </div> <div style="width: 15%; text-align: right;"> <p>3.5.4</p> </div> </div>	<p style="text-align: center;">S 211</p> <p>3.5 3.5.4</p> <p style="text-align: center;">Notas de rodapé</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 15%;"> <p>3.5</p>  </div> <div style="width: 70%;"> <ul style="list-style-type: none"> Necessidade de preservação da opcionalidade de acesso a informações secundárias Inclusão de hiperlinks na descrição do vídeo e/ou no PDF <p style="text-align: center;">Ex. História da Pêra</p> </div> <div style="width: 15%; text-align: right;"> <p>3.5.4</p> </div> </div>	<p style="text-align: center;">S 212</p> <p>3.5 3.5.4</p> <p style="text-align: center;">Referências Bibliográficas</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 15%;"> <p>3.5</p>  </div> <div style="width: 70%;"> <ul style="list-style-type: none"> Inclusão no vídeo e no PDF Ampliar as possibilidades de acesso público ao trabalho acadêmico Necessidade de ampliar fontes de pesquisa baseadas em referências videogravadas </div> <div style="width: 15%; text-align: right;"> <p>3.5.4</p> </div> </div>
<p style="text-align: center;">S 213</p> <p>3.5 3.5.4</p> <p style="text-align: center;">Como os dados são apresentados (figura, tabela, links)</p> <p style="text-align: center;">Chapéu do Agricultor</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 15%;">  </div> <div style="width: 70%;"> <ul style="list-style-type: none"> Os slides estão disponíveis para apresentação de dados variados <p style="text-align: center;">Exemplo de dado de análise apresentado em slides</p> </div> <div style="width: 15%; text-align: right;"> <p>3.5.4</p> </div> </div>	<p style="text-align: center;">S 214</p> <p>3.5 3.5.4</p> <p style="text-align: center;">Relação entre pesquisador e slides</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 15%;"> <ul style="list-style-type: none"> Discurso em libras na modalidade (corporal) (língua primária) com suporte em português na modalidade escrita (língua secundária) Possibilidade de dublagem em português Redução de logocentrismo nos slides </div> <div style="width: 70%;">  <ul style="list-style-type: none"> Desafios de coordenação e co-referenciamento do discurso com os slides (espelhamento da fala) para fortalecer coesão </div> <div style="width: 15%; text-align: right;"> <p>3.5.4</p> </div> </div>	

4 ANÁLISE

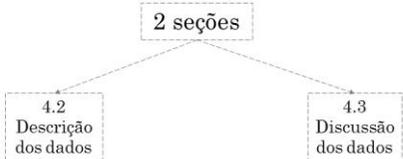
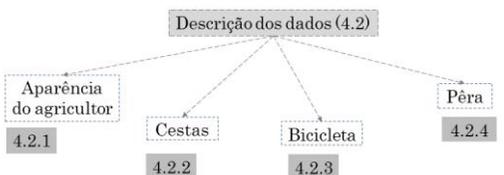
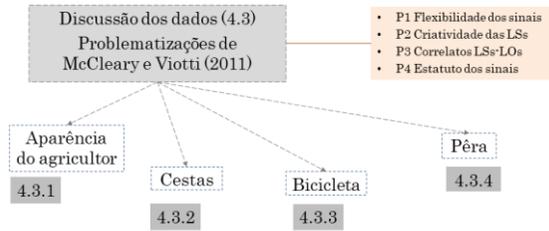
4.1 INTRODUÇÃO DA ANÁLISE

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Objetivos do capítulo (S217)
- Os narradores surdos estudados (S218)
- Os quatro contextos narrativos analisados (S219)

As seções de descrição e discussão dos dados (S220, S221, S222)

Figura 21. Slides da seção “Introdução da análise (4.1)”

<p>S 215</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p>	<p>S 216</p> <p>4.1. Introdução da análise</p>	<p>S 217</p> <p>4.1</p> <p>Introdução da análise</p> <p>Objetivos do capítulo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descrever as ações manuais relacionadas aos quatro referentes selecionados na história • Comparar o que é similar e o que é diferente nas ações manuais produzidas pelos narradores surdos • Discutir as ações manuais descritas sob a ótica das problematizações de McCleary e Viotti (2011) 
<p>S 218</p> <p>4.1</p> <p>Introdução da análise</p>  <p>Participantes</p>	<p>S 219</p> <p>4.1</p> <p>Introdução da análise</p> <p>Ações manuais produzidas em referência a...</p>  <p>Aparência do agricultor</p> <p>Cestas</p> <p>Bicicleta</p> <p>Pêras</p>	<p>S 220</p> <p>4.1</p> <p>Introdução da análise</p> 
<p>S 221</p> <p>4.1</p> <p>Introdução da análise</p> 	<p>S 222</p> <p>4.1</p> <p>Introdução da análise</p>  <ul style="list-style-type: none"> • P1 Flexibilidade dos sinais • P2 Criatividade das LSs • P3 Correlatos LSs-LOs • P4 Estatuto dos sinais 	

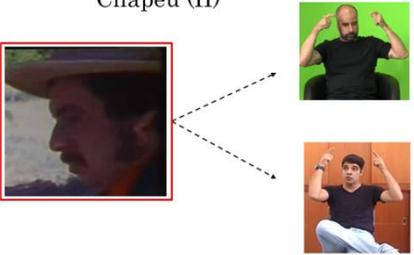
4.2 DESCRIÇÃO DOS DADOS

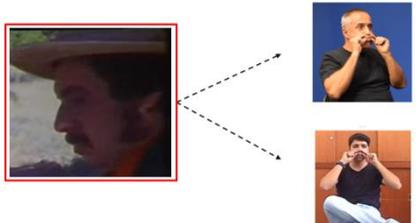
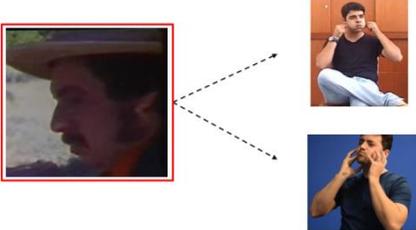
4.2.1 Ações manuais em referência à aparência do agricultor

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Exemplos representativos de ações manuais em referência ao chapéu (S228, S229, S230)
- Contraste entre ações manuais referentes ao chapéu (S231)
- Exemplos representativos de ações manuais em referência ao bigode e barba (S232, S233, S234)
- Contraste entre ações manuais referentes à barba e bigode (S235)

Figura 22. Slides da seção “Ações manuais em referência à aparência do agricultor (4.2.1)”

<p>S 223</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p>	<p>S 224</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p> <p>2 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 4.2 Descrição dos dados 4.3 Discussão dos dados 	<p>S 225</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p> <p>Descrição dos dados (4.2)</p> <ul style="list-style-type: none"> Aparência do agricultor (4.2.1) Cestas (4.2.2) Bicicleta (4.2.3) Pêra (4.2.4)
<p>S 226</p> <p>4.2.1 Ações manuais em referência à aparência do agricultor</p>	<p>S 227</p> <p>4.2.1</p> <p>Aparência do agricultor</p> 	<p>S 228</p> <p>4.2.1</p> <p>Chapéu (I)</p> 
<p>S 229</p> <p>4.2.1</p> <p>Chapéu (II)</p> 	<p>S 230</p> <p>4.2.1</p> <p>Chapéu (III)</p> 	<p>S 231</p> <p>4.2.1</p> <p>Chapéu</p> <p>Contraste entre as ações manuais</p> 

<p style="text-align: center;">S 232</p> <p>4.2.1 Barba e bigode (I)</p> 	<p style="text-align: center;">S 233</p> <p>4.2.1 Barba e bigode (II)</p> 	<p style="text-align: center;">S 234</p> <p>4.2.1 Barba e bigode (III)</p> 
<p style="text-align: center;">S 235</p> <p>4.2.1 Barba e bigode Contraste entre as ações manuais</p> 		

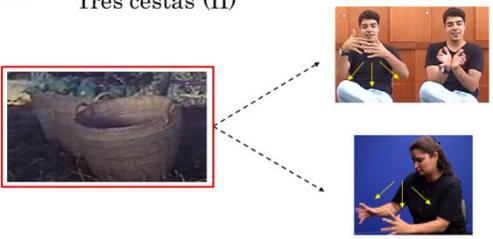
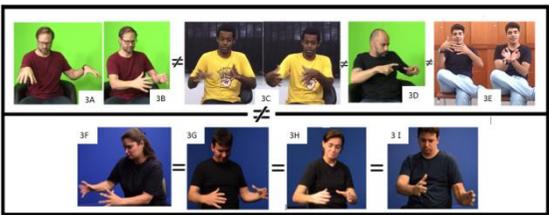
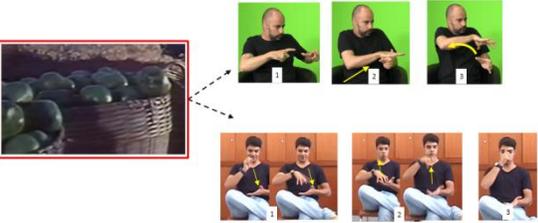
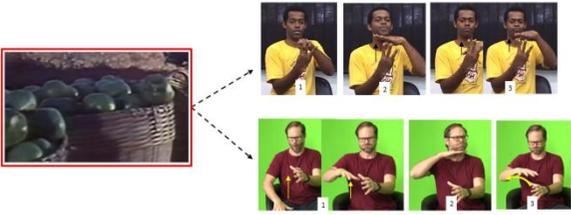
4.2.2 Ações manuais em referência às cestas

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Exemplos representativos de ações manuais em referência às três cestas (S240, S241)
- Contraste entre ações manuais referentes às três cestas (S242)
- Exemplos representativos de ações manuais em referência às cestas cheias (S243, S244)
- Contraste entre ações manuais referentes à cesta cheia (S245)
- Exemplos representativos de ações manuais em referência à cesta vazia (S246)
- Contraste entre ações manuais referentes à cestas vazias (S247)
- Contraste entre ações manuais referentes à cestas como cenário (S248)
- Exemplos representativos de ações manuais em referência a colocar a cesta na bicicleta (S249)
- Contraste entre ações manuais referentes a colocar a cesta na bicicleta (S250)

Contraste entre ações manuais referentes a cesta caindo da bicicleta (S251)

Figura 23. Slides da seção “Ações manuais em referência às cestas (4.2.2)”

<p>S 236</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p>	<p>S 237</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p> <p>Descrição dos dados (4.2)</p> <pre> graph TD A[Descrição dos dados (4.2)] --> B[Aparência do agricultor 4.2.1] A --> C[Cestas 4.2.2] A --> D[Bicicleta 4.2.3] A --> E[Pêra 4.2.4] </pre>	<p>S 238</p> <p>4.2.2 Ações manuais em referência às cestas</p>
<p>S 239</p> <p>4.2.2</p> <p>As cestas</p> 	<p>S 240</p> <p>4.2.2</p> <p>Três cestas (I)</p> 	<p>S 241</p> <p>4.2.2</p> <p>Três cestas (II)</p> 
<p>S 242</p> <p>4.2.2</p> <p>Três cestas</p> <p>Contraste entre as ações manuais</p> 	<p>S 243</p> <p>4.2.2</p> <p>Cestas cheias (I)</p> 	<p>S 244</p> <p>4.2.2</p> <p>Cestas cheias (II)</p> 

S 245

4.2.2 Cestas cheias
Contraste entre as ações manuais

S 246

4.2.2 Cesta vazia

S 247

4.2.2 Cestas vazias
Contraste entre as ações manuais

S 248

4.2.2 Cesta como cenário
Contraste entre ações manuais

S 249

4.2.2 Colocando a cesta na bicicleta

S 250

4.2.2 Colocando a cesta na bicicleta
Contraste entre as ações manuais

S 251

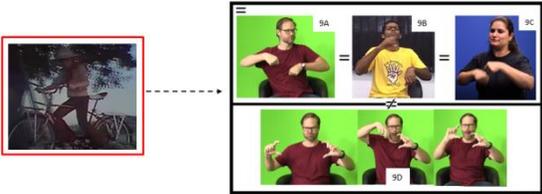
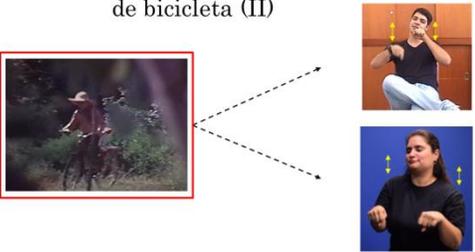
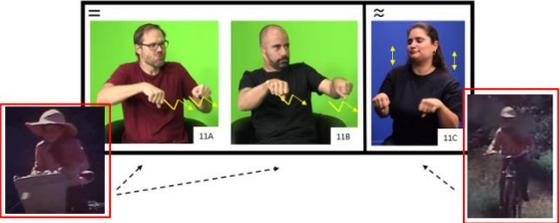
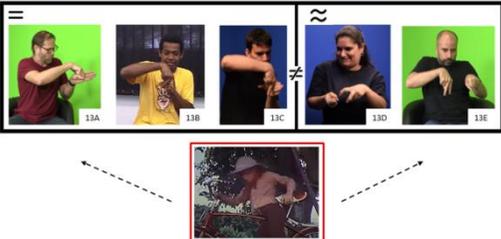
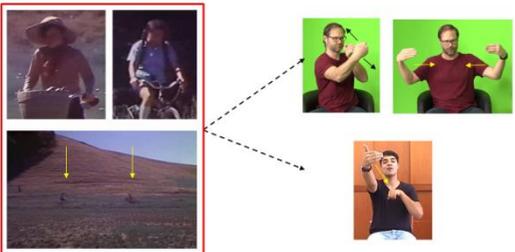
4.2.2 A cesta cai da bicicleta
Contraste entre as ações manuais

4.2.3 Ações manuais em referência à bicicleta

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Contraste entre ações manuais referentes à bicicleta (S253)
- Exemplos representativos de ações manuais em referência à chegada do menino de bicicleta (S254, S255)
- Contraste entre ações manuais referentes à chegada do menino de bicicleta (S256)
- Contraste entre ações manuais referentes ao menino segurando o guidão (S257)
- Contraste entre ações manuais referentes ao menino na bicicleta olhando para o agricultor na árvore (S258)
- Contraste entre ações manuais referentes ao menino subindo na bicicleta (S259)
- Exemplos representativos de ações manuais em referência ao menino e à menina se cruzando de bicicleta (S260, S261)
- Contraste entre ações manuais em referência ao menino e à menina se cruzando de bicicleta (S262)
- Contraste entre ações manuais em referência ao menino caindo da bicicleta (S263)

Figura 24. Slides da seção “Ações manuais em referência à bicicleta (4.2.3)”

<p>S 252</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p>	<p>S 253</p> <p>4.2.3 A bicicleta do menino Contraste entre as ações manuais</p> 	<p>S 254</p> <p>4.2.3 A chegada do menino de bicicleta (I)</p> 
<p>S 255</p> <p>4.2.3 A chegada do menino de bicicleta (II)</p> 	<p>S 256</p> <p>4.2.3 A chegada do menino de bicicleta Contraste entre as ações manuais</p> 	<p>S 257</p> <p>4.2.3 Segurando o guidão Contraste entre as ações manuais</p> 
<p>S 258</p> <p>4.2.3 Menino na bicicleta olha para o agricultor Contraste entre as ações manuais</p> 	<p>S 259</p> <p>4.2.3 Menino sobe na bicicleta Contraste entre as ações manuais</p> 	<p>S 260</p> <p>4.2.3 Menino e menina se cruzam de bicicleta (I)</p> 

S 261

4.2.3 Menino e menina se cruzam de bicicleta (II)

S 262

4.2.3 Menino e menina se cruzam de bicicleta
Contraste entre as ações manuais

S 263

4.2.3 Menino cai de bicicleta
Contraste entre as ações manuais

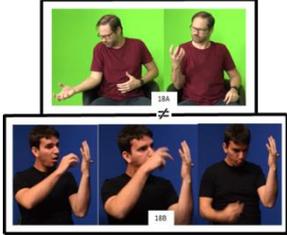
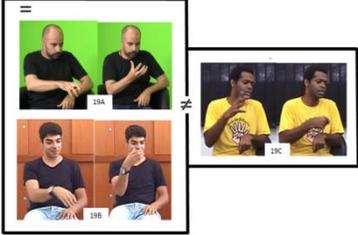
4.2.4 Ações manuais em referência às pêras

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Ações manuais referentes à colheita de pêras em diferentes sequencias da história (S268, S269, S270, S271)
- Contraste entre ações manuais referentes à colheita de pêras na árvore (S272)
- Exemplos representativos de ações manuais sobre a colocação das pêras nas cestas (S273, S274)
- Contraste entre ações manuais sobre a colocação das pêras nas cestas (S275)
- Contraste entre ações manuais sobre a pêra que cai no chão (S276)
- Contraste entre ações manuais sobre o menino pegando uma das pêras da cesta (S277)
- Contraste entre ações manuais sobre as pêras que se espalham no chão (S278)
- Exemplos representativos de ações manuais sobre o menino entregando pêras para os amigos que o ajudaram (S279, S280)
- Contraste entre ações manuais sobre o menino entregando pêras para os amigos que o ajudaram (S281)
- Contraste entre ações manuais sobre os três meninos comendo as pêras (S282)

Figura 25. Slides da seção “Ações manuais em referência às pêras (4.2.4)”

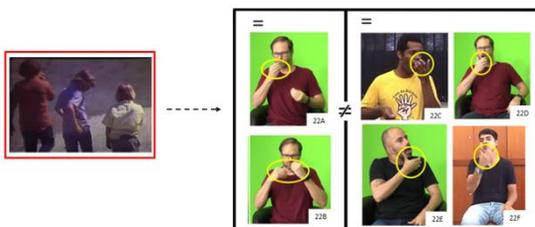
<p>S 264</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p>	<p>S 265</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p> <p>Descrição dos dados (4.2)</p> <pre> graph TD A[Descrição dos dados (4.2)] --> B[Aparência do agricultor 4.2.1] A --> C[Cestas 4.2.2] A --> D[Bicicleta 4.2.3] A --> E[Pêra 4.2.4] </pre>	<p>S 266</p> <p>4.2.4 Ações manuais em referência à pêra</p>
<p>S 267</p> <p>4.2.4 As pêras</p> 	<p>S 268</p> <p>4.2.4 Colhendo pêras da árvore (I)</p>  <p>1ª sequência <i>Introdução do agricultor</i></p>  <p>2ª sequência <i>Agricultor retorna à colheita após encher cestas</i></p>  <p>3ª sequência <i>Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa</i></p> 	<p>S 269</p> <p>4.2.4 Colhendo pêras da árvore (II)</p>  <p>1ª sequência <i>Introdução do agricultor</i></p>  <p>2ª sequência <i>Agricultor retorna à colheita após encher cestas</i></p>  <p>3ª sequência <i>Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa</i></p> 
<p>S 270</p> <p>4.2.4 Colhendo pêras da árvore (III)</p>  <p>1ª sequência <i>Introdução do agricultor</i></p>  <p>2ª sequência <i>Agricultor retorna à colheita após encher cestas</i></p>  <p>3ª sequência <i>Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa</i></p> 	<p>S 271</p> <p>4.2.4 Colhendo pêras da árvore (IV)</p>  <p>1ª sequência <i>Introdução do agricultor</i></p>  <p>2ª sequência <i>Agricultor retorna à colheita após encher cestas</i></p>  <p>3ª sequência <i>Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa</i></p>  <p>4ª sequência <i>Agricultor colhe pêras pouco antes dos 3 meninos passarem</i></p> 	<p>S 272</p> <p>4.2.4 Colhendo pêra das árvores</p> <p>Contraste entre as ações manuais</p> 

<p style="text-align: center;">S 273</p> <p>4.2.4 Colocando as pêras na cesta (I)</p>  	<p style="text-align: center;">S 274</p> <p>4.2.4 Colocando as pêras na cesta (II)</p>  	<p style="text-align: center;">S 275</p> <p>4.2.4 Colocando as pêras na cesta Contraste entre as ações manuais</p>  
<p style="text-align: center;">S 276</p> <p>4.2.4 Uma pêra cai no chão Contraste entre as ações manuais</p>  	<p style="text-align: center;">S 277</p> <p>4.2.4 O menino pega uma pêra da cesta Contraste entre as ações manuais</p>  	<p style="text-align: center;">S 278</p> <p>4.2.4 As pêras se espalham no chão Contraste entre as ações manuais</p>  
<p style="text-align: center;">S 279</p> <p>4.2.4 Menino dá as pêras em troca do chapéu (I)</p>  	<p style="text-align: center;">S 280</p> <p>4.2.4 Menino dá as pêras em troca do chapéu (II)</p>  	<p style="text-align: center;">S 281</p> <p>4.2.4 Menino dá as pêras em troca do chapéu Contraste entre as ações manuais</p>  

S 282

4.2.4

Os três meninos comem as pêras
Contraste entre as ações manuais



4.3 DISCUSSÃO DOS DADOS

4.3.1 Problematizações sobre as ações manuais em referência à aparência do agricultor

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Ações manuais sobre o chapéu à luz das problematizações (S287)
- Ações manuais sobre a barba e o bigode à luz das problematizações (S288)
- Conclusão sobre as ações manuais referentes à aparência do agricultor à luz das problematizações (S289)

Figura 26. Slides da seção “Problematizações sobre as ações manuais em referência à aparência do agricultor (4.3.1)”

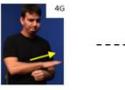
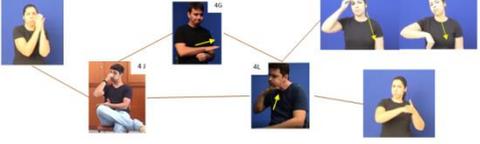
<p>S 283</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p>	<p>S 284</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p> <p>2 seções</p> <p>4.2 Descrição dos dados</p> <p>4.3 Discussão dos dados</p>	<p>S 285</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Discussão dos dados (4.3)</p> <p>Problematizações de McCleary e Viotti (2011)</p> <ul style="list-style-type: none"> P1 Flexibilidade dos sinais P2 Criatividade das LSs P3 Correlatos LSs-LOs P4 Estatuto dos sinais <p>Aparência do agricultor 4.3.1</p> <p>Cestas 4.3.2</p> <p>Bicicleta 4.3.3</p> <p>Pêra 4.3.4</p>
<p>S 286</p> <p>4.3.1 Problematizações sobre as ações manuais em referência à aparência do agricultor</p>	<p>S 287</p> <p>4.3.1</p> <p>Chapéu</p>  <p>Algumas ações manuais parecem designar o referente "chapéu" ao mesmo tempo que retratam visualmente a sua aparência (1A e 1C)</p> <p>Outras ações manuais estão mais claramente restritas à função de retratar visualmente a aparência do chapéu (1B e 1G) e nesse caso sucedem sintagmaticamente a possível ação nominal que designa o referente (1A e 1F)</p> <p>Formas 1D/1E e 1F/1H estão dicionarizadas e podem ser variações linguísticas convencionais de nomes na libras</p>	<p>S 288</p> <p>4.3.1</p> <p>Barba e bigode</p> <p>A ação manual 2C/2D está dicionarizada e pode ser um nome convencional da libras</p> <p>Assim como no caso do "chapéu", as ações manuais 2A, 2B, 2E e 2F parecem designar o "bigode", a "costeleta" ou "barba" ao mesmo tempo que retratam visualmente a sua aparência</p> <p>A diversidade de ações manuais, no entanto, sugere que 2C/2D seria apenas parcialmente convencional, ou ainda que retratar visualmente objetos seja mais relevante para os surdos do que designá-los</p> 
<p>S 289</p> <p>4.3.1</p> <p>Aparência do agricultor</p> <p>A maior parte das expressões sobre a aparência do agricultor parece estar mais associada à criatividade de cada narrador do que a formas convencionais da libras</p> <p>Ações manuais que designam o referente ao mesmo tempo em que o retratam visualmente não parecem ter correlatos com itens lexicais de LOs</p> <p>No entanto, mesmo as ações manuais idiossincráticas revelam a propriedade da "articulação", explorando configurações de mão e movimentos convencionais altamente produtivos nessa língua, ao passo que a localização parece ser indicial/déitica</p> 		

4.3.2 Problematizações sobre as ações manuais em referência às cestas

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Ações manuais sobre as três cestas à luz das problematizações (S293, S294)
- Ações manuais sobre a cesta cheia à luz das problematizações (S295, S296)
- Aspectos paradigmáticos associadas às ações manuais que designam a noção de cestas “cheias” (S297)
- Aspectos sintagmáticos associados às ações manuais que designam a noção de cestas “cheias” (S298)
- Ações manuais expressando diferentes pontos de vista sobre as cestas “cheias” ou “vazias” (S299)
- Ações manuais sobre a cesta vazia à luz das problematizações (S300)
- Ações manuais sobre a cesta como cenário à luz das problematizações (S301)
- Ações manuais sobre colocar a cesta na bicicleta à luz das problematizações (S302, S303)
- Ações manuais sobre a cesta caindo da bicicleta à luz das problematizações (S304)
- Conclusão sobre as ações manuais referentes às cestas à luz das problematizações (S305)

Figura 27. Slides da seção “Problematizações sobre as ações manuais em referência às cestas (4.3.2)”

<p>S 290</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p>	<p>S 291</p> <p>Análise</p> <p>Discussão dos dados (4.3) Problematizações de McCleary e Viotti (2011)</p> <ul style="list-style-type: none"> • P1 Flexibilidade dos sinais • P2 Criatividade das LSs • P3 Correlatos LSs·LOs • P4 Estatuto dos sinais <p>Aparência do agricultor (4.3.1)</p> <p>Cestas (4.3.2)</p> <p>Bicicleta (4.3.3)</p> <p>Pêra (4.3.4)</p>	<p>S 292</p> <p>4.3.2 Problematizações sobre as ações manuais em referência às cestas</p>
<p>S 293</p> <p>4.3.2 Três cestas</p> <p>3A parece se distinguir das demais ações manuais referentes às três cestas pela função de “localizar três objetos” no espaço, sem retratar visualmente a sua forma</p>  <p>3B, 3C, 3D e 3E seguem o padrão da aparência do agricultor, designando as três cestas ao mesmo tempo que as retratam visualmente como um objeto redondo</p>  <p>A diversidade de formas para retratar um “objeto redondo” mostra que a criatividade de cada narrador prepondera sobre qualquer suposta convencionalidade</p>	<p>S 294</p> <p>4.3.2 Três cestas</p> <p>A forma da ação manual em 3B, 3F, 3G, 3H e 3I se mostrou a mais convencional para designar e retratar visualmente as três cestas</p>  <p>Quando observamos todas essas ações manuais, percebemos que formas “dicionarizadas” como em X abaixo talvez sejam escolhidas arbitrariamente</p>  <p>Em uma cultura em que tipos de “chapéu”, “bigode”, “cestas” fossem inerentes à vida cotidiana, ações manuais convencionais para se referir a esse(s) objeto(s) seriam mais recorrentes nas narrativas?</p>	<p>S 295</p> <p>4.3.2 Cesta cheia</p> <p>Algumas ações manuais convencionais da libras apresentam uma flexibilidade formal na narrativa, sendo manipulados de modo local e criativo por cada narrador</p>  <p>4G é uma primeira forma <i>não marcada</i> da ação manual para designar “estar cheio”, mais abstrata e aplicável a outros contextos (i.e. dicionarizável)</p>  <p>4H e 4I, no entanto, modificam a mão não-dominante desta ação convencional com base no contexto específico da narrativa (i.e. o formato da cesta em 4H e o número de cestas em 4I)</p>
<p>S 296</p> <p>4.3.2 Cesta cheia</p>  <p>4L é outra forma <i>não marcada</i> para designar “estar cheio”, também mais abstrata e aplicável a outros contextos</p> <p>4K, 4M e 4N, no entanto, incorporam na mão não-dominante formas ligadas ao formato da cesta (4K) e ao número de cestas (4M e 4N), vinculados ao contexto imediato da narrativa</p>  <p>4M e 4N ainda se diferem pela localização da mão dominante, realizada de modo não marcado em 4M (no queixo) e vinculada ao primeiro item da bóia em 4N (i.e. a cesta localizada à direita do narrador)</p>	<p>S 297</p> <p>4.3.2 Cesta cheia</p> <p>Apesar dessa flexibilidade, as ações manuais convencionais que designam a noção de “estar cheio” integram o sistema linguístico da libras, estabelecendo relação paradigmáticas de forma e sentido com outras ações</p>  <p>Exemplo de relações paradigmáticas de sinonímia entre ações manuais convencionais da libras</p>	<p>S 298</p> <p>4.3.2 Cesta cheia</p> <p>Alguns contextos sintagmáticos revelam três diferentes nuances de “cesta cheia” que cada ação manual introduz</p> <p>Ação manual em A3/B3 apresentam mais claramente a função de retratar visualmente “o modo como” a cesta estava cheia de pêras e por isso precisa suceder sintagmaticamente as demais formas</p>  <p>Processo de preenchimento</p> <p>Completo do preenchimento</p> <p>Retrato visual da cesta cheia</p>

S 299

4.3.2 Cesta meio cheia x Cesta meio vazia

A similaridade de 4A, 4B, 4C e 4D sugere que essas ações manuais também sejam convencionais e dicionarizáveis



No entanto, a direção e a qualidade do movimento e a localização inicial e final da mão dominante ao especificar o conteúdo das cestas revelam a sua flexibilidade gradiente, associada ao ponto de vista criativo de cada narrador



Cesta meio cheia
Cesta meio vazia
Cesta totalmente vazia

S 300

4.3.2 Cesta vazia

A ação manual 5D/5E, por um lado, e a ação 5F/5G/5H por outro lado, são convencionais e integram o sistema linguístico da libras

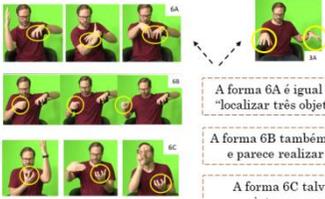


Por exemplo, ao observar as características quirêmicas de 5D/5E, a nuance de "estar vazio" parece ser uma extensão semântica abstrata de uma ação manual convencional e polisêmica da libras (imagem X) que pode se referir a: "a imagem de uma caveira" → "o esqueleto humano" → "ossos" → "vazio ou ausência"

S 301

4.3.2 Cestas como cenário

A "cesta" como cenário apresenta três diferentes formas em uma mesma narrativa



Seriam essas formas meramente arbitrárias ou teriam significações específicas no contexto da narrativa?

A forma 6A é igual à 3A, a qual atribuímos a função de "localizar três objetos no espaço" no início da narrativa

A forma 6B também é realizada em três diferentes locais e parece realizar essa mesma função de localização

A forma 6C talvez realce o conteúdo da cesta que interessa ao menino, além da localização?

S 302

4.3.2 Colocando as cestas na bicicleta

O fato de as ações manuais 7D, 7E, 7F, 7G e 7H serem idênticas e compartilhadas pela maioria dos narradores poderia sugerir que fossem ações manuais convencionais da libras para designar a noção de "erguer um objeto de tal tipo"



No entanto, seu ponto de localização inicial e final, bem como o tipo e a qualidade do movimento estão intimamente vinculados ao contexto específico desta narrativa

Também chama a atenção neste caso o fato de essas ações manuais serem quase idênticas à ação ergótica do menino de erguer a cesta



S 303

4.3.2 Colocando as cestas na bicicleta

A ação manual 7B se assemelha às anteriores exceto pela configuração de mão, ainda que apresente o mesmo potencial de se assemelhar a uma ação manual ergótica



A criatividade de 7C consiste na ação de "levantar a cesta" preservando a forma da ação manual já utilizada pela narradora para se referir a cesta, ao mesmo tempo em que contextualiza essa ação com a boia da mão (esquerda) que segura o guidão



7A revela uma característica criativa do narrador Luciano, que demonstra ao longo de toda narrativa uma tendência de sempre enriquecer a perspectiva do narrador em 1ª pessoa com uma perspectiva em 3ª pessoa, explorando o espaço diagramático além do subrogado

S 304

4.3.2 A cesta cai da bicicleta



Novamente a ação manual 8A revela a tendência do narrador Luciano de enriquecer a perspectiva do narrador em 1ª pessoa (em 8E) com uma perspectiva em 3ª pessoa, na qual sua mão direita representa a "cesta" e a esquerda a "bicicleta"

Embora a ação manual 8B/8C/8D também pareça apresentar convencionalidade, seu ponto de localização e movimento também dependem inteiramente do contexto imediato da narrativa

S 305

4.3.2 Cestas

As ações manuais referentes às cestas também parecem fortemente associadas à criatividade de cada narrador ao invés de fixadas em formas convencionais da libras

Ações manuais convencionais da libras revelam flexibilidade e são modificadas de modo local, e por vezes gradiente, de acordo com o contexto imediato da narrativa



As modificações locais das ações manuais, assim como os diferentes uso do espaço (diagramático ou subrogado), refletem pontos de vista criativos dos narradores

Algumas ações manuais mais comuns entre os narradores poderiam sugerir que são convencionais, porém a sua localização, tipo e qualidade do movimento são dependentes do contexto específico desta narrativa e se assemelham a ações ergóticas

4.3.3 Problematizações sobre as ações manuais em referência à bicicleta

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Ações manuais sobre a bicicleta vs. o andar de bicicleta à luz das problematizações (S309)
- Ações manuais sobre as mãos como pedal vs. guidão à luz das problematizações (S310)
- Ações manuais referentes ao andar de bicicleta à luz das problematizações (S311)
- Ações manuais sobre o cruzamento de menino e da menina de bicicleta à luz das problematizações (S312)
- Ações manuais sobre a interação do menino e a bicicleta à luz das problematizações (S313)
- Conclusão sobre as ações manuais referentes à bicicleta à luz das problematizações (S314)

Figura 28. Slides da seção “Problematizações sobre as ações manuais em referência à bicicleta (4.3.3)”

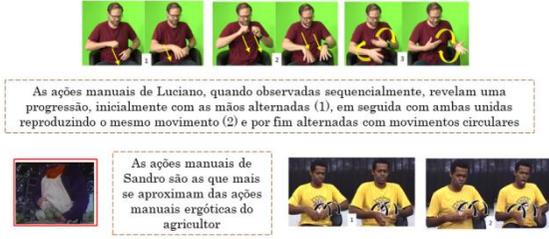
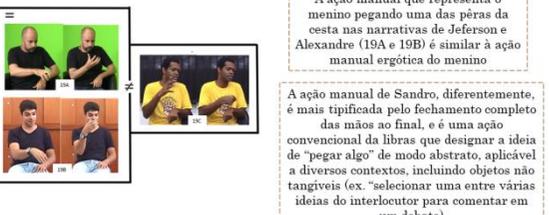
<p>S 306</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p>	<p>S 307</p> <p>Análise</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"> <p>Discussão dos dados (4.3) Problematizações de McCleary e Viotti (2011)</p> <ul style="list-style-type: none"> • P1 Flexibilidade dos sinais • P2 Criatividade das LSs • P3 Correlatos LSs-LOs • P4 Estatuto dos sinais </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;"> <p>Aparência do agricultor</p> <p>4.3.1</p> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;"> <p>Cestas</p> <p>4.3.2</p> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;"> <p>Bicicleta</p> <p>4.3.3</p> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;"> <p>Pêra</p> <p>4.3.4</p> </div> </div>	<p>S 308</p> <p>4.3.3 Problematizações sobre as ações manuais em referência à bicicleta</p>
<p>S 309</p> <p>4.3.3 A bicicleta vs. O andar de bicicleta</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 30%;">  <p>9A 9B 9C</p> </div> <div style="width: 65%; border: 1px dashed black; padding: 5px;"> <p>A ação manual 9A, 9B e 9C é a forma não marcada para se referir ao referente “bicicleta”, aplicável a outros contextos e sempre antecede a ação do “andar de bicicleta”</p> </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between; margin-top: 10px;"> <div style="width: 30%;">  <p>10E 10F 10G</p> </div> <div style="width: 65%; border: 1px dashed black; padding: 5px;"> <p>O “andar de bicicleta” em 10E/10F/10G envolve um tipo de movimento de ombros e de braços que parece estar ligado à qualidade do andar de bicicleta do menino, ao mesmo tempo que o retrata em 1ª pessoa</p> </div> </div>	<p>S 310</p> <p>4.3.3 As mãos como pedal vs. guidão</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 30%;">  <p>10H</p> </div> <div style="width: 65%; border: 1px dashed black; padding: 5px;"> <p>10H difere das demais ações manuais que designam “o andar de bicicleta” em 1ª pessoa pelo fato de as mãos permanecerem fixas, representando a ação manual ergótica do menino que “segura o guidão”</p> </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between; margin-top: 10px;"> <div style="width: 30%;">  <p>11A 11B</p> </div> <div style="width: 65%; border: 1px dashed black; padding: 5px;"> <p>Nas narrativas de Luciano e Jeferson, no entanto, as ações manuais que representam o guidão (ao invés dos pedais) em 11A e 11B só são empregadas no contexto específico de representar o esforço do menino carregando a pesada cesta de pêras na bicicleta em um terreno irregular e cheio de pedras</p> </div> </div>	<p>S 311</p> <p>4.3.3 O andar de bicicleta</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 30%;">  <p>10A 10B</p> </div> <div style="width: 65%; border: 1px dashed black; padding: 5px;"> <p>As ações manuais 10A, 10B, 10C e 10D se distinguem das formas anteriores pela perspectiva em 3ª pessoa e por aparentemente realçarem a direção e o tipo de trajeto (ao invés da qualidade) do andar de bicicleta</p> </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between; margin-top: 10px;"> <div style="width: 30%;">  <p>10C 10D</p> </div> <div style="width: 65%; border: 1px dashed black; padding: 5px;"> <p>Embora as configurações de mão em 10A e 10B sejam predominantes entre os narradores e aparentemente mais convencionais para se referir à “bicicleta”, a diversidade de configurações de mão revela a criatividade de cada narrador para designar esse objeto</p> </div> </div>
<p>S 312</p> <p>4.3.3 O menino e a menina se cruzam de bicicleta</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 30%;">  <p>14A 14B 14C 14D</p> </div> <div style="width: 65%; border: 1px dashed black; padding: 5px;"> <p>A localização inicial e final das ações manuais que representam o encontro de bicicleta depende do contexto e da perspectiva adotada por cada narrador</p> <p>Quando comparamos as ações manuais de Alexandro (14C/14J) e Luciano (14G/14I), vemos que até mesmo a perspectiva em 3ª pessoa pode apresentar diferentes pontos de vista dependendo da orientação das mãos e direção do movimento</p> </div> </div> <div style="border: 1px dashed black; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>14D se difere de todas as demais ações manuais referentes ao encontro de bicicleta entre o menino e a menina por apresentar uma perspectiva mista entre 3ª pessoa (a bicicleta da menina na mão direita) e 1ª pessoa (a mão do menino segurando o guidão na mão esquerda)</p> </div>	<p>S 313</p> <p>4.3.3 Interações entre o menino e a bicicleta</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 30%;">  <p>12A 13A 13B 13C 13D 13E 15A 15B</p> </div> <div style="width: 65%; border: 1px dashed black; padding: 5px;"> <p>Nas diversas ações manuais que se referem ao menino em interação com a bicicleta (montado nela, subindo nela, caindo dela), os narradores criativamente alternam entre dois tipos de ações manuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> □ aquelas em que as mãos representam o modo como o menino segura o guidão (12B/C/D/E; 13D/E; 15C/D/E), em uma perspectiva em 1ª pessoa □ aquelas em que as mãos representam a própria bicicleta (12A, 13A/B/C; 15A/B), em uma perspectiva em 3ª pessoa </div> </div>	<p>S 314</p> <p>4.3.3 A bicicleta</p> <div style="border: 1px dashed black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"> <p>Assim como no caso da aparência do agricultor e das cestas, as formas das ações manuais referentes à bicicleta no que diz respeito à configuração de mão parecem depender da criatividade de cada narrador</p> </div> <div style="border: 1px dashed black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"> <p>Ao descrever as diversas formas de interação entre o menino e a bicicleta, os narradores surdos criativamente alternam entre ações manuais com perspectivas em 1ª e 3ª pessoa</p> </div> <div style="border: 1px dashed black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"> <p>Essas perspectivas em 1ª e 3ª pessoa são também exploradas sob diferentes pontos de vista, a partir de mudanças na orientação das mãos e na direção do movimento</p> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">  <p>14I 14J 14K 14L 14M</p> </div>

4.3.4 Problematizações sobre as ações manuais em referência às pêras

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Ações manuais referentes à colheita de pêras à luz das problematizações (S318, S319)
- Ações manuais referentes à colocação das pêras nas cestas à luz das problematizações (S320, S321)
- Ações manuais referentes à pêra que cai no chão à luz das problematizações (S322)
- Ações manuais referentes ao menino pegando uma das pêras da cesta à luz das problematizações (S323)
- Ações manuais referentes às pêras caindo no chão à luz das problematizações (S324)
- Ações manuais referentes ao menino dando as pêras aos três amigos à luz das problematizações (S325)
- Ações manuais referentes aos três meninos comendo as pêras à luz das problematizações (S326)
- Conclusão sobre as ações manuais referentes às pêras à luz das problematizações (S327)

Figura 29. Slides da seção “Problematizações sobre as ações manuais em referência às pêras (4.3.4)”

<p>S 315</p> <p>Capítulo 4</p> <p>Análise</p>	<p>S 316</p> <p>Análise</p> <p>Discussão dos dados (4.3) Problematizações de McCleary e Viotti (2011)</p> <ul style="list-style-type: none"> • P1 Flexibilidade dos sinais • P2 Criatividade das LSs • P3 Correlatos LSs-LOs • P4 Estatuto dos sinais <p>Aparência do agricultor (4.3.1)</p> <p>Cestas (4.3.2)</p> <p>Bicicleta (4.3.3)</p> <p>Pêra (4.3.4)</p>	<p>S 317</p> <p>4.3.4 Problematizações sobre as ações manuais em referência às pêras</p>
<p>S 318</p> <p>4.3.4 Colhendo pêras na árvore</p> <p>tipificação</p>  <p>As ações manuais referentes à “colher pêras” e “guardá-las no bolso” iniciam de modo mais segmentado e icônico e têm a sua CM, MOV e LOC progressivamente tipificados ao longo das narrativas de Luciano e Jeferson</p> <p>A ação manual de Jeferson em 1 se distingue das ações dos demais narradores pelo movimento em zigue-zague, que parece designar as “pêras na árvore” ao invés de “colher” e “colocá-las no bolso”</p>	<p>S 319</p> <p>4.3.4 Colhendo pêras na árvore</p> <p>tipificação</p>  <p>As ações manuais de Alexandre apresentam menor variação nesse processo de tipificação e o narrador explora criativamente a bôia referente à “árvore” como cenário</p> <p>As ações manuais de Sandro são altamente tipificadas desde o início até o final da narrativa</p>	<p>S 320</p> <p>4.3.4 Colocando pêras na cesta</p>  <p>As ações manuais de Luciano, quando observadas sequencialmente, revelam uma progressão, inicialmente com as mãos alternadas (1), em seguida com ambas unidas reproduzindo o mesmo movimento (2) e por fim alternadas com movimentos circulares</p> <p>As ações manuais de Sandro são as que mais se aproximam das ações manuais ergóticas do agricultor</p>
<p>S 321</p> <p>4.3.4 Colocando pêras na cesta</p>  <p>As ações manuais de Alexandre são sempre tipificadas e a configuração de mão e movimento parecem mais abstratos na designação de um “objeto” colocado “em algum lugar”</p> <p>As ações manuais de Jeferson parecem designar genericamente a ação repetitiva de “tirar as pêras do bolso e colocar na cesta” (1) ou, como Alexandre, simplesmente “colocar algo em algum lugar” (2), e ao final se aproximam da ação ergótica do agricultor (3)</p>	<p>S 322</p> <p>4.2.4 Uma pêra cai no chão</p> <p>A ação manual de Luciano (18A) apresenta uma mesma configuração de mão em forma de garra, se deslocando do espaço representando a copa da árvore para o espaço abaixo representando o chão</p> <p>Diferentemente, Josélio (18B) segmenta esse evento em duas ações manuais, uma com a configuração de mão em forma circular representando a fruta presa à árvore e outra ação manual convencional da libras, que usualmente designa “a queda de uma pessoa” mas que aqui é abstraída para representar também “a queda de uma fruta”</p> 	<p>S 323</p> <p>4.2.4 O menino pega uma pêra da cesta</p>  <p>A ação manual que representa o menino pegando uma das pêras da cesta nas narrativas de Jeferson e Alexandre (19A e 19B) é similar à ação manual ergótica do menino</p> <p>A ação manual de Sandro, diferentemente, é mais tipificada pelo fechamento completo das mãos ao final, e é uma ação convencional da libras que designa a ideia de “pegar algo” de modo abstrato, aplicável a diversos contextos, incluindo objetos não tangíveis (ex. “selecionar uma entre várias ideias do interlocutor para comentar em um debate”)</p>

S 324

4.2.4 Todas as pêras da cesta caem no chão

A ação manual em 20A, 20B e 20C é uma ação manual convencional da libras, designando "algo que se espalha", com um sentido abstrato aplicável a diversos outros contextos, incluindo o de objetos não tangíveis (ex. disseminar uma notícia)



As ações manuais em 20D, diferentemente, parecem realçar não o conjunto de pêras se espalhando, mas sim as pêras individualmente rolando pelo chão

S 325

4.2.4 Menino dá as pêras em troca do chapéu



As ações em 21A e 21B demonstram a preferência desses narradores em realçar o formato das pêras, mas também vemos a criatividade individual ao expressar diferentes disposições das mãos ao segurar as pêras para entregá-las aos meninos

A ação manual em 21E, 21F e 21G é uma forma não marcada para designar a ideia de "dar algo a alguém" na libras, abstrata e aplicável a outros contextos, mas em 21E e 2F essa ação é criativamente enriquecida por ser direcionada de uma bóia (em 21E, representando 3 pêras) ou para uma bóia (em 21F, representando 2 meninos)

A ação manual em 21C e 21D seriam apenas uma variante linguística convencional de 21G ou a abertura da mão ao final acrescenta alguma nuance de sentido ao evento?

S 326

4.2.4 Os três meninos comem as pêras

As ações manuais de Luciano em 22A e 22B parecem designar, pelo engajamento das duas mãos e por sua configuração mais abstrata, a ação conjunta dos três meninos comendo as pêras que ganharam, em uma perspectiva em 3ª pessoa

A ação manual em 23C/D/E/F assume um formato similar à ação ergótica de segurar a pêra, assumindo uma perspectiva em 1ª pessoa, e se asselem por um movimento de baixo para cima que parece distinguir a ação manual convencional da libras que designa a fruta "maçã" de uma outra possível ação manual convencional que designaria a ideia de "comer uma fruta de formato similar ao de uma maçã"



S 327

4.2.4 As pêras

As ações manuais referente às pêras reforçam as observações previamente feitas em relação à aparência do agricultor, às cestas e à bicicleta

Até mesmo dentro da história de um único narrador, as mesmas ações do menino e de outros personagens em referência à pêra são realizadas de diferentes maneiras para expressar nuances de sentido a partir da criatividade de cada narrador



Ao mesmo tempo, há graus de convencionalidade tanto na distribuição das ações entre os narradores quanto nos componentes quirêmicos que as constituem, sendo difícil dicotomizá-las em termos de "convencionais x idiossincráticas", ou "articuladas x holísticas"

4.4 CONCLUSÕES PARCIAIS: PROBLEMATIZAÇÕES DE MCCLEARY E VIOTTI (2011)

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Conclusões parciais: Flexibilidade dos “sinais” nas LSs (S330)
- Conclusões parciais: Criatividade lexical nas LSs (S331)
- Conclusões parciais: Correlatos entre LSs e LOs (S332, S333)
- Conclusões parciais: Estatuto dos “sinais” nas LSs (S334)

Figura 30. Slides da seção “Conclusões parciais: Problematizações de McCleary e Viotti (2011) (4.4)”

<p style="text-align: center;">S 328</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 4</p> <p style="text-align: center;">Análise</p>	<p style="text-align: center;">S 329</p> <p style="text-align: center;">Análise</p> <div style="border: 1px solid gray; padding: 5px; margin: 10px auto; width: fit-content;"> <p style="text-align: center;">Conclusões parciais (4.4) Problematizações de McCleary e Viotti (2011)</p> </div> <ul style="list-style-type: none"> • P1 Flexibilidade dos “sinais” • P2 Criatividade das LSs • P3 Correlatos LSs-LOs • P4 Estatuto dos “sinais” 	<p style="text-align: center;">S 330</p> <p style="text-align: center;">4.4 Conclusões parciais Flexibilidade dos “sinais” nas LSs (P1)</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A opção por diferentes formas das ações manuais revelou seu potencial de adaptação aos contextos imediatos da narrativa ✓ Mesmo algumas ações manuais convencionais e ditas “congeladas” se mostraram flexivelmente modificadas de maneira ad-hoc pelos narradores ✓ No entanto, alguns questionamentos: <ul style="list-style-type: none"> ✓ será adequado investigar a “flexibilidade das ações manuais” nas LSs sob o viés de glosas emprestadas de LOs, tais como PEGAR e PÔR? ✓ deveríamos tratar tais ações como variações de um “mesmo item lexical”, ou como “diferentes itens lexicais”? ✓ indo além, a própria noção de “item lexical” poderia ocultar vieses teóricos e empíricos das LOs? 
<p style="text-align: center;">S 331</p> <p style="text-align: center;">4.4 Conclusões parciais Criatividade lexical nas LSs (P2)</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Narradores surdos apresentaram grande criatividade ao se referir aos mesmos objetos e eventos da história da péra ✓ Observamos que essa criatividade esteve relacionada a: <ul style="list-style-type: none"> ✓ seleção de componentes quirêmicos para designar formas de objetos e modos de ação ✓ opções por maior ou menor detalhamento vs. tipificação visual das cenas ✓ modificação de ações manuais convencionais para fins de coesão textual e pontos de vista ✓ alternância entre perspectivas narrativas em 1ª e 3ª pessoa 	<p style="text-align: center;">S 332</p> <p style="text-align: center;">4.4 Conclusões parciais Correlatos entre LSs e LOs (P3)</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A grande criatividade na referência a objetos e ações que observamos nas narrativas em LSs não parece ter correlato com as palavras das LOs, que demonstram uma clara tendência à convencionalidade ✓ No entanto, essa criatividade esteve assentada sobre um repertório de configurações de mão e movimentos convencionais e altamente produtivos no léxico da libras, tal como se observa nos elementos fonológicos/morfêmicos de palavras nas LOs ✓ As funções de “designar” e “retratar visualmente”, que nas LOs aparecem distribuídas entre “palavras” e “gestos”, que ocorrem simultaneamente, nas LSs por vezes parece estar unificada sob uma única ação manual 	<p style="text-align: center;">S 333</p> <p style="text-align: center;">4.4 Conclusões parciais Correlatos entre LSs e LOs (P3)</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ As diferenças entre as ações manuais das LSs e as palavras das LOs deve também estar relacionada à natureza do articulador manual em contraposição ao articulador vocal, tendo em vista o grande potencial depictivo (pietórico) das mãos ✓ Soma-se isso a importância da visualidade na experiência surda, especialmente quando constatamos o fato de que, do ponto de vista pragmático, a maior parte das descrições visuais das narrativas em LSs parece ter pouca ou nenhuma relevância nas narrativas em LOs <div style="border: 1px dashed gray; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p style="text-align: center;"><i>Uma estranha narrativa hipotética em português</i></p> <p style="font-size: small;"><i>“Era um lugar rural, cheio de árvores e tinha um fazendeiro usando chapéu com uma aba achatada e um bigode grosso, colhendo péras na árvore. Ele pagava uma péra aqui, outra lá e se misturava entre os galhos pra pegar outras mais escondidas...”</i></p> </div> 
<p style="text-align: center;">S 334</p> <p style="text-align: center;">4.4 Conclusões parciais Estatuto dos “sinais” nas LSs (P4)</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Os componentes quirêmicos que constituem as ações manuais aqui descritas, e por vezes até mesmo de ações manuais convencionais, parecem simultaneamente apresentar propriedades <ol style="list-style-type: none"> a) icônicas/indiciais e opacas/arbitrárias b) ad-hoc/idiossincráticas e convencionais c) holísticas e articuladas ✓ Nesse sentido, podemos questionar em que medida a dicotomia “língua vs. gesto” ou “sinal vs. gesto” seria um ponto de referência adequado para compreensão das LSs – ou até mesmo das LOs, se considerarmos que essa dicotomia pode revelar um viés analítico introduzido pela tecnologia escrita <div style="border: 1px solid gray; padding: 5px; margin: 10px auto; width: fit-content;"> <p style="text-align: center; font-size: small;">Fala em interação</p> <p style="text-align: center; font-size: x-small;">ENUNCIADOS MULTIMODAIS EM LOs e LSs</p> <p style="text-align: right; font-size: x-small;">propriedades menos verbais</p> <p style="text-align: left; font-size: x-small;">propriedades mais verbais</p> </div> <p style="text-align: center; font-size: x-small;">Reflexão baseada no esquema de McCleary e Viotti (2009)</p>		

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 SÍNTESE DA TESE E RESULTADOS

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- A proposta da tese (S338)
- Objetivo geral e específicos da tese (S339)
- Metodologia da tese (S340)
- Resultados da tese (S341, S342, S343)

Figura 31. Slides da seção “Síntese da tese e resultados (5.1)”

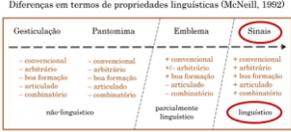
<p>S 335</p> <p>Capítulo 5</p> <p>Considerações finais</p>	<p>S 336</p> <p>Considerações finais</p> <p>5 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 5.1 Síntese da tese e resultados 5.2 Reflexões sobre a área de “estudos do gesto” 5.3 Reflexões sobre a área de “linguística das LSs” 5.4 Observações sobre produção de teses videogravadas em libras 5.5 Contribuições da pesquisa, limitações e questões futuras 	<p>S 337</p> <p>5.1 Síntese da tese e resultados</p>
<p>S 338</p> <p>5.1 Considerações finais</p> <p>Proposta inicial da tese</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Investigar “ações manuais” em histórias da péra contadas em diferentes condições de produção ■ Analisar os dados sob a ótica de “ações manuais” (Kendon, 2014) para evitar o pressuposto da dicotomia “sinal” e “gesto” ■ Dois fatores exigiram simplificar e focar a pesquisa nas ações manuais dos narradores surdos em libras <ul style="list-style-type: none"> ■ A produção da tese videogravada em libras ■ A riqueza das ações manuais nas narrativas dos surdos em libras  	<p>S 339</p> <p>5.1 Considerações finais</p> <p>Objetivos</p> <p>Objetivo Geral Investigar as ações manuais produzidas em histórias da péra narradas por surdos em libras</p> <p>Objetivos específicos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Descrever as ações manuais das narrativas 2. Comparar as ações manuais das narrativas 3. Problematicar as características dessas ações manuais 4. Refletir sobre as implicações da análise para o debate “língua e gesto” 	<p>S 340</p> <p>5.1 Considerações finais</p> <p>Metodologia</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Seleção de quatro referentes na história da péra ■ Geração de corpus de narrativas ■ Transcrição dos dados no ELAN ■ Descrição dos dados a partir de extração de fotos de ações manuais e produção de tabelas contrastivas ■ Discussão dos dados com base em problematizações sobre “língua e gesto” feitas por McCleary e Viotti (2011) 
<p>S 341</p> <p>5.1 Considerações finais</p> <p>Resultados</p> <p>De modo geral, a análise descritiva mostrou uma surpreendente variedade de formas de ações manuais que os surdos empregaram para se referir aos quatro elementos selecionados na história da péra</p> 	<p>S 342</p> <p>5.1 Considerações finais</p> <p>Resultados</p> <p>O que a análise mostrou em relação às problematizações de McCleary e Viotti (2011)</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ os surdos pareceram preferir ações manuais idiossincráticas e criativas às ações manuais convencionais da libras nessas narrativas ■ algumas ações manuais convencionais da libras foram flexibilizadas de maneira ad-hoc para produzir coesão e pontos de vista específicos nas narrativas 	<p>S 343</p> <p>5.1 Considerações finais</p> <p>Resultados</p> <p>O que a análise sugere em relação às problematizações de McCleary e Viotti (2011)</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Em certos casos, as ações manuais descritas parecem divergir tanto das palavras das LOs quanto dos “gestos” que co-ocorrem com essas palavras ■ O referencial dicotômico “morfêmico (ou linguístico) vs. gestual” talvez enviesse a análise de ações manuais em LSs ao pressupor teorias construídas com base em LOs sob mediação da tecnologia escrita 

5.2 REFLEXÕES SOBRE A ÁREA DE “ESTUDOS DO GESTO”

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Reflexões sobre o contínuo de McNeill (S347, S348)
- Revisando a dicotomia linguístico/verbal vs. não-linguístico/não-verbal (S349)
- Ações manuais em diferentes pontos do contínuo de propriedades semióticas (S350)
- Comparando ações manuais em LSs e LOs (S351, S352)

Figura 32. Slides da seção “Reflexões sobre a área de “estudos do gesto (5.2)”

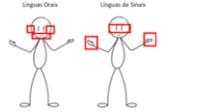
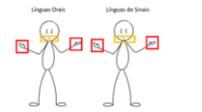
<p>S 344</p> <p>Capítulo 5</p> <p>Considerações finais</p>	<p>S 345</p> <p>Considerações finais</p> <p>5 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 5.1 Síntese da tese e resultados 5.2 Reflexões sobre a área de “estudos do gesto” 5.3 Reflexões sobre a área de “linguística das LSs” 5.4 Observações sobre produção de teses videogravadas em libras 5.5 Contribuições da pesquisa, limitações e questões futuras 	<p>S 346</p> <p>5.2 Reflexões sobre a área de “estudos do gesto”</p>																										
<p>S 347</p> <p>5.2 Reflexões sobre os “Estudos do gesto” O contínuo de McNeill (1992)</p> <ul style="list-style-type: none"> A localização dos chamados “sinais” no extremo “linguístico” do contínuo de McNeill poderia sugerir que as ações manuais empregadas por surdos apresentem necessariamente propriedades “linguísticas”? O contínuo teria a categorizar as ações manuais de modo dicotômico, indicando propriedades linguísticas dos tipos de “gesto” em termos de presentes (+) ou ausentes (-), obscurecendo as regiões “cinzas”?  <p>Diferenças em termos de propriedades linguísticas (McNeill, 1992)</p> <table border="1"> <tr> <th>Gesticulação</th> <th>Pantomima</th> <th>Emblema</th> <th>Sinais</th> </tr> <tr> <td>- convencional - arbitrária - boa formação - articulado - combinatório</td> <td>- convencional - arbitrária - boa formação - articulado - combinatório</td> <td>+ convencional + arbitrária + boa formação + articulado + combinatório</td> <td>+ convencional + arbitrária + boa formação + articulado + combinatório</td> </tr> <tr> <td>não-linguístico</td> <td></td> <td>parcialmente linguístico</td> <td>linguístico</td> </tr> </table>	Gesticulação	Pantomima	Emblema	Sinais	- convencional - arbitrária - boa formação - articulado - combinatório	- convencional - arbitrária - boa formação - articulado - combinatório	+ convencional + arbitrária + boa formação + articulado + combinatório	+ convencional + arbitrária + boa formação + articulado + combinatório	não-linguístico		parcialmente linguístico	linguístico	<p>S 348</p> <p>5.2 Reflexões sobre os “Estudos do gesto” O contínuo de McNeill (1992)</p> <p>Observações sobre ações manuais similares às categorias de “gesticulação”, “pantomima” e “emblemas” nas narrativas</p> <ul style="list-style-type: none"> os dados sugerem que pode haver tipos distintos de ações manuais icônicas nas LSs as ações manuais dêiticas em LSs seriam idênticas às que acompanham as LOs? as pantomimas nas LSs parecem ter um papel estruturante no discurso, diferente de LOs em que medida o conceito de “emblema” se aplicaria aos enunciados em LSs? 	<p>S 349</p> <p>5.2 Reflexões sobre os “Estudos do gesto” A dicotomia verbal vs. não-verbal</p> <table border="1"> <tr> <th>Língua “verbal” (“linguística”?)</th> <th>Língua “não verbal” (“não-linguística”?)</th> </tr> <tr> <td>- vocal</td> <td>- não-vocal</td> </tr> <tr> <td>arbitrária ou motivado</td> <td>motivado</td> </tr> <tr> <td>convencional e opaco</td> <td>icônico/indicial + transparente</td> </tr> <tr> <td>-linear</td> <td>-simultâneo</td> </tr> <tr> <td>segmental e articulado</td> <td>gradiente e holístico</td> </tr> <tr> <td>recombinatório e produtivo</td> <td>não-combinatório</td> </tr> </table> <p>Distribuição dicotômica de propriedades semióticas na comunicação humana</p>  <p>Distribuição contínua de propriedades semióticas na comunicação humana</p>	Língua “verbal” (“linguística”?)	Língua “não verbal” (“não-linguística”?)	- vocal	- não-vocal	arbitrária ou motivado	motivado	convencional e opaco	icônico/indicial + transparente	-linear	-simultâneo	segmental e articulado	gradiente e holístico	recombinatório e produtivo	não-combinatório
Gesticulação	Pantomima	Emblema	Sinais																									
- convencional - arbitrária - boa formação - articulado - combinatório	- convencional - arbitrária - boa formação - articulado - combinatório	+ convencional + arbitrária + boa formação + articulado + combinatório	+ convencional + arbitrária + boa formação + articulado + combinatório																									
não-linguístico		parcialmente linguístico	linguístico																									
Língua “verbal” (“linguística”?)	Língua “não verbal” (“não-linguística”?)																											
- vocal	- não-vocal																											
arbitrária ou motivado	motivado																											
convencional e opaco	icônico/indicial + transparente																											
-linear	-simultâneo																											
segmental e articulado	gradiente e holístico																											
recombinatório e produtivo	não-combinatório																											
<p>S 350</p> <p>5.2 Reflexões sobre os “Estudos do gesto” Experiência de mundo e sua expressão semiótica</p> <p>Ações manuais semióticas (LSs e LOs)</p>  <p>Experiência corporeada de mundo</p> <p>Formas visuais e ações manuais ergóticas</p> 	<p>S 351</p> <p>5.2 Reflexões sobre os “Estudos do gesto” Comparando ações manuais em LSs e LOs (I)</p> <p>É necessário compararmos as ações manuais de surdos e ouvintes (Kendon, 2014)</p>  <p>“Pegô a cesta, a sacola inteira, colocô na bike”</p> <p>“Sobe na bike”</p> <p>“Tá andandolá de bike”</p> <p>“Foi lá, pegô uma”</p>	<p>S 352</p> <p>5.2 Reflexões sobre os “Estudos do gesto” Comparando ações manuais em LSs e LOs (II)</p> <p>É necessário compararmos as ações manuais de surdos e ouvintes (Kendon, 2014)</p>  <p>“Ai ele cai”</p> <p>“Ai ele dá três péras”</p> <p>“Ele falou um, dois, ai não tinha o três”</p> <p>“comendo péra”</p>																										

5.3 REFLEXÕES SOBRE A ÁREA DE “LINGUÍSTICA DAS LSS”

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Reflexões sobre os “sinais depictivos” (S356)
- Reflexões sobre os “sinais convencionais” (S357)
- Reflexões sobre aspectos pragmáticos de narrativas em LSs (S358)
- Reflexões sobre uso de glosas em análises de LSs (S359)
- Diferentes perspectivas sobre o papel da modalidade no estudo de LSs e LOs (S360)

Figura 33. Slides da seção “Reflexões sobre a área de “linguística das LSs (5.3)”

<p>S 353</p> <p>Capítulo 5</p> <p>Considerações finais</p>	<p>S 354</p> <p>Considerações finais</p> <p>5 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 5.1 Síntese da tese e resultados 5.2 Reflexões sobre a área de “estudos do gesto” 5.3 Reflexões sobre a área de “linguística das LSs” 5.4 Observações sobre produção de teses videogravadas em libras 5.5 Contribuições da pesquisa, limitações e questões futuras 	<p>S 355</p> <p>5.3 Reflexões sobre a área de “linguística das LSs”</p>
<p>S 356</p> <p>5.3 Reflexões sobre a teoria linguística Os “sinais depictivos”</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Como explicar a predominância “sinais depictivos”, classificados como “léxico periférico” por Johnston e Schembri (2007)? ■ Seria adequado classificar ações manuais idiossincráticas e ad-hoc como “parte do léxico de uma língua”? ■ Em que medida essas ações manuais apresentam características sistêmicas da “libras” e em que medida elas apresentam características sistêmicas das LSs de modo geral?  <ul style="list-style-type: none"> ■ A função de “retratar um referente visualmente” poderia ser sobreposta à função de “designar um referente” devido à natureza do articulador manual nas LSs? 	<p>S 357</p> <p>5.3 Reflexões sobre a teoria linguística Os “sinais convencionais”</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Ações manuais convencionais da libras (ditos “sinais convencionais”) também estiveram presentes nos dados, embora com menor frequência, e se mostraram passíveis de modificação de maneira ad-hoc em certos contextos ■ Embora sejam o que mais se aproxima das palavras das LOs, as ações manuais convencionais da libras revelaram uma flexibilidade que parece ausente nas palavras ■ Ainda que as ações manuais convencionais tenham uma natureza mais simbólica do que icônica e indicial, o seu potencial icônico parece ficar latente e pode ser trazido de fundo à figura no discurso espontâneo 	<p>S 358</p> <p>5.3 Reflexões sobre a teoria linguística Aspectos pragmáticos das produções em LSs</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ A riqueza de ações manuais que retratam visualmente a narrativa parece refletir a importância da experiência visual para os interlocutores surdos ■ As pantomimas parecem um aspecto estruturante das narrativas em LSs, que seja por meio de pantomimas completas, seja pelo particionamento do corpo, parecem apresentar grande parte da história na perspectiva dos personagens em 1ª pessoa, diferente das LOs 
<p>S 359</p> <p>5.3 Reflexões sobre a teoria linguística Cuidados com análises partindo de glosas</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Quais são os riscos de iniciarmos nossas análises sobre as LSs partindo de glosas de LOs (por ex. PEGAR)? ■ Que critérios podemos estabelecer (sem recorrer a traduções para o português) para considerar ocorrências de ações manuais como variações de uma “mesma ação manual” ao invés de “diferentes ações manuais”? ■ O quanto jargões linguísticos tais como “verbos”, “sinais policomponentais”, “predicados classificadores” podem nos obscurecer para as semelhanças entre ações manuais produzidas em LSs e LOs? 	<p>S 360</p> <p>5.3 Reflexões sobre a teoria linguística Contrastando LSs e LOs</p> <p>Perspectiva da “diferença de modalidade”</p>  <p>A abordagem tradicional contrasta “sinais” e “palavras”, operando com noções abstratas de linguagem e subestimando o impacto do suporte físico ou meio da comunicação</p> <p>Perspectiva da “multimodalidade”</p>  <p>A presente abordagem tem interesse em contrastar articuladores semelhantes (ex. ações manuais em LSs e LOs), reconhecendo o impacto do meio sobre a comunicação</p>	

5.4 OBSERVAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE TESES VIDEOGRAVADAS EM LIBRAS

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- Observações sobre o formato desta tese (S364)
- Observações sobre o processo de produção da tese (S365)
- Importância de textos videogravados em libras para os estudos das LSs (S366)
- Importância de textos videogravados em libras para a comunidade surda (S367)

Figura 34. Slides da seção “Observações sobre a produção de teses videogravadas em libras (5.4)”

<p style="text-align: center;">S 361</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 5</p> <p style="text-align: center;">Considerações finais</p>	<p style="text-align: center;">S 362</p> <p style="text-align: center;">Considerações finais</p> <div style="text-align: center;"> <p>5 seções</p> <ul style="list-style-type: none"> 5.1 Síntese da tese e resultados 5.2 Reflexões sobre a área de “estudos do gesto” 5.3 Reflexões sobre a área de “linguística das LSs” <li style="background-color: #f9cb9c;">5.4 Observações sobre produção de teses videogravadas em libras 5.5 Contribuições da pesquisa, limitações e questões futuras </div>	<p style="text-align: center;">S 363</p> <p style="text-align: center;">5.4 Observações sobre a produção de teses videogravadas em libras</p>
<p style="text-align: center;">S 364</p> <p style="text-align: center;">5.4 Teses videogravadas em libras O formato desta tese</p> <ul style="list-style-type: none"> A tese na verdade apresenta um formato bilíngue e multimodal, explorando os suportes do vídeo (libras), slides (português) e pdf (estrutura, síntese e unificação de ligação de tese) de acordo com os potenciais de cada tipo de suporte O registro em libras se aproxima da modalidade corporal, por isso se mostra menos denso em informação e mais redundante Os slides também reduzem a densidade informacional, exigindo síntese verbal e maior exploração de recursos e organização visual 	<p style="text-align: center;">S 365</p> <p style="text-align: center;">5.4 Teses videogravadas em libras Processo de produção</p> <ul style="list-style-type: none"> Etapas na produção: i) anotações em português escrito; ii) preparação de slides; iii) ensaios e filmagens provisórias; iv) filmagens definitivas; v) edição e postagem dos vídeos; vi) preparação do pdf Pouca flexibilidade para refilmagem e correções de problemas conceituais e de coesão no trabalho Concentração das etapas (iv), (v) e (vi) em um curto período de três meses, em parte pela natureza do trabalho, em parte pelos desafios que a pós-graduação colocou para um aluno surdo falante de libras Dependência de reserva de estúdio, equipamentos e apoio técnico 	<p style="text-align: center;">S 365</p> <p style="text-align: center;">5.4 Teses videogravadas em libras Importância para estudos da língua em uso</p> <ul style="list-style-type: none"> McCleary e Viotti (2017) argumentam que até mesmo as teorias linguísticas “baseadas no uso” não olham para a fala corporeada na interação Estendendo esse raciocínio, até que ponto não podemos recuperar a corporalidade não apenas como objeto de estudo, mas também como metalinguagem para as análises? A escrita não traria também aspectos limitantes para pesquisas voltadas à descrição da corporalidade em LSs e LOs?  <p style="font-size: small;">O seguinte segmento mostra uma complexa situação narrativa. Com a cabeça ainda voltada para a direita e para cima, o narrador fecha os olhos e respira. Enquanto isso, seu corpo passa a representar o lançamento. Ele realiza sua expressão facial para mostrar que agora ele é o lançamento e que está totalmente concentrado no trabalho, sem se dar conta de que está acontecendo no local onde está no sistema de prova. Ele encontra novamente uma boa alternativa, repetição e gesto solto que substitui a presença e o estado PEGAR POR NADA. CLARAR NÃO-VER PEGAR POR. Mas uma vez, o corpo do narrador faz parte do corpo e responde de tal maneira ao lançamento, que não significa como o narrador.</p> <p style="text-align: right; font-size: x-small;">McCleary e Viotti (2011, p. 300)</p>
<p style="text-align: center;">S 367</p> <p style="text-align: center;">5.4 Teses videogravadas em libras Importância para a comunidade surda</p> <ul style="list-style-type: none"> Necessitamos de políticas linguísticas de incentivo à produções acadêmicas em libras, seja em meio escrito ou videogravado A produção e “leitura” de trabalhos acadêmicos videogravados em libras exigem um processo de letramento ainda incipiente A abertura institucional da PPGL e o apoio técnico institucional da UPPR foram essenciais para viabilizar esta tese Ainda há questões em aberto, por exemplo, como a questão crucial da hospedagem dos trabalhos e de produção diante de recursos menos elaborados 		

5.5 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA, LIMITAÇÕES E QUESTÕES FUTURAS

Nesta seção, abordamos os seguintes tópicos:

- As contribuições originais da pesquisa (S371)
- As limitações da pesquisa (S372)
- Questões futuras que a pesquisa levanta (S373)

Figura 35. Slides da seção “Contribuições da pesquisa, limitações e questões futuras (5.5)”

<p style="text-align: center;">S 368</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 5</p> <p style="text-align: center;">Considerações finais</p>	<p style="text-align: center;">S 369</p> <p style="text-align: center;">Considerações finais</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;"> <div style="margin-right: 10px;">5 seções</div> </div>	<p style="text-align: center;">S 370</p> <p style="text-align: center;">5.5 Contribuições da pesquisa, limitações e questões futuras</p>
<p style="text-align: center;">S 371</p> <p style="text-align: center;">5.5 Contribuições da pesquisa</p> <p>Ao nosso ver, a tese apresenta contribuições originais nos seguintes aspectos</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ oferece uma rica descrição de práticas de linguagem relacionadas a ações manuais em LSs em contextos narrativos ✓ adota uma postura de observação das “ações manuais” em LSs colocando em suspensão vieses teóricos e conceituais sobre a sua categorização enquanto “sinais” ou “gestos” ✓ utiliza os dados descritos para questionar pressupostos das teorias linguísticas e dos estudos do gesto construídas com base em LOs sob mediação da escrita ✓ avança na reflexão e na elaboração de trabalhos acadêmicos videogravados em libras 	<p style="text-align: center;">S 372</p> <p style="text-align: center;">5.5 Limitações da pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ O maior enfoque descritivo do trabalho e os desafios da produção da tese em vídeo não possibilitaram um diálogo necessário com a vasta área de estudo voltada ao debate “língua e gesto” (ex. Goldin-Meadow e Brentari, 2017; Kendon, 2014; McCleary e Viotti, 2017; Muller, 2018) ■ Optamos por dialogar com trabalhos de grande relevância no campo da pesquisa, mas cujas perspectivas já foram atualizadas até mesmo pelos próprios autores ■ Limitações de tempo não possibilitaram produzir uma tradução oral ou legendada para o português, de modo a tornar o trabalho acessível aos não falantes de libras e possibilitar um diálogo abrangente com a comunidade científica 	<p style="text-align: center;">S 373</p> <p style="text-align: center;">5.5 Questões futuras</p> <p>A tese suscita questões que futuramente poderão ser investigadas</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Como as ações manuais de ouvintes se assemelham ou se distinguem das ações manuais de surdos nesse mesmo contexto narrativo? ■ Como essa análise se aplicaria a narrativas cotidianas? Como essa análise se aplicaria a outros gêneros discursivos em LSs? ■ O quão particulares da libras (e não de outras LSs) são as ações manuais descritas? ■ O quão compreensíveis as narrativas em libras seriam para surdos falantes de outras LSs? ■ Como será a recepção da comunidades surda em relação ao formato da tese videogravada apresentado?

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Girlaine Felisberto de Caldas. **Gênero instrução de percurso em Libras: um estudo de caso com sinalizantes de segunda língua ouvintes**. In: **Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras**. Edição nº 005/2020. [artigo em Libras publicado em vídeo, 24m03s]. Florianópolis: UFSC, 2020. Disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br>. Acesso em: 13 ago. 2023. ISSN: 2358-7911.
- ARMSTRONG, David F.; STOKOE, William C.; WILCOX, Sherman E. **Gesture and the nature of language**. Cambridge University Press, 1995.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. (ME Pereira, Trad.) São Paulo. 1997.
- BALLOCK, Helen Trefzger et al. **Literatura Surda: contação de histórias em Libras no ensino e aprendizagem de crianças surdas**. In: **Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras**. [artigo em Libras publicado em vídeo, 29m03s]. Florianópolis: UFSC, 2020. Disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br>. Acesso em: 02 de novembro de 2023.
- BATTISON, Robbin. . Phonological deletion in American Sign Language. **SignLanguageStudies**, v. 5, p. 1-19, 1974
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 abr. 2002. Disponível em Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 02 de novembro de 2023.
- _____. **Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Presidência da República. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 02 de novembro de 2023
- CADOZ, Claude. Le geste canal de communication homme/machine: la communication" instrumentale". **Revue des Sciences et Technologies de l'Information-Série TSI: Technique et Science Informatiques**, v. 13, n. 1, p. 31-61, 1994.
- CAMPELLO, Ana. Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008. 241 f..
- CARDOSO, Alexandre Bet da Rosa. **Vídeo registro em libras: uma proposta de acesso ao pensamento original aos surdos**. Dissertação (mestrado) -

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2016.

CASTRO, Nelson Pimenta. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2012.

CASTRO, Nelson Pimenta. **Prosódia em ASL e Libras**: análise comparativa de aspectos visuais. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

CHAFE, Wallace L. **The pear stories**: Cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production. 1980.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CORBALLIS, Michael C. Gestural theory of the origins of language. **New perspectives on the origins of language**, v. 144, p. 171, 2013.

CUMMINS, Jim. Teaching for Transfer in Multilingual School Contexts. In: GARCIA, Ofelia; LIN, Angel M. I; MAY, Stephen (EDS). **Bilingual and Multilingual Education. Encyclopedia of Language and Education**. Springer, Cham, 2017. https://doi.org/10.1007/978-3-319-02258-1_8

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da língua de sinais brasileira (libras)**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016

FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: Do mito à ciência: In: FIORIN, J. L.(Org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

GEE, James; GEE, James Paul. **Social linguistics and literacies: Ideology in discourses**. Routledge, 3^{ef}; 2007.

GOLDIN-MEADOW, Susan; BRENTARI, Diane. Gesture, sign, and language: The coming of age of sign language and gesture studies. **Behavioral and brain sciences**, v. 40, p. e46, 2017.

HEBERLE, Ricardo. **Tradução de tirinhas para Libras**: estética visual no contexto de contar Libras com foco no humor. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2022..

HOCHGESANG, Julie A. Ethics of researching signed languages: The case of Kenyan Sign Language (KSL). In A.C. COOPER; K.K. RASHID (Eds.), **Signed Languages in Sub-Saharan Africa: Politics, citizenship and shared experiences of difference** (pp. 11–30). Washington, DC: Gallaudet University Press, 2015

HOCKETT, Charles F. In search of Jove's brow. **American speech**, v. 53, n. 4, p. 243-313, 1978.

JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. **Australian Sign Language (Auslan): An introduction to sign language linguistics**. Cambridge University Press, 2007.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. **New learning: Elements of a science of education**. Cambridge University Press, 2012.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

KENDON, Adam. **Gesture: Visible action as utterance**. Cambridge University Press, 2004.

KENDON, Adam. Some reflections on the relationship between 'gesture' and 'sign'. **Gesture**, v. 8, n. 3, p. 348-366, 2008.

KENDON, Adam. Semiotic diversity in utterance production and the concept of 'language'. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 369, n. 1651, p. 20130293, 2014.

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Harvard University Press, 1979.

KNAPP, Mark L; HALL, Judith A. **Comunicação não verbal na interação humana**. Editora JSN, 1999.

KRESS, Gunther. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication**. Routledge, 2009.

LEITE, T. de A.; AMPESSAN, J. P.; BOLDO, J.; TASCALOHN, J.; AZEVEDO, G. S. de O. Semântica lexical na libras: Libertando-se da tirania das glosas. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–23, 2022. DOI: 10.25189/rabralin.v20i3.1833. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1833>. Acesso em: 2 nov. 2023.

LIDDELL, Scott K. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language**. Cambridge University Press, 2003.

MACHADO, Fernanda de Araújo. **Antologia da poética em língua de sinais brasileira**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2017.

MACHADO, Fernanda de Araújo. **Simetria na poética visual na língua de sinais brasileira**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2013.

MARQUES, Rodrigo Rosso; OLIVEIRA, Janine Soares de. A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores. In: **Congresso nacional de pesquisas em tradução e interpretação de libras e língua portuguesa**. 2012. p. 2316-2198.

MCCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. Curso de Licenciatura em Letras-Libras/Universidade Federal de Santa Catarina. 2008.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Espaços integrados e corpos partidos: vozes e perspectivas narrativas em línguas sinalizadas. **Scripta**, v. 18, n. 34, p. 121-140, 2014.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação. **Novos caminhos da linguística**. São Paulo: Editora Contexto, p. 171-194, 2017.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Sign-gesture symbiosis in Brazilian Sign Language narrative. **Meaning, form, and body**, p. 181-201, 2009.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas online**, v. 1, p. 289-304, 2011.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani; DE ARANTES LEITE, Tarcísio. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 54, n. 1, 2010.

MCNEILL, David. **Hand and mind: What gestures reveal about thought**. University of Chicago press, 1992.

MÜLLER, Cornelia. Gesture and sign: Cataclysmic break or dynamic relations? **Frontiers in Psychology**, v. 9, p. 1651, 2018.

NAPIER, John. **Hands**. Princeton University Press. New York : Pantheon Books, 1980.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Introdução à semiótica**. São Paulo: Paulus, 2017.

ONG, Walter J., S. J. **Orality and Literacy: The Technologizing of the Word**. Ed Routledge. London: 1982

PEDRONI, Victoria Hidalgo. **Dueto de poesia em libras: os desafios de tradução da literatura pelo tradutor dueto**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2021, p 39.

PENFIELD, Wilder; BOLDREY, Edwin. Somatic motor and sensory representation in the cerebral cortex of man as studied by electrical stimulation. **Brain**, v. 60, n. 4, p. 389-443, 1937.

QUADROS, R. et al. **Corpus de Libras**. Universidade Federal de Santa Catarina. <http://corpuslibras.ufsc.br/> (acessado em 2023)

QUADROS, Ronice Müller (ORG). **Letras Libras: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

QUINTO-POZOS, David. Can constructed action be considered obligatory?. **Lingua**, v. 117, n. 7, p. 1285-1314, 2007.

REVISTA BRASILEIRA DE VÍDEO-REGISTROS EM LIBRAS. Disponível em <https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>. Acesso em 02 de novembro de 2023.

RIBEIRO, Arenilson Costa; et al. **Considerações sobre a criação de um glossário de Literatura Surda**. In: **Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras**. Edição nº 005/2020. [artigo em Libras publicado em vídeo, 20m01s]. Florianópolis: UFSC, 2020. Disponível em: <https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/edicoes-antteriores/edicao-no-0052020/> . Acesso em: 02 de novembro. ISSN: 2358-7911.

SAUSSURE, F. de. (2002). **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix

SCHEMBRI, Adam. Rethinking “classifiers” in signed languages. In: EMMOREY, Karen (ORG). **Perspectives on classifier constructions in sign languages**, 1 ed, Psychology Press. New York: 2003, p. 3-34, 2003.

SILVA, Rodrigo Custódio da. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2019, 241 p.

SILVA, Rodrigo Custódio da. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, SC, 2013. 161 p.

SILVA, Rodrigo Custódio. Gêneros do discurso em libras videossinalizada da esfera acadêmica na perspectiva bakhtiniana. In: NASCIMENTO, Vinícius. **Perspectiva dialógica nos estudos da tradução e interpretação da língua de sinais**. Hucitec Editora, São Paulo: 2023. p. 85-106

STOKOE, William C. Sign language structure: An outline of the communication systems of the American deaf. **Studies in Linguistics: Occasional Papers**, v. 8. Buffalo, NY: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960.

STREECK, Jürgen. Depicting gestures: Examples of the analysis of embodied communication in the arts of the West. **Gesture**, v. 9, n. 1, p. 1-34, 2009.

SUPALLA, Ted Roland. **Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language**. University of California, San Diego, 1982.

SUPALLA, Ted. Revisiting visual analogy in asl classifier predicates. In: EMMOREY, Karen (ORG). **Perspectives on classifier constructions in sign languages**, 1 ed, Psychology Press. New York: 2003, p. 249-257.

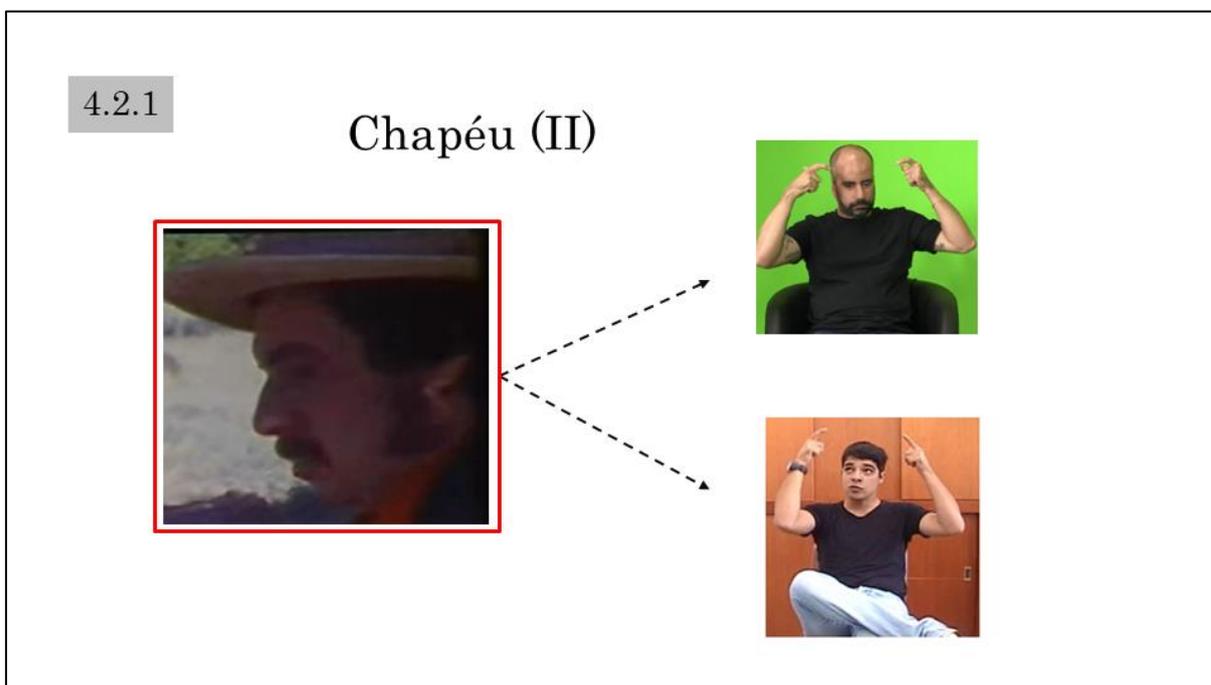
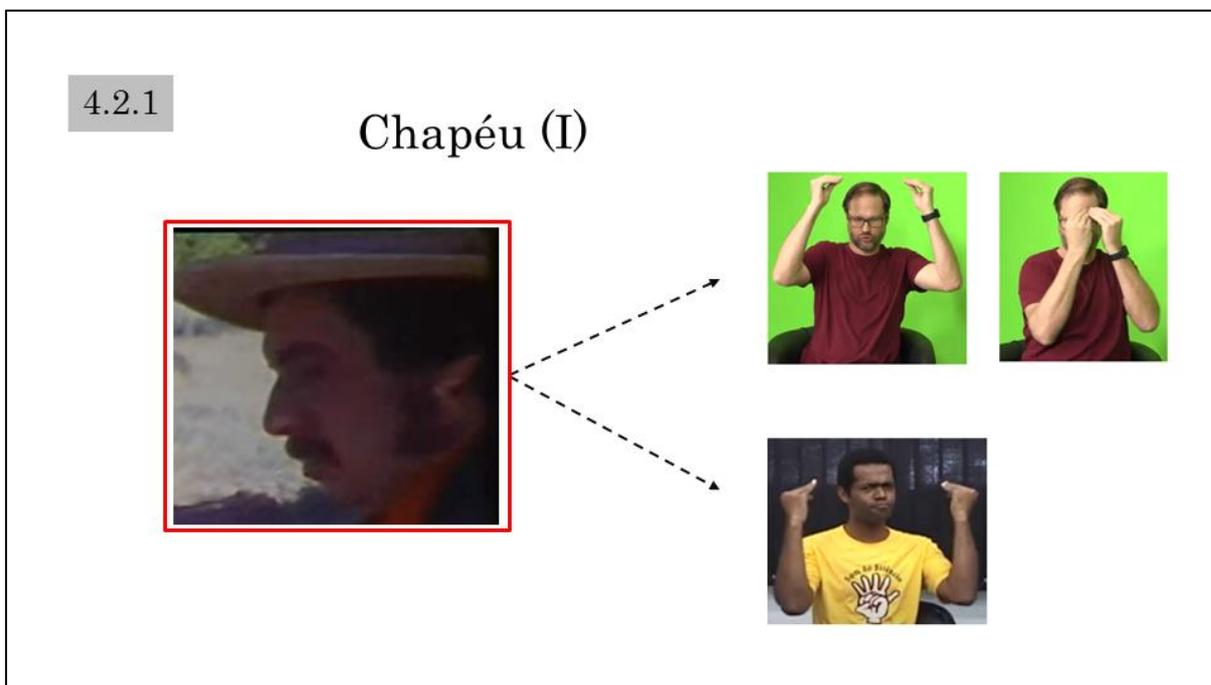
SUPALLA, Ted.; NEWPORT, Elissa L. **How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in american sign language**. 1978. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/313223392> How many seats in a chair The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. Acesso em 02/11/23

WEIL, Pierre. TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**, 74 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed language. **Cognitive Linguistics**, vol. 15, no. 2, 2004, pp. 119-147. <https://doi.org/10.1515/cogl.2004.005>

APÊNDICE A – Dados de análise (capítulo 4) com tamanho ampliado

4.2.1. Descrição dos dados: Aparência do agricultor



4.2.1

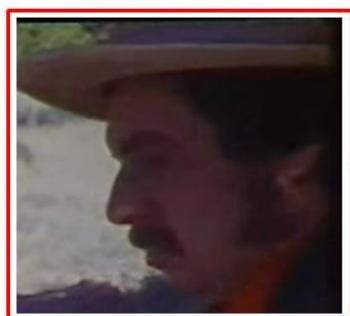
Chapéu

Contraste entre as ações manuais



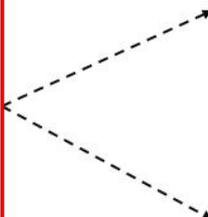
4.2.1

Barba e bigode (I)



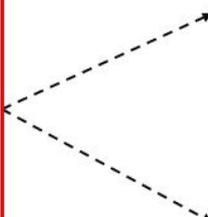
4.2.1

Barba e bigode (II)



4.2.1

Barba e bigode (III)



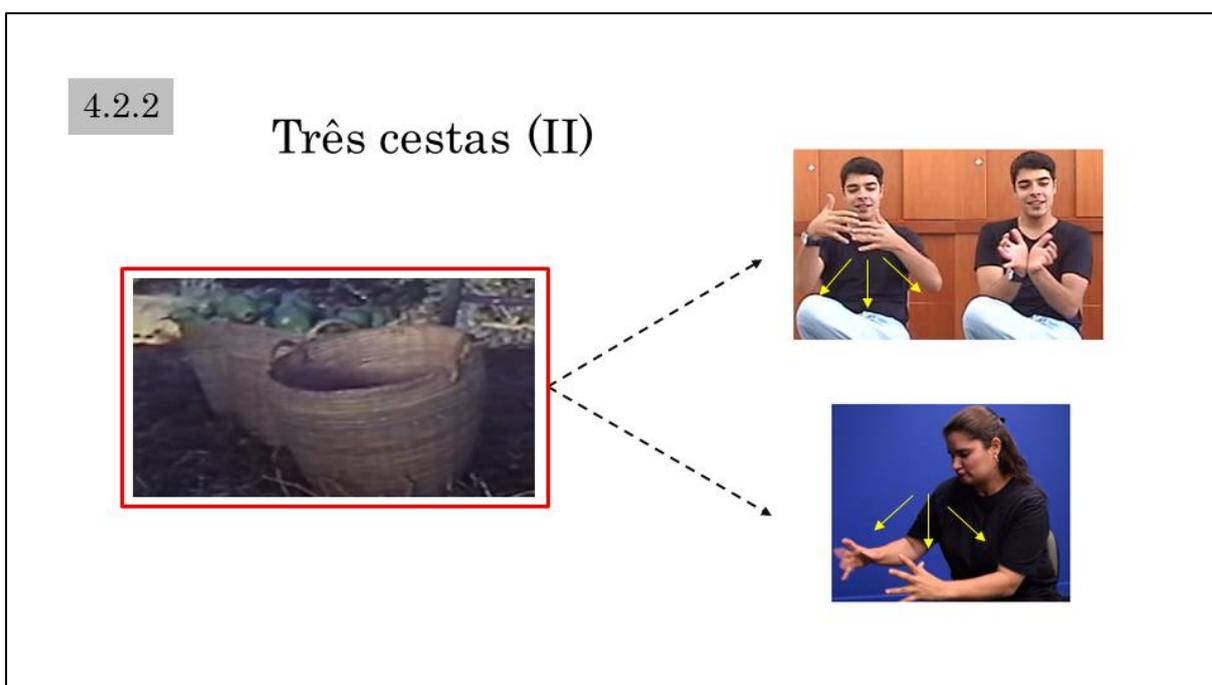
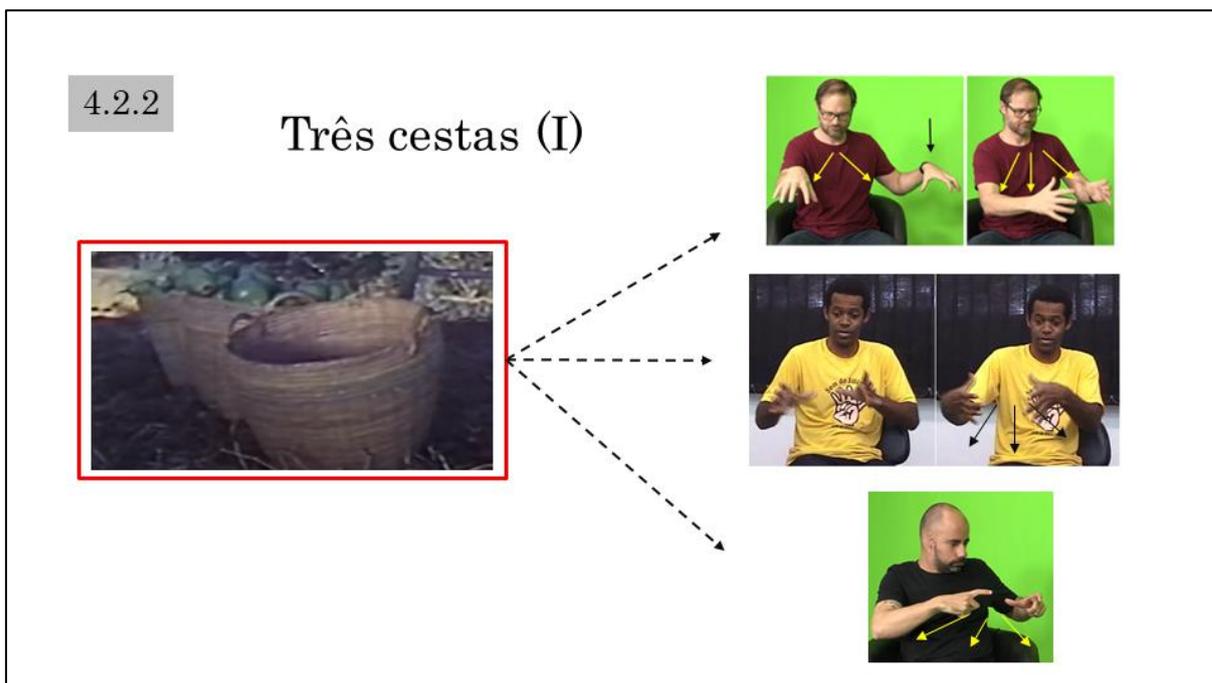
4.2.1

Barba e bigode

Contraste entre as ações manuais



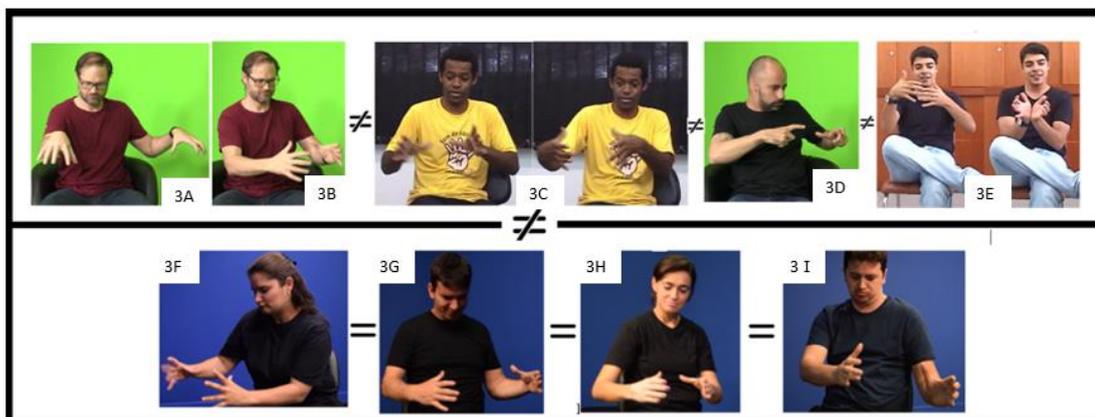
4.2.2. Descrição dos dados: Cestas



4.2.2

Três cestas

Contraste entre as ações manuais



4.2.2

Cestas cheias (I)

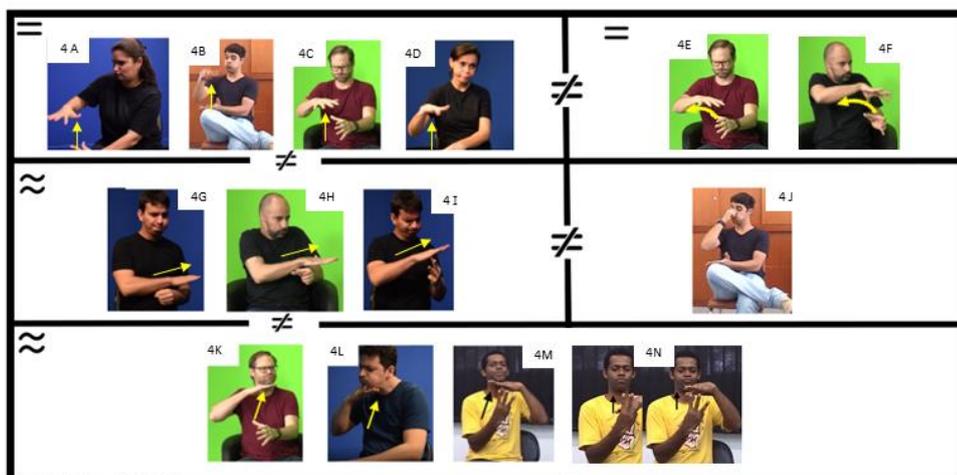


4.2.2

Cestas cheias (II)



4.2.2

Cestas cheias
Contraste entre as ações manuais

4.2.2

Cesta vazia

The diagram illustrates the concept of 'Cesta vazia' (empty basket). On the left, a photograph of a woven basket is enclosed in a red rectangular border. Five dashed arrows radiate from the right side of this basket image to five separate photographs of people performing various manual actions. The top-right image shows a man in a black shirt with a yellow arrow pointing to his hand. The middle row contains two pairs of images: the first pair shows a man in a maroon shirt with a yellow arrow pointing to his hand, and the second pair shows a man in a maroon shirt with a yellow arrow pointing to his hand. The bottom-right image shows a man in a yellow shirt with his hands clasped.

4.2.2

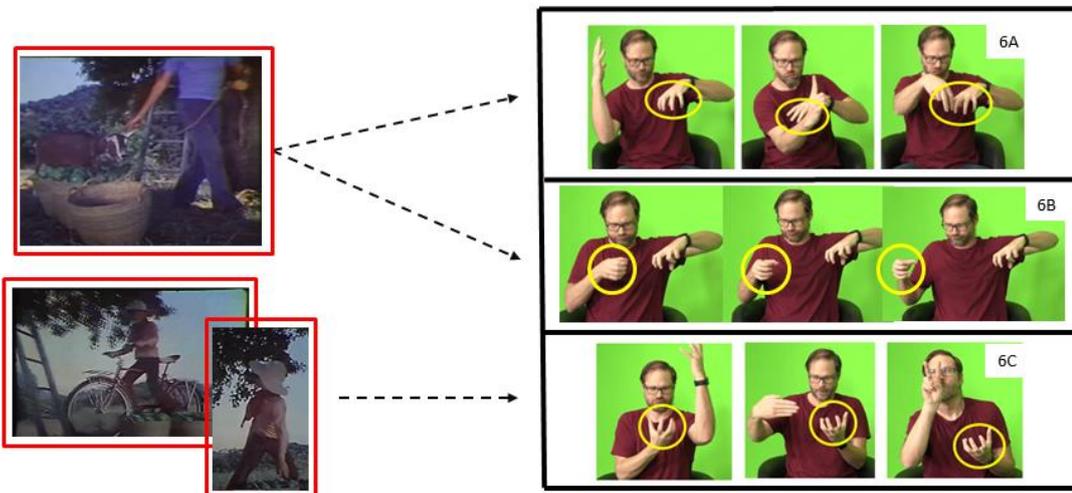
Cestas vazias

Contraste entre as ações manuais

This section displays eight distinct manual actions, each labeled with a code from 5A to 5H. The actions are arranged in two rows. The top row contains three pairs of images: 5A (woman in black), 5B (man in maroon), and 5C (man in maroon). The bottom row contains five images: 5D (man in black), 5E (man in yellow), 5F (man in blue), 5G (woman in black), and 5H (man in black). Each image shows a person's hands in various configurations, with some images including yellow arrows to highlight specific hand movements or positions. The labels 5A, 5B, and 5C are positioned above their respective image pairs, while 5D, 5E, 5F, 5G, and 5H are positioned above their respective individual images.

4.2.2

Cesta como cenário Contraste entre ações manuais



4.2.2

Colocando a cesta na bicicleta



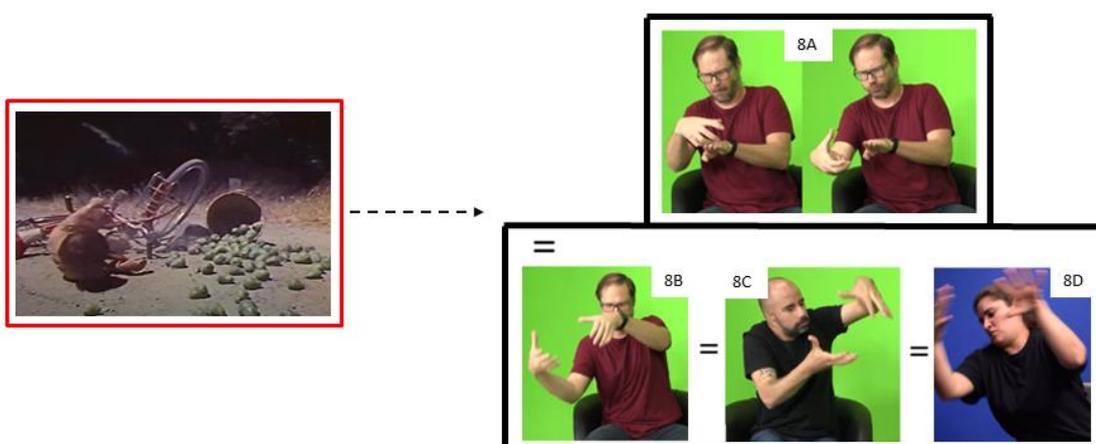
4.2.2

Colocando a cesta na bicicleta Contraste entre as ações manuais



4.2.2

A cesta cai da bicicleta Contraste entre as ações manuais



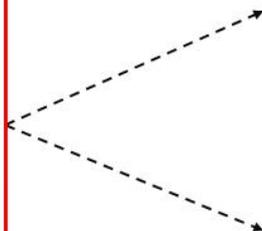
4.2.3. Descrição dos dados: Bicicleta

4.2.3 A bicicleta do menino
Contraste entre as ações manuais

4.2.3 A chegada do menino de bicicleta (I)

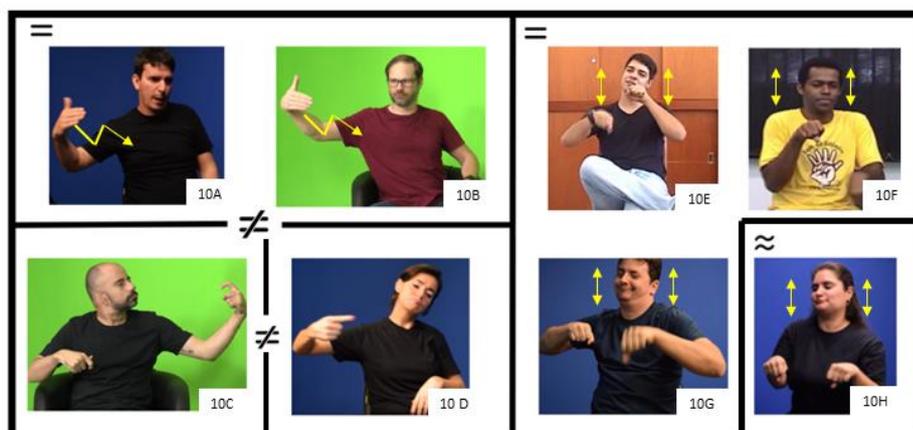
4.2.3

A chegada do menino de bicicleta (II)



4.2.3

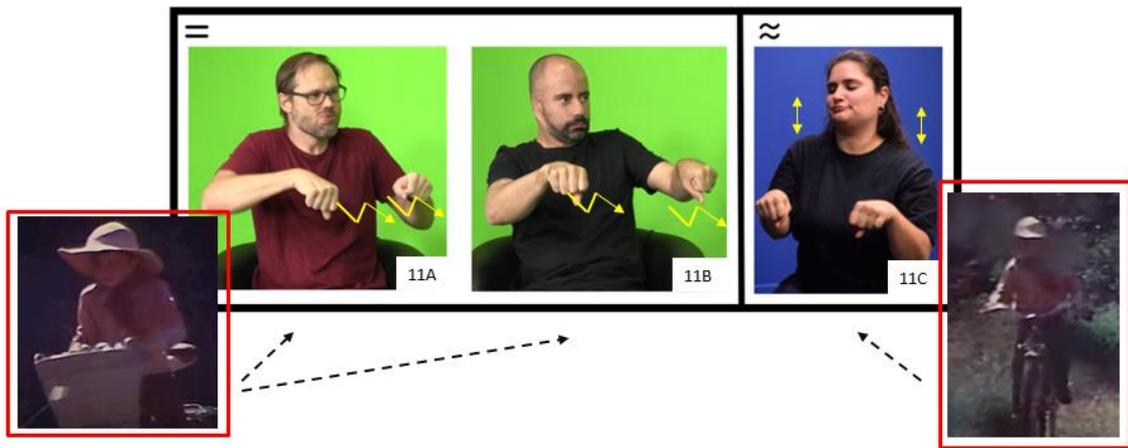
A chegada do menino de bicicleta Contraste entre as ações manuais



4.2.3

Segurando o guidão

Contraste entre as ações manuais



4.2.3

Menino na bicicleta olha para o agricultor

Contraste entre as ações manuais



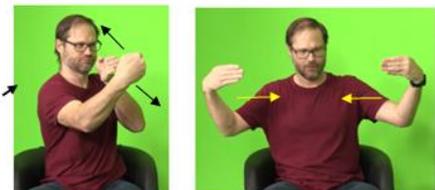
4.2.3

Menino sobe na bicicleta Contraste entre as ações manuais



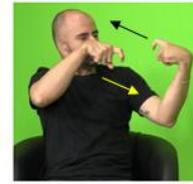
4.2.3

Menino e menina se cruzam de bicicleta (I)



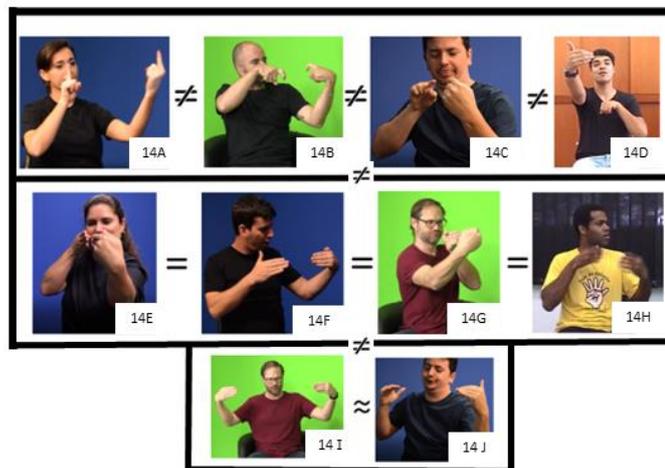
4.2.3

Menino e menina se cruzam de bicicleta (II)



4.2.3

Menino e menina se cruzam de bicicleta Contraste entre as ações manuais

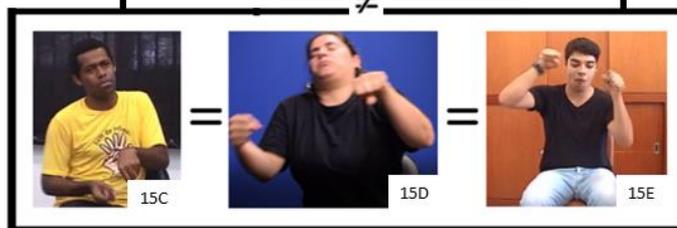
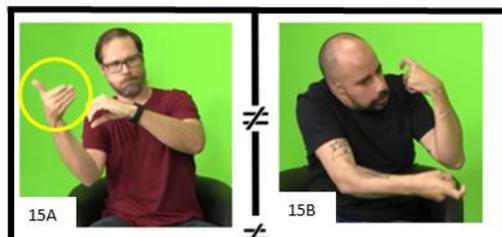


4.2.3

Menino cai de bicicleta Contraste entre as ações manuais



----->



4.2.4. Descrição dos dados: Pêras

4.2.4 Colhendo pêras da árvore (I) 

1ª sequência
Introdução do agricultor



2ª sequência
Agricultor retorna à colheita após encher cestas



3ª sequência
Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa

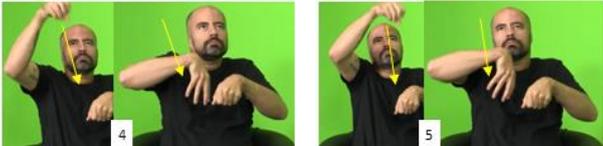


4.2.4 Colhendo pêras da árvore (II) 

1ª sequência
Introdução do agricultor



2ª sequência
Agricultor retorna à colheita após encher cestas



3ª sequência
Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa



4.2.4 Colhendo pêras da árvore (III)



1ª sequência

Introdução do agricultor



2ª sequência

Agricultor retorna à colheita após encher cestas



3ª sequência

Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa



4.2.4 Colhendo pêras da árvore (IV)



1ª sequência

Introdução do agricultor



3ª sequência

Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa



2ª sequência

Agricultor retorna à colheita após encher cestas



4ª sequência

Agricultor colhe pêras pouco antes dos 3 meninos passarem



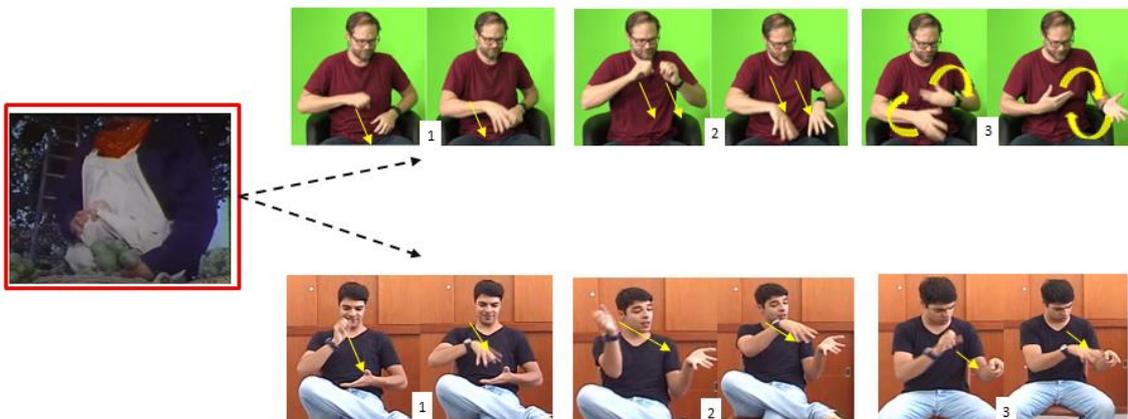
4.2.4

Colhendo pêsca das árvores Contraste entre as ações manuais

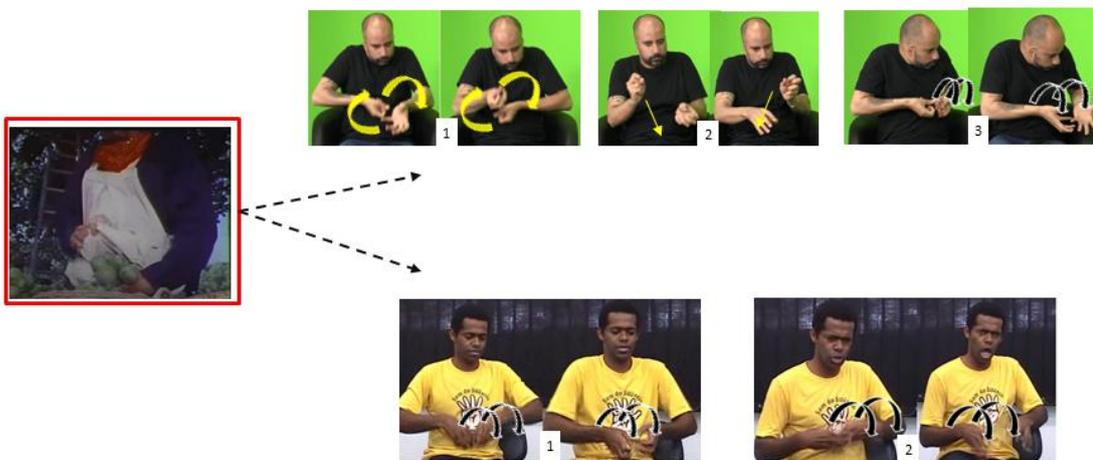


4.2.4

Colocando as pêsca na cesta (I)



4.2.4 Colocando as p eras na cesta (II)



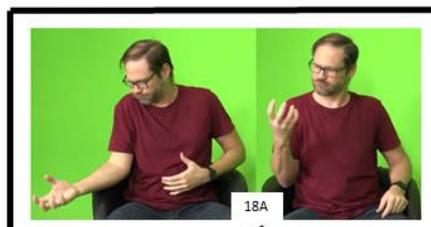
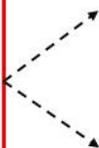
4.2.4

Colocando as p eras na cesta
Contraste entre as a  es manuais

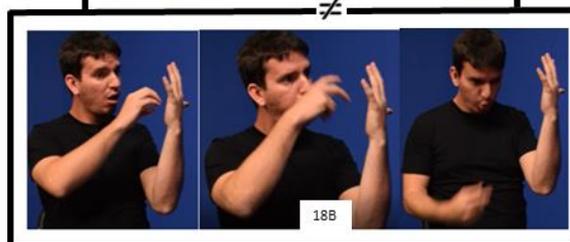


4.2.4

Uma pêra cai no chão Contraste entre as ações manuais



≠



4.2.4

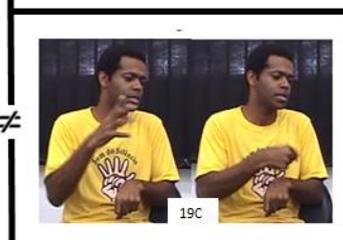
O menino pega uma pêra da cesta Contraste entre as ações manuais



=



≠



4.2.4

As p eras se espalham no ch o Contraste entre as a oes manuais



4.2.4

Menino d  as p eras em troca do chap u (I)

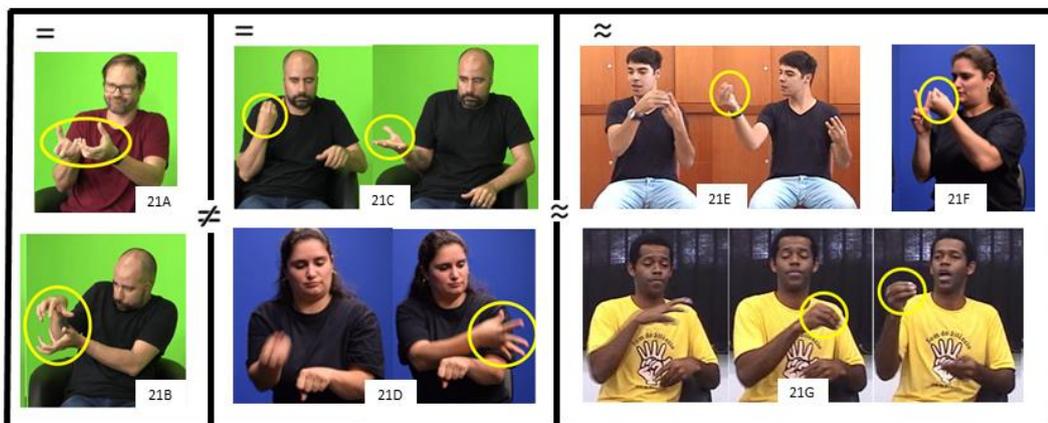


4.2.4 Menino dá as pêras em troca do chapéu (II)



4.2.4

Menino dá as pêras em troca do chapéu Contraste entre as ações manuais



4.2.4

Os três meninos comem as pêras Contraste entre as ações manuais



4.3.1. Discussão dos dados: Aparência do agricultor

4.3.1 Chapéu



Algumas ações manuais parecem designar o referente “chapéu” **ao mesmo tempo** que retratam visualmente a sua aparência (1A e 1C)

Outras ações manuais estão mais claramente restritas à função de retratar visualmente a aparência do chapéu (1B e 1G) e nesse caso sucedem sintagmaticamente a possível ação nominal que designa o referente (1A e 1F)

Formas 1D/1E e 1F/1H estão dicionarizadas e podem ser variações linguísticas convencionais de nomes na libras

4.3.1 Barba e bigode



A ação manual 2C/2D está dicionarizada e pode ser um nome convencional da libras

Assim como no caso do “chapéu”, as ações manuais 2A, 2B, 2E e 2F parecem designar o “bigode”, a “costeleta” ou “barba” **ao mesmo tempo** que retratam visualmente a sua aparência

A diversidade de ações manuais, no entanto, sugere que 2C/2D seria apenas parcialmente convencional, ou ainda que retratar visualmente objetos seja mais relevante para os surdos do que designá-los

4.3.1

Aparência do agricultor

A maior parte das expressões sobre a aparência do agricultor parece estar mais associada à criatividade de cada narrador do que a formas convencionais da libras

Ações manuais que designam o referente ao mesmo tempo em que o retratam visualmente não parecem ter correlatos com itens lexicais de LOs

No entanto, mesmo as ações manuais idiossincráticas revelam a propriedade da “articulação”, explorando configurações de mão e movimentos convencionais altamente produtivos nessa língua, ao passo que a localização parece ser indicial/dêitica



4.3.2. Discussão dos dados: Cestas

4.3.2

Três cestas

3A parece se distinguir das demais ações manuais referentes às três cestas pela função de “localizar três objetos” no espaço, sem retratar visualmente a sua forma



3B, 3C, 3D e 3E seguem o padrão da aparência do agricultor, designando as três cestas ao mesmo tempo que as retratam visualmente como um objeto redondo



A diversidade de formas para retratar um “objeto redondo” mostra que a criatividade de cada narrador prepondera sobre qualquer suposta convencionalidade

4.3.2

Três cestas

A forma da ação manual em 3B, 3F, 3G, 3H e 3I se mostrou a mais convencional para designar e retratar visualmente as três cestas



Quando observamos todas essas ações manuais, percebemos que formas “dicionarizadas” como em X abaixo talvez sejam escolhidas arbitrariamente



Em uma cultura em que tipos de “chapéu”, “bigode”, “cestas” fossem inerentes à vida cotidiana, ações manuais convencionais para se referir a esse(s) objeto(s) seriam mais recorrentes nas narrativas?

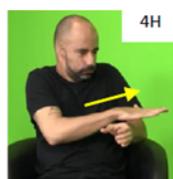
4.3.2

Cesta cheia

Algumas ações manuais convencionais da libras apresentam uma flexibilidade formal na narrativa, sendo manipulados de modo local e criativo por cada narrador



4G é uma primeira forma *não marcada* da ação manual para designar “estar cheio”, mais abstrata e aplicável a outros contextos (i.e. dicionarizável)



4H e 4I, no entanto, modificam a mão não-dominante desta ação convencional com base no contexto específico da narrativa (i.e. o formato da cesta em 4H e o número de cestas em 4I)

4.3.2

Cesta cheia



4L é outra forma *não marcada* para designar “estar cheio”, também mais abstrata e aplicável a outros contextos



4K, 4M e 4N, no entanto, incorporam na mão não-dominante formas ligadas ao formato da cesta (4K) e ao número de cestas (4M e 4N), vinculados ao contexto imediato da narrativa

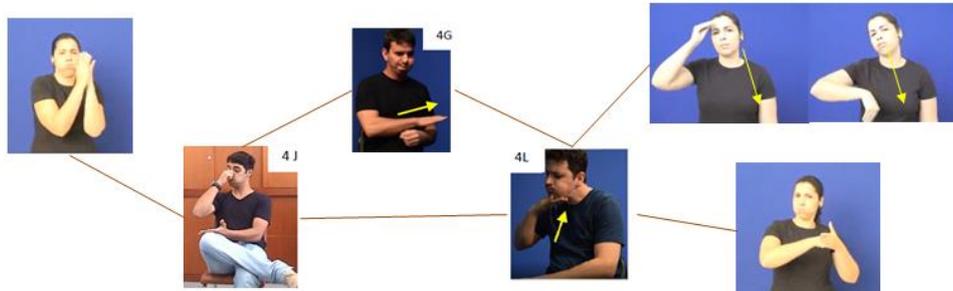


4M e 4N ainda se diferem pela localização da mão dominante, realizada de modo não marcado em 4M (no queixo) e vinculada ao primeiro item da bóia em 4N (i.e. a cesta localizada à direita do narrador)

4.3.2

Cesta cheia

Apesar dessa flexibilidade, as ações manuais convencionais que designam a noção de “estar cheio” integram o sistema linguístico da libras, estabelecendo relação paradigmáticas de forma e sentido com outras ações



Exemplo de relações paradigmáticas de sinonímia entre ações manuais convencionais da libras

4.3.2

Cesta cheia

Alguns contextos sintagmáticos revelam três diferentes nuances de “cesta cheia” que cada ação manual introduz

Ação manual em A3/B3 apresentam mais claramente a função de retratar visualmente “o modo como” a cesta estava cheia de pêras e por isso precisa suceder sintagmaticamente as demais formas

A



B



C



Retrato visual da cesta cheia

Processo de preenchimento

Completude do preenchimento

4.3.2

Cesta meio cheia x Cesta meio vazia

A similaridade de 4A, 4B, 4C e 4D sugere que essas ações manuais também sejam convencionais e dicionarizáveis



No entanto, a direção e a qualidade do movimento e a localização inicial e final da mão dominante ao especificar o conteúdo das cestas revelam a sua flexibilidade gradiente, associada ao ponto de vista criativo de cada narrador



Cesta meio cheia



Cesta meio vazia



Cesta totalmente vazia

4.3.2

Cesta vazia

A ação manual 5D/5E, por um lado, e a ação 5F/5G/5H por outro lado, são convencionais e integram o sistema linguístico da libras



Por exemplo, ao observar as características quirêmicas de 5D/5E, a nuance de “estar vazio” parece ser uma extensão semântica abstrata de uma ação manual convencional e polissêmica da libras (imagem X) que pode se referir a: “a imagem de uma caveira” → “o esqueleto humano” → “ossos” → “vazio ou ausência”

4.3.2

Cestas como cenário

A “cesta” como cenário apresenta três diferentes formas em uma mesma narrativa



Seriam essas formas meramente arbitrárias ou teriam significações específicas no contexto da narrativa?



A forma 6A é igual à 3A, a qual atribuímos a função de “localizar três objetos no espaço” no início da narrativa



A forma 6B também é realizada em três diferentes locais e parece realizar essa mesma função de localização

A forma 6C talvez realce o conteúdo da cesta que interessa ao menino, além da localização?

4.3.2

Colocando as cestas na bicicleta

O fato de as ações manuais 7D, 7E, 7F, 7G e 7H serem idênticas e compartilhadas pela maioria dos narradores poderia sugerir que fossem ações manuais convencionais da libras para designar a noção de “erguer um objeto de tal tipo”



No entanto, seu ponto de localização inicial e final, bem como o tipo e a qualidade do movimento estão intimamente vinculados ao contexto específico desta narrativa



Também chama a atenção neste caso o fato de essas ações manuais serem quase idênticas à ação ergótica do menino de erguer a cesta



4.3.2

Colocando as cestas na bicicleta



A ação manual 7B se assemelha às anteriores exceto pela configuração de mão, ainda que apresente o mesmo potencial de se assemelhar a uma ação manual ergótica

A criatividade de 7C consiste na ação de “levantar a cesta” preservando a forma da ação manual já utilizada pela narradora para se referir a cesta, ao mesmo tempo em que contextualiza essa ação com a bóia da mão (esquerda) que segura o guidão

7A revela uma característica criativa do narrador Luciano, que demonstra ao longo de toda narrativa uma tendência de sempre enriquecer a perspectiva do narrador em 1ª pessoa com uma perspectiva em 3ª pessoa, explorando o espaço diagramático além do subrogado

4.3.2

A cesta cai da bicicleta



Novamente a ação manual 8A revela a tendência do narrador Luciano de enriquecer a perspectiva do narrador em 1ª pessoa (em 8B) com uma perspectiva em 3ª pessoa, na qual sua mão direita representa a “cesta” e a esquerda a “bicicleta”

Embora a ação manual 8B/8C/8D também pareça apresentar convencionalidade, seu ponto de localização e movimento também dependem inteiramente do contexto imediato da narrativa

4.3.2

Cestas

As ações manuais referentes às cestas também parecem fortemente associadas à criatividade de cada narrador ao invés de fixadas em formas convencionais da libras

Ações manuais convencionais da libras revelam flexibilidade e são modificadas de modo local, e por vezes gradiente, de acordo com o contexto imediato da narrativa



As modificações locais das ações manuais, assim como os diferentes uso do espaço (diagramático ou subrogado), refletem pontos de vista criativos dos narradores

Algumas ações manuais mais comuns entre os narradores poderiam sugerir que são convencionais, porém a sua localização, tipo e qualidade do movimento são dependentes do contexto específico desta narrativa e se assemelham a ações ergóticas

4.3.3. Discussão dos dados: Bicicleta

4.3.3

A bicicleta vs. O andar de bicicleta



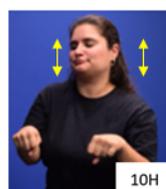
A ação manual 9A, 9B e 9C é a forma não marcada para se referir ao referente “bicicleta”, aplicável a outros contextos e sempre antecede a ação do “andar de bicicleta”



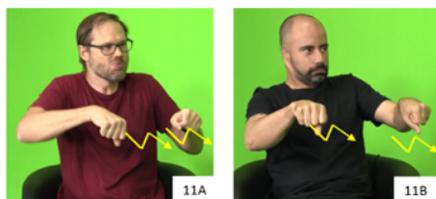
O “andar de bicicleta” em 10E/10F/10G envolve um tipo de movimento de ombros e de braços que parece estar ligado à **qualidade** do andar de bicicleta do menino, ao mesmo tempo que o retrata em 1ª pessoa

4.3.3

As mãos como pedal vs. guidão



10H difere das demais ações manuais que designam “o andar de bicicleta” em 1ª pessoa pelo fato de as mãos permanecerem fixas, representando a ação manual ergótica do menino que “segura o guidão”



Nas narrativas de Luciano e Jeferson, no entanto, as ações manuais que representam o guidão (ao invés dos pedais) em 11A e 11B só são empregadas no contexto específico de representar o esforço do menino carregando a pesada cesta de pêras na bicicleta em um terreno irregular e cheio de pedras

4.3.3

O andar de bicicleta



10A



10B

As ações manuais 10A, 10B, 10C e 10D se distinguem das formas anteriores pela perspectiva em 3ª pessoa e por aparentemente realçarem a **direção** e o **tipo de trajeto** (ao invés da qualidade) do andar de bicicleta



10C



10D

Embora as configurações de mão em 10A e 10B sejam predominantes entre os narradores e aparentemente mais convencionais para se referir à “bicicleta”, a diversidade de configurações de mão revela a criatividade de cada narrador para designar esse objeto

4.3.3

O menino e a menina se cruzam de bicicleta



A localização inicial e final das ações manuais que representam o encontro de bicicleta depende do contexto e da perspectiva adotada por cada narrador

Quando comparamos as ações manuais de Alexandre (14C/14J) e Luciano (14G/14I), vemos que até mesmo a perspectiva em 3ª pessoa pode apresentar diferentes pontos de vista dependendo da orientação das mãos e direção do movimento

14D se difere de todas as demais ações manuais referentes ao encontro de bicicleta entre o menino e a menina por apresentar uma perspectiva mista entre 3ª pessoa (a bicicleta da menina na mão direita) e 1ª pessoa (a mão do menino segurando o guidão na mão esquerda)

4.3.3 Interações entre o menino e a bicicleta



Nas diversas ações manuais que se referem ao menino em interação com a bicicleta (montado nela, subindo nela, caindo dela), os narradores criativamente alternam entre dois tipos de ações manuais:

- ❑ aquelas em que as mãos representam o modo como o menino segura o guidão (12B/C/D/E; 13D/E; 15C/D/E), em uma perspectiva em 1ª pessoa
- ❑ aquelas em que as mãos representam a própria bicicleta (12A, 13A/B/C; 15A/B), em uma perspectiva em 3ª pessoa

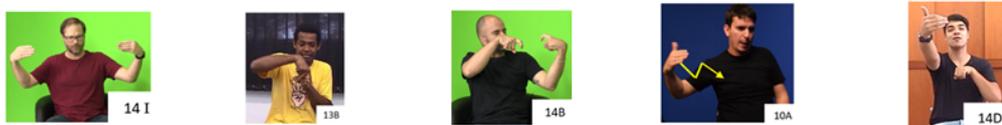
4.3.3

A bicicleta

Assim como no caso da aparência do agricultor e das cestas, as formas das ações manuais referentes à bicicleta no que diz respeito à configuração de mão parecem depender da criatividade de cada narrador

Ao descrever as diversas formas de interação entre o menino e a bicicleta, os narradores surdos criativamente alternam entre ações manuais com perspectivas em 1ª e 3ª pessoa

Essas perspectivas em 1ª e 3ª pessoa são também exploradas sob diferentes pontos de vista, a partir de mudanças na orientação das mãos e na direção do movimento



4.3.4. Discussão dos dados: Pêras

4.3.4 Colhendo pêras na árvore

tipificação

1ª sequência
Introdução do agricultor

2ª sequência
Agricultor retorna à colheita após encher cestas

3ª sequência
Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa

tipificação

1ª sequência
Introdução do agricultor

2ª sequência
Agricultor retorna à colheita após encher cestas

3ª sequência
Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa

As ações manuais referentes à “colher pêras” e “guardá-las no bolso” iniciam de modo mais segmentado e icônico e têm a sua CM, MOV e LOC progressivamente tipificados ao longo das narrativas de Luciano e Jeferson

A ação manual de Jeferson em 1 se distingue das ações dos demais narradores pelo movimento em zigue-zague, que parece designar as “pêras na árvore” ao invés de “colher” e “colocá-las no bolso”

4.3.4 Colhendo pêras na árvore

tipificação

1ª sequência
Introdução do agricultor

2ª sequência
Agricultor retorna à colheita após encher cestas

3ª sequência
Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa

1ª sequência
Introdução do agricultor

2ª sequência
Agricultor retorna à colheita após encher cestas

3ª sequência
Agricultor colhe pêras enquanto o menino passa

4ª sequência
Agricultor colhe pêras pouco antes dos 3 meninos passarem

As ações manuais de Alexandre apresentam menor variação nesse processo de tipificação e o narrador explora criativamente a bóia referente à “árvore” como cenário

As ações manuais de Sandro são altamente tipificadas desde o início até o final da narrativa

4.3.4

Colocando pêras na cesta



As ações manuais de Luciano, quando observadas sequencialmente, revelam uma progressão, inicialmente com as mãos alternadas (1), em seguida com ambas unidas reproduzindo o mesmo movimento (2) e por fim alternadas com movimentos circulares



As ações manuais de Sandro são as que mais se aproximam das ações manuais ergóticas do agricultor



4.3.4

Colocando pêras na cesta



As ações manuais de Alexandre são sempre tipificadas e a configuração de mão e movimento parecem mais abstratos na designação de um “objeto” colocado “em algum lugar”



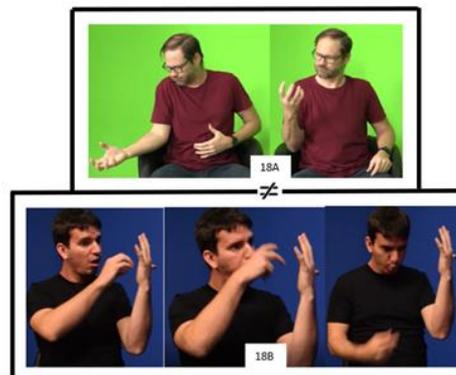
As ações manuais de Jeferson parecem designar genericamente a ação repetitiva de “tirar as pêras do bolso e colocar na cesta” (1) ou, como Alexandre, simplesmente “colocar algo em algum lugar” (2), e ao final se aproximam da ação ergótica do agricultor (3)

4.2.4

Uma pêra cai no chão

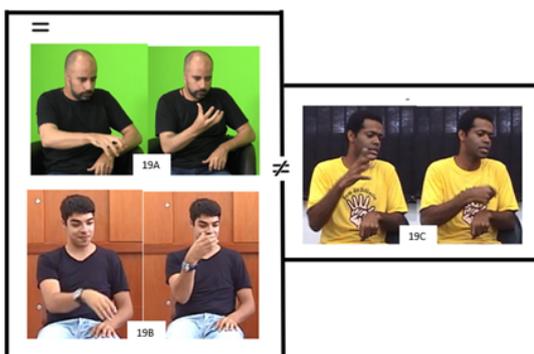
A ação manual de Luciano (18A) apresenta uma mesma configuração de mão em forma de garra, se deslocando do espaço representando a copa da árvore para o espaço abaixo representando o chão

Diferentemente, Josélio (18B) segmenta esse evento em duas ações manuais, uma com a configuração de mão em forma circular representando a fruta presa à árvore e outra ação manual convencional da libras, que usualmente designa “a queda de uma pessoa” mas que aqui é abstraída para representar também “a queda de uma fruta”



4.2.4

O menino pega uma pêra da cesta



A ação manual que representa o menino pegando uma das pêras da cesta nas narrativas de Jeferson e Alexandre (19A e 19B) é similar à ação manual ergótica do menino

A ação manual de Sandro, diferentemente, é mais tipificada pelo fechamento completo das mãos ao final, e é uma ação convencional da libras que designa a ideia de “pegar algo” de modo abstrato, aplicável a diversos contextos, incluindo objetos não tangíveis (ex. “selecionar uma entre várias ideias do interlocutor para comentar em um debate”)

4.2.4

Todas as p eras da cesta caem no ch ao

A a o manual em 20A, 20B e 20C   uma a o manual convencional da libras, designando “algo que se espalha”, com um sentido abstrato aplic vel a diversos outros contextos, incluindo o de objetos n o tang veis (ex. disseminar uma not cia)

As a es manuais em 20D, diferentemente, parecem real ar n o o conjunto de p eras se espalhando, mas sim as p eras individualmente rolando pelo ch ao



4.2.4

Menino d  as p eras em troca do chap u



As a es em 21A e 21B demonstram a prefer ncia desses narradores em real ar o formato das p eras, mas tamb m vemos a criatividade individual ao expressar diferentes disposi es das m os ao segurar as p eras para entreg -las aos meninos

A a o manual em 21E, 21F e 21G   uma forma n o marcada para designar a ideia de “dar algo a algu m” na libras, abstrata e aplic vel a outros contextos, mas em 21E e 2F essa a o   criativamente enriquecida por ser direcionada **de** uma b ia (em 21E, representando 3 p eras) ou **para** uma b ia (em 21F, representando 2 meninos)

A a o manual em 21C e 21D seriam apenas uma variante lingu stica convencional de 21G ou a abertura da m o ao final acrescenta alguma nuance de sentido ao evento?

4.2.4

Os três meninos comem as pêras

As ações manuais de Luciano em 22A e 22B parecem designar, pelo engajamento das duas mãos e por sua configuração mais abstrata, a ação conjunta dos três meninos comendo as pêras que ganharam, em uma perspectiva em 3ª pessoa

A ação manual em 23C/D/E/F assume um formato similar à ação ergótica de segurar a pêra, assumindo uma perspectiva em 1ª pessoa, e se asselemam por um movimento de baixo para cima que parece distinguir a ação manual convencional da libras que designa a fruta “maçã” de uma outra possível ação manual convencional que designaria a ideia de “comer uma fruta de formato similar ao de uma maçã”



4.2.4

As pêras

As ações manuais referente às pêras reforçam as observações previamente feitas em relação à aparência do agricultor, às cestas e à bicicleta

Até mesmo dentro da história de um único narrador, as mesmas ações do menino e de outros personagens em referência à pêra são realizadas de diferentes maneiras para expressar nuances de sentido a partir da criatividade de cada narrador



Ao mesmo tempo, há graus de convencionalidade tanto na distribuição das ações entre os narradores quanto nos componentes quirêmicos que as constituem, sendo difícil dicotimizá-las em termos de “convencionais x idiossincráticas”, ou “articuladas x holísticas”

4.4. Conclusões parciais: Problematizações de McCleary e Viotti (2011)

4.4

Conclusões parciais Flexibilidade dos “sinais” nas LSs (P1)

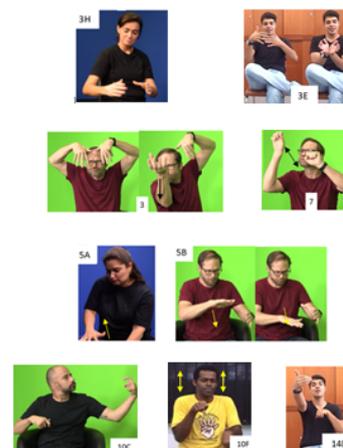
- ✓ A opção por diferentes formas das ações manuais revelou seu potencial de adaptação aos contextos imediatos da narrativa
- ✓ Mesmo algumas ações manuais convencionais e ditas “congeladas” se mostraram flexivelmente modificadas de maneira ad-hoc pelos narradores
- ✓ No entanto, alguns questionamentos:
 - ✓ será adequado investigar a “flexibilidade das ações manuais” nas LSs sob o viés de glosas emprestadas de LOs, tais como PEGAR e PÔR?
 - ✓ deveríamos tratar tais ações como variações de um “mesmo item lexical”, ou como “diferentes itens lexicais”?
 - ✓ indo além, a própria noção de “item lexical” poderia ocultar viéses teóricos e empíricos das LOs?



4.4

Conclusões parciais Criatividade lexical nas LSs (P2)

- ✓ Narradores surdos apresentaram grande criatividade ao se referir aos mesmos objetos e eventos da história da pêra
- ✓ Observamos que essa criatividade esteve relacionada a:
 - ✓ seleção de componentes quirêmicos para designar formas de objetos e modos de ação
 - ✓ opções por maior ou menor detalhamento vs. tipificação visual das cenas
 - ✓ modificação de ações manuais convencionais para fins de coesão textual e pontos de vista
 - ✓ alternância entre perspectivas narrativas em 1ª e 3ª pessoa



4.4

Conclusões parciais Correlatos entre LSs e LOs (P3)

- ✓ A grande criatividade na referência a objetos e ações que observamos nas narrativas em LSs não parece ter correlato com as palavras das LOs, que demonstram uma clara tendência à convencionalidade
- ✓ No entanto, essa criatividade esteve assentada sobre um repertório de configurações de mão e movimentos convencionais e altamente produtivos no léxico da libras, tal como se observa nos elementos fonológicos/morfêmicos de palavras nas LOs
- ✓ As funções de “designar” e “retratar visualmente”, que nas LOs aparecem distribuídas entre “palavras” e “gestos” que co-ocorrem simultaneamente, nas LSs por vezes parece estar unificada sob uma única ação manual



4.4

Conclusões parciais Correlatos entre LSs e LOs (P3)

- ✓ As diferenças entre as ações manuais das LSs e as palavras das LOs deve também estar relacionada à natureza do articulador manual em contraposição ao articulador vocal, tendo em vista o grande potencial depictivo (pictórico) das mãos
- ✓ Soma-se a isso a importância da visualidade na experiência surda, especialmente quando constatamos o fato de que, do ponto de vista pragmático, a maior parte das descrições visuais das narrativas em LSs parece ter pouca ou nenhuma relevância nas narrativas em LOs



Uma estranha narrativa hipotética em português

“Era um lugar rural, cheio de árvores e tinha um fazendeiro usando chapéu com uma aba achatada e um bigode grosso, colhendo pêras na árvore. Ele pegava uma pêra aqui, outra lá e se metia entre os galhos pra pegar outras mais escondidas...”

4.4

Conclusões parciais

Estatuto dos “sinais” nas LSs (P4)

- ✓ Os componentes quirêmicos que constituem as ações manuais aqui descritas, e por vezes até mesmo de ações manuais convencionais, parecem **simultaneamente** apresentar propriedades
 - a) icônicas/indiciais e opacas/arbitrárias
 - b) ad-hoc/idiossincráticas e convencionais
 - c) holísticas e articuladas

- ✓ Nesse sentido, podemos questionar em que medida a dicotomia “língua vs. gesto” ou “sinal vs. gesto” seria um ponto de referência adequado para compreensão das LSs – ou até mesmo das LOs, se considerarmos que essa dicotomia pode revelar um viés analítico introduzido pela tecnologia escrita



Reflexão baseada no esquema
de McCleary e Viotti (2009)

APÊNDICE B – SUMÁRIO COM LINKS PARA TESE VIDEOGRAVADA

1. Introdução
1.1. Contexto e justificativa da tese videogravada em libras
1.2. Contexto e justificativa do debate sobre “língua e gesto”
1.3. Objetivo geral e específicos
1.4. Apresentação da tese
2. Fundamentação teórica
2.1. Introdução da fundamentação teórica
2.2. Porque “gestos” e “sinais” tem sido historicamente distintos
2.2.1. A natureza multimodal da comunicação humana
2.2.2. A exclusão do “gesto” como objeto dos estudos linguísticos
2.2.3. O tabu do “gesto” na linguística das línguas de sinais
2.3. Tipos e funções de “gestos”
2.4. Tipos e funções de “sinais”
2.5. Problematizações de McCleary e Viotti (2011)
3. Metodologia
3.1. Introdução da metodologia
3.2. Definição do objeto de pesquisa
3.3. Geração de dados
3.4. Metodologia de análise
3.5. Construção da tese videogravada em libras
3.5.1. Importância dos gêneros acadêmicos videogravados em libras
3.5.2. Primeiros autores de textos acadêmicos videogravados em libras
3.5.3. Reflexões sobre um gênero de discurso emergente
3.5.4. Proposta para esta tese
4. Análise
4.1. Introdução da análise
4.2. Descrição dos dados
4.2.1. Ações manuais em referência à aparência do agricultor
4.2.2. Ações manuais em referência às cestas
4.2.3. Ações manuais em referência à bicicleta
4.2.4. Ações manuais em referência às pêras
4.3. Discussão dos dados
4.3.1. Problematizações sobre as ações manuais em referência à aparência do agricultor
4.3.2. Problematizações sobre as ações manuais em referência às cestas
4.3.3. Problematizações sobre as ações manuais em referência à bicicleta
4.3.4. Problematizações sobre as ações manuais em referência às pêras
4.4. Conclusões parciais: Problematizações de McCleary e Viotti (2011)
5. Considerações finais
5.1. Síntese da tese e resultados
5.2. Reflexões sobre a área de “estudos do gesto”
5.3. Reflexões sobre a área de “linguística das LSs”
5.4. Observações sobre a produção de teses videogravadas em libras
5.5. Contribuições da pesquisa, limitações e questões futuras

ANEXO A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS 510/16**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de doutorado em linguística intitulada “A modalidade manual na comunicação humana: uma investigação comparativa da “história da pera” narrada por pessoas surdas e ouvintes em diferentes condições de produção” que está sendo desenvolvida por mim, Marcelo Porto, portador do CPF 041.037.459-83, aluno do Curso de Pós-Graduação em Linguística da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) sob orientação da professora Marianne Rossi Stumpf (CPF 629.042.800-49) e co-orientação do professor Tarcísio Arantes Leite (CPF 153.815.648-21).

a) O objetivo desta pesquisa é investigar como pessoas surdas e ouvintes narram histórias em libras e em português. Como benefício acadêmico, essa pesquisa deve contribuir para aprofundar o nosso conhecimento sobre as línguas de sinais e sobre a sua relação com as línguas orais e com a comunicação humana em geral. Como benefício social, ela contribuirá para quebrar com mitos e preconceitos sociais em relação às línguas de sinais faladas pelas comunidades de surdos.

b) Caso você aceite participar da pesquisa, você será convidado a assistir a um filme sem palavras de cerca de 5 minutos, similar a um cinema mudo, para depois recontar a um amigo ou parente a história assistida. Você poderá assistir o filme quantas vezes julgar necessário para ficar familiarizado com a história e poder contá-la de modo detalhado. A sua recontagem será filmada para ser mais tarde estudada e analisada pelo pesquisador.

c) Para realizar a filmagem, você precisará ir até o local de gravação em dia e horário previamente acordados com o pesquisador. O local poderá ser um estúdio de gravação indicado pelo pesquisador, ou outro lugar de sua preferência.

d) É possível que você experimente algum desconforto em ser filmado, principalmente relacionado à exposição da sua imagem no vídeo. Por isso, buscaremos um local em que você se sinta à vontade e um interlocutor com quem você tenha uma relação próxima. Ainda assim, caso você não se sinta à vontade para ser filmado, você poderá

interromper a sua participação a qualquer momento. Você será acompanhado durante todo o processo e receberá a assistência necessária ao longo de toda a pesquisa.

e) O principal risco relacionado ao estudo é a exposição de sua imagem pessoal quando a pesquisa for disseminada, seja em eventos ou publicações, tendo em vista que as análises da narrativa serão feitas com base em fotos e vídeos. Contudo, as suas imagens não serão divulgadas com outras pessoas ou em quaisquer outros contextos exceto o acadêmico.

f) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade. Se necessário, o pesquisador se responsabiliza pelo custo de seu trajeto até o local de filmagem e você será ressarcido por qualquer despesa com transporte. Mas você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

g) Fica também garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa.

h) Para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter antes, durante ou depois de encerrado o estudo, a professora orientadora e o aluno pesquisador estarão disponíveis através dos seguintes contatos:

Marianne Stumpf - e-mail stumpfmarianne@gmail.com, telefone (48) 99913-6750, na sala 508 do Bloco D do CCE (Centro de Comunicação e Expressão) do Campus Reitor João David Ferreira Lima – Trindade – CEP 88.040-900 – Florianópolis – SC.

Marcelo Porto – e-mail portolopes@gmail.com, telefone (48) 98832-0169 e endereço Rua General Carneiro, nº 460, Edifício Dom Pedro I, 12º Andar - CEP 80060-150, Centro, Curitiba – PR.

i) A sua participação neste estudo é voluntária e, se você desistir de participar da pesquisa, você poderá fazer isso a qualquer momento, solicitando que lhe seja devolvido este Termo de Consentimento assinado.

j) Com exceção de suas imagens, nenhuma informação relativa à sua identidade pessoal será divulgada, de modo a favorecer a sua confidencialidade. No entanto, é preciso estar ciente de que você pode eventualmente ser identificado por leitores deste trabalho a partir das imagens que integrarão as análises.

k) As gravações contendo a sua narrativa serão utilizadas unicamente para essa pesquisa e serão descartadas após o término do estudo, dentro de 2 anos.

l) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC no Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Contato: (48) 3721-6094, cep.propesq@contato.ufsc.br. O CEPSH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

n) Esse *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* está baseado nas diretrizes contidas na resolução CNS 510/16, às quais os pesquisadores se comprometem a cumprir. É elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, por você e pelos pesquisadores.

Eu, _____, declaro que li esse Termo de Consentimento, recebi uma cópia do documento e compreendi a natureza e objetivo do estudo, do qual concordei em participar. A explicação que recebi do pesquisador esclareceu os meus riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper a minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo e declaro estar ciente de que minhas imagens serão divulgadas para fins de análise do trabalho, podendo ser veiculadas exclusivamente no contexto acadêmico ligado ao projeto.

_____, _____ de _____ de _____.

[Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal]

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE]